



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Engenharias

# PROJECTO DE REABILITAÇÃO URBANA CIDADE UÍGE (CARMONA) - ANGOLA

Fabiana Carina Resende Almeida

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitectura**  
(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientador: Prof. Doutora Ana Lúcia Virtudes

Covilhã, Outubro de 2013



PROJETO DE REABILITAÇÃO  
URBANA

CIDADE UÍGE (CARMONA) - ANGOLA





## Dedicatória

Dedico esta dissertação ao povo ANGOLANO e em especial aos CIDADÃOS da cidade de UÍGE, pelo seu afecto e hospitalidade natural. Pelo facto de me terem acolhido de forma carinhosa durante dois meses no ano 2012.



## Agradecimentos

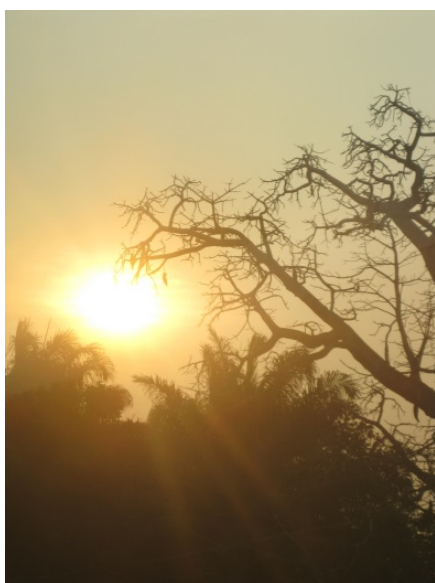


Imagem 1 - Pôr-do-Sol em Angola

Começo por agradecer a todas as pessoas que directamente ou indirectamente contribuíram para o realizar de todo o curso e em especial esta dissertação. Amigos que me ajudaram, apoiaram, deram força e incentivaram a nunca desistir.

Um muito obrigado, especial, aos meus pais, irmão e avós pelo esforço de cinco anos, pelo apoio incondicional, pelo facto de abdicarem de muitas coisas nas suas vidas para eu conseguir chegar à meta deste percurso.

Não esquecendo a minha orientadora que me apoiou nas escolhas feitas e me ajudou para que estas tivessem o melhor resultado possível.

Obrigado a todos os que fizeram e fazem com que o Sol, aos meus olhos, nasça radiante todos os dias e tão belo como o pôr-do-Sol de Angola (Imagem 1).



## Resumo

Esta dissertação tem como objectivo apresentar uma proposta de REABILITAÇÃO URBANA para a CIDADE do UÍGE antiga CARMONA, localizada em ANGOLA.

Para que tal proposta tenha fundamento e faça sentido, torna-se necessária uma abreviada análise do contexto onde o projecto de desenho urbano será inserido. Portanto, de forma breve estuda-se e reflecte-se sobre o modelo arquitectónico e urbanístico das cidades coloniais angolanas e em concreto sobre Uíge.

Actualmente, numa primeira perspectiva observa-se que esta cidade se encontra suja, degradada e confusa, mas com uma grande dinâmica entre a população e o espaço urbano pelo modo como circulam pelas ruas, dando-lhes vida, festa, alegria e interacção. Consequentemente, nada parece monótono e igual, neste espaço singular e com identidade.

Na verdade trata-se de uma cidade colonial, de um período tardio, com edifícios próprios do mesmo que corresponde essencialmente à década de 60. Encontra-se bem conservada, insinuando-se como um “museu à escala real”, no que respeita à estrutura urbana base, onde se reconhece facilmente todo o seu traçado. Esta realidade contrasta com a aparente desorganização e degradação que a cidade apresenta no seu quotidiano, na forma como ao longo do tempo foi cuidada. Possivelmente, a falta de preocupação em relação à sua imagem, não é alheia às vivências dos seus habitantes que fruem de forma activa todo o espaço, como se tudo fosse de todos.

Na procura por respeitar e preservar as particularidades deste lugar a proposta baseia-se na definição de medidas projetuais de desenho urbano para o centro de Uíge, no troço compreendido entre o parque da cidade (Praça da Independência) e a Praça do Governo Provincial (Praça de Lisboa ou Frente Norte). Estes dois elementos urbanos, são considerados marcantes, pelo que se pretende que possam vir a funcionar como os principais locais de estadia, de convívio, de encontro entre os cidadãos, criando um eixo de centralidade entre ambos.

Em suma, esta dissertação apresenta algumas sugestões de reabilitação urbana, nomeadamente ao nível do edificado, materiais de construção ou distribuição das actividades, com relevo para o sector terciário (comércio e serviços) e para os espaços públicos.

## Palavras-chave

Projecto de reabilitação urbana, Uíge (Angola), Praça do Governo Provincial, Praça da Independência, Eixo de Centralidade.



## Abstract

This dissertation aims to present a proposal of URBAN RENEWAL for the city of UÍGE, old CARMONA, situated in ANGOLA.

In order that this proposal has got a justification and makes sense, it becomes necessary a brief analysis of the context where the draft of urban design will be inserted. Thus fairly brief it is studied and reflected on the architectural and urban model of the Angolan colonial towns and in concrete on Uíge.

Currently, a first perspective notes that this city is dirty, degraded and confused, but with a great dynamic between the population and the urban space by how they circulate through the streets, giving them life, celebration, joy and interaction. Consequently, nothing seems drab and equal, in this singular space, with its own identity.

Actually, this is a colonial city, from a late period, with buildings from that time, which corresponds essentially to the Decade of 60. The town is well preserved, insinuating itself as a "full-scale Museum". However, this reality contrasts with the apparent or real clutter that the city provides. It is maintained with regard to the base structure of the city, where one can recognize easily all its track. Nevertheless, it is degraded and disorganized in how over time it was cared for. Possibly the lack of concern regarding the city's appearance gives greater freedom to passers-by to live actively the entire space, as if everything belonged to everyone.

In the search for the respect and preservation of the particularities of this place, the proposal is based on the definition of project measures of urban design for the centre of Uíge, in the stretch between the City Park (Independence Square) and the Provincial Government Square (Lisbon Square or Northern Front). These two urban elements will be considered vital, that is, it is intended that they will be connected with the identity of this city. It is envisioned that they may function as the main places of residence, conviviality, encounter between citizens, creating an axis of centrality.

In sum, this dissertation presents some suggestions for the rehabilitation of the existing buildings, particularly at the level of the façades, building materials and distribution of the activities, with prominence to the tertiary sector (trade and services) and public spaces.

## Keywords

Urban rehabilitation project, Uíge (Angola), Provincial Government Square, Independence Square, axis of centrality.



# Índice

<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>V</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>VII</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>IX</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>XI</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>XVII</b>
<b>LISTA DE ACRÓNIMOS .....</b>	<b>XXIII</b>
<b>CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
1.1 <i>Relevância da Temática</i> .....	3
1.2 <i>Objectivos</i> .....	4
1.3 <i>Metodologia</i> .....	5
1.4 <i>Estrutura</i> .....	6
1.5 <i>Estado de Arte</i> .....	7
<b>CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DE ANGOLA .....</b>	<b>13</b>
2.1 <i>Enquadramento Geográfico</i> .....	13
2.1.1 Geografia.....	13
2.1.2 Clima .....	15
2.1.3 Fauna e flora .....	16
2.2 <i>Enquadramento histórico</i> .....	17
2.2.1 Um pouco da História.....	17
2.2.2 Figuras históricas e Feriados .....	18
2.3 <i>Enquadramento socioeconómico e cultural</i> .....	19
2.3.1 População.....	19
2.3.2 Etnias, línguas e religiões .....	21
2.3.2.1 Etnias .....	21
2.3.2.2 Línguas e religiões.....	22
2.3.3 Economia e Política .....	22
2.3.4 O povo, a Arte e a Cultura .....	25
2.3.4.1 O Povo.....	25
2.3.4.2 Música e dança .....	26
2.3.4.3 Arte e artesanato .....	27
2.3.4.4 Literatura .....	28
2.3.4.5 Festas e Gastronomia .....	28
<b>CAPÍTULO III – CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUITECTÓNICA E URBANÍSTICA DAS CIDADES ANGOLANAS.....</b>	<b>33</b>
3.1 <i>Ocupação e Urbanização do território Angolano</i> .....	33
3.1.1 Colonatos .....	36
3.1.2 Núcleos urbanos litorâneos de raiz espontânea .....	37
3.1.3 Núcleos urbanos sob influência da estrutura ferroviária e da rede rodoviária.....	38
3.2 <i>As cidades coloniais angolanas</i> .....	38
3.2.1 Principais traços arquitectónicos e urbanísticos das cidades coloniais portuguesas .....	38
3.2.2 Influências Internacionais na criação da Arquitectura e Urbanismo Colonial Angolano.....	42
3.2.2.1 A cidade moderna .....	42

3.2.2.2 A cidade-jardim e a cidade-satélite.....	42
3.2.2.3 Adaptação aos trópicos.....	43
3.2.3 A Arquitectura Colonial em Angola .....	44
3.2.3.1 Saúde e educação .....	46
3.2.3.2 Espaços de Culto, cultura e lazer .....	48
3.2.3.3 Edifícios administrativos e justiça .....	48
3.2.3.4. Mercados .....	49
3.2.4 Exemplos de sete cidades .....	50
3.2.4.1 Luanda .....	51
3.2.4.2 Lobito .....	52
3.2.4.3 Benguela .....	53
3.2.4.4 Namibe (Moçâmedes).....	54
3.2.4.5 Lubango (Sá da Bandeira) .....	55
3.2.4.6 Huambo (Nova Lisboa).....	56
3.2.4.7 Malanje .....	57
3.2.4.8 Traços urbanos comuns a partir da análise das 7 cidades .....	58
3.3 <i>Conjuntura urbana actual de Angola</i> .....	59
3.3.1 Patrimonio Edificado Abalado.....	59
3.3.2 Musseques .....	59
3.3.3 As aldeias tradicionais angolanas e as construções em terra .....	60
3.3.4 Habitação Social e Novas Centralidades .....	62
3.3.5 Problemas das cidades actuais angolanas.....	64
CAPÍTULO IV – DIAGNÓSTICO URBANÍSTICO DA ÁREA DE ESTUDO: CIDADE DO UÍGE .....	67
4.1 <i>Breve enquadramento histórico e cultural</i> .....	67
4.1.1 A Província do Uíge .....	68
4.1.1.1 Geografia, história e população.....	68
4.1.1.2 Clima e território.....	69
4.1.1.3 Principais produções e indústrias .....	69
4.1.2 A Cidade do Uíge.....	70
4.1.2.1 Enquadramento Geográfico e Histórico.....	70
4.1.2.2 Enquadramento Cultural.....	72
4.1.2.3 Primeiros planos urbanísticos.....	72
4.2 <i>Caracterização da cidade de Uíge</i> .....	76
4.2.1 Características urbanísticas gerais .....	76
4.2.2 Acções desenvolvidas pelas Entidades Públicas.....	80
4.2.3 Uma visão sobre a cidade e o seu povo.....	82
4.3 <i>Caracterização da área de estudo: eixo de centralidade</i> .....	93
4.3.1 A praça da independência.....	98
4.3.2 A praça do Governo Provincial.....	100
4.3.3 Caracterização morfológica.....	101
4.3.3.1 Praça do Governo Provincial (Praça de Lisboa).....	101
4.3.3.2 Perfis do parque – Praça da Independência .....	102
4.3.3.3 Perfis das ruas adjacentes.....	104
4.3.4 Análise do tecido urbano do eixo de centralidade.....	105
CAPÍTULO V – PROPOSTA DE REABILITAÇÃO URBANA.....	109
5.1 <i>Descrição dos objectivos</i> .....	109
5.2 <i>Memória descritiva e justificativa</i> .....	111
5.2.1 Praça da Independência.....	111
5.2.1.1 Pavimentos .....	114
5.2.1.2 Edificado .....	114
5.2.1.2.1 Local de Recepção/posto de informação aos turistas.....	115
5.2.1.2.2 Instalações Sanitárias Públicas.....	115

5.2.1.2.3 “Cantina” – Café com esplanada.....	116
5.2.1.2.4 “Casa” de manutenção .....	116
5.2.1.2.5 Local de venda/exposição (Ver Imagem 118 e 119) .....	116
5.2.1.3 O uso da água .....	118
5.2.1.4 Arborização.....	118
5.2.1.5 Parque Infantil .....	119
5.2.1.6 Anfiteatro.....	119
5.2.1.7 Ruas adjacentes .....	120
5.2.1.8 Estacionamento.....	122
5.2.1.9 Iluminação Pública .....	123
5.2.1.10 Mobiliário urbano .....	124
5.2.2 Eixo de Centralidade .....	127
5.2.2.1 Propostas para Edificado .....	127
5.2.2.2 Proposta para a Rua.....	128
5.2.2.3 Pavimento da Rua .....	129
5.2.2.4 Pavimento dos Passeios.....	130
5.2.2.5 Estacionamento Público.....	130
5.2.2.6 Tratamento dos espaços vazios .....	130
5.2.2.7 Praça do Governo Provincial.....	130
CAPÍTULO VI - CONCLUSÕES.....	133
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>137</b>
Bibliografia Documental:.....	137
Bibliografia com recurso à Internet.....	138
Fontes das imagens.....	143
<b>INDICE DOS ANEXOS.....</b>	<b>A</b>
<i>Anexos .....</i>	<i>B</i>
<i>Anexo I: Informação suplementar do Capítulo II.....</i>	<i>B</i>
<i>Anexo II: Informação suplementar do Capítulo III.....</i>	<i>D</i>
<i>Anexo III: Informação suplementar do Capítulo IV.....</i>	<i>G</i>
<i>Anexo IV: Portefólio com as Peças Desenhadas.....</i>	<i>I</i>



## Lista de Figuras

Imagem 1 - Pôr-do-Sol em Angola.....	vii
Imagem 2 - Localização de Angola.....	13
Imagem 3 - Mapa de Angola, com divisão por Províncias.....	14
Imagem 4 - Países que fazem Fronteira com Angola.....	14
Imagem 5 - Altitudes do território de Angola.....	14
Imagem 6 - Classificação Climática de Angola.....	15
Imagem 7 - Embondeiro em Angola.....	16
Imagem 8 - Palanca Negra Gigante.....	16
Imagem 9 - Insignia.....	18
Imagem 10 - Bandeira de Angola.....	18
Imagem 11 - Quadro com Projecção da população Angolana.....	20
Imagem 12 - Indicadores Demográficos e de Saúde do ano 2010.....	20
Imagem 13 - Mapa com Distribuição Étnica em Angola.....	21
Imagem 14 - José Eduardo Dos Santos.....	23
Imagem 15 - Bandeira da UNITA.....	23
Imagem 16 - Bandeira do MPLA.....	23
Imagem 17 - Carinha Toyota Hiace.....	25
Imagem 18 - Roboteiros.....	26
Imagem 19 - Dança Angolana.....	26
Imagem 20 - Instrumento Musical “Marimba”.....	26
Imagem 21 - O “Pensador” angolano.....	27
Imagem 22 - Máscaras Tribais.....	27
Imagem 23 - Desfile de Carnaval.....	28
Imagem 24 - Festa de Nossa Senhora de Muxima.....	29
Imagem 25 -Funge.....	29
Imagem 26 - Peixe Seco.....	29
Imagem 27 - Cerveja Angolana “Cuca”.....	29
Imagem 28 - Evolução da Habitação dos Nativos, as chamadas Cubatas.....	35
Imagem 29 - Esquemas das formas de Ocupação do Território - Colonatos, Bairros Indígenas e Musseques.....	35
Imagem 30 - Comparação da distribuição de população branca entre o ano de 1940 e o de 1960.....	35
Imagem 31 - Exemplo de Tipologia Habitacional.....	37
Imagem 32 - Mapa do Império Colonial Português.....	38
Imagem 33 - Macau em 1840.....	41
Imagem 34 - Planta da cidade de Goa, em 1831.....	41
Imagem 35 - Plano de Urbanização para São Tomé e Príncipe.....	41

Imagem 36 - Plano de Urbanização de Quelimane, Moçambique .....	41
Imagem 37 - À esquerda é o Modelo de Cidades-Jardim de Etienne de Groer (1932).À direita é o Esquemas das cidades-Satélite para Luanda de Vasco Vieira da Costa (1948). .....	43
Imagem 38 - Alçados do Hospital de Malange, do Arquitecto João Simões, em 1951. ....	49
Imagem 39 - Planta e Alçados da Catedral de Nova Lisboa, do arquitecto Vasco Regaleira, em 1945. ....	49
Imagem 40 - Alçado do Edifício dos Correios em Benguela, do arquitecto José Amado, em 1947. ....	49
Imagem 41 - Estação dos CTT de Cabinda, do arquitecto Simões de Carvalho, em 1969. ....	49
Imagem 42 - Igreja no Kuito .....	50
Imagem 43 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Luanda .....	51
Imagem 44 - Plano Director de Urbanização da Ilha de Luanda, 1963; Banco Nacional de Angola em Luanda; Vista da Cidade de Luanda. ....	51
Imagem 45 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade do Lobito.....	52
Imagem 46 - Respectivamente o Plano Director do Lobito, Arquitecto Castro Rodrigues, 1969-1972; Correios e Mercado da cidade do Lobito. ....	52
Imagem 47 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Benguela .....	53
Imagem 48 - Respectivamente Plano Geral de Urbanização de Benguela, Arquitecto João Aguiar, 1950; Edifício de Administração do Município de Benguela Rua com Vista da Igreja de Benguela.....	53
Imagem 49 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade do Namibe .....	54
Imagem 50 - Respectivamente Perspectiva do Plano Geral de Urbanização de Moçâmedes, 1952; Vista de Rua e edifícios da cidade do Namibe; Fortaleza de São Fernando .....	54
Imagem 51 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Lubango .....	55
Imagem 52 - Respectivamente Plano Geral de Urbanização de Sá-da-Bandeira, Arquitecto João Aguiar, 1947; Praça dos Fundadores do Lubango; Edifício da Cidade de Lubango .....	55
Imagem 53 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Huambo .....	56
Imagem 54 - Respectivamente Plano Geral de Urbanização de Nova Lisboa, Arquitecto João Aguiar, 1947; Cineteatro do Huambo; Vista de rua da Cidade de Huambo.....	56
Imagem 55 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Malanje.....	57
Imagem 56 - Respectivamente Plano Geral de Urbanização de Malange, um dos arquitectos foi Fernando Batalha, 1951; Palácio do Governador; Vista de um edifício habitacional.....	57
Imagem 57 - Antiga Câmara de Ambriz .....	59
Imagem 58 - Os musseques da actualidade .....	60
Imagem 59 - Aldeia actual Angolana .....	60
Imagem 60 - Conjunto de Fotografias de Aldeias Angolanas com construção em Terra .....	62
Imagem 61 - Vistas de conjuntos de Habitações Sociais, os Zangos em Viana. ....	63
Imagem 62 - conjunto de Vistas das novas centralidades, cidade do quilamba. ....	63
Imagem 63 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Uíge.....	67
Imagem 64 - Esquema de Localização, do geral para o particular, da cidade de Uíge.....	67

Imagem 65 - Fotografias da Vista Natural do Município de Uíge .....	70
Imagem 66 - Plano do Bairro Indígena de Carmona, 1957. ....	73
Imagem 67 - Plano de Urbanização de Carmona, planta Parcial, arquitecta Maria Rodrigues, 1968. ....	73
Imagem 68 - Parte da folha nº 59 da carta de Angola.....	73
Imagem 69 - Conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Carmona (actual Uíge) antes de 1975 .....	74
Imagem 70 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Carmona (actual Uíge) antes de 1975.....	75
Imagem 71 - Vista da Zona da Praça do Governo Provincial antes de 1975 .....	76
Imagem 72 - Uíge na década de 60. ....	77
Imagem 73 - Uíge na década de 70. ....	77
Imagem 74 - Vista aérea (Google Earth) actual da cidade de Uíge. ....	78
Imagem 75 - Esquema da cidade de Uíge: Mostra as manchas entre cidade e bairros .....	80
Imagem 76 - Universidade Kimpa Vita - Escola Superior politécnica de Uíge no Bairro Kixicongo. ....	81
Imagem 77 - aeroporto recuperado.....	81
Imagem 78 - Primeira Centralidade na Província do Uíge. ....	81
Imagem 79 - Conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Uíge: O seu núcleo e traços coloniais .....	84
Imagem 80 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Uíge: O seu núcleo e traços coloniais .....	85
Imagem 81 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Uíge: O seu núcleo e traços coloniais .....	86
Imagem 82 - Vistas aéreas da cidade da cidade de Uíge .....	86
Imagem 83 - Conjunto de Fotografias que mostram um percurso pela cidade Uíge.....	87
Imagem 84 - Conjunto de Fotografias que mostram Bairros Periféricos ao centro da cidade de Uíge: Começaram a ser formados antes de 1975 e têm construções coloniais .....	88
Imagem 85 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram Bairros Periféricos ao centro da cidade de Uíge: Começaram a ser formados antes de 1975 e têm construções coloniais .....	89
Imagem 86 - Conjunto de Fotografias que mostram Bairros Periféricos ao centro da cidade de Uíge: Depois da Independência até hoje .....	90
Imagem 87 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram Bairros Periféricos ao centro da cidade de Uíge: Depois da Independência até hoje.....	91
Imagem 88 - Conjunto de Fotografias que mostram os habitantes de Uíge e os seus Hábitos .	92
Imagem 89 - Fotos do Eixo de Centralidade .....	93
Imagem 90 - Vistas da Cidade de Uíge com indicação da localização do eixo de centralidade	93
Imagem 91 - Esquema que indica os edifícios existentes no eixo de centralidade .....	94

Imagem 92 - Conjunto de Fotografias que mostram um percurso pelo Eixo de Centralidade: Da Praça do Governo Provincial para a Praça da Independência.....	95
Imagem 93 - Conjunto de Fotografias que mostram um percurso pelo Eixo de Centralidade: Da Praça da Independência para a Praça do Governo Provincial.....	96
Imagem 94 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram um percurso pelo Eixo de Centralidade: Da Praça da Independência para a Praça do Governo Provincial.....	97
Imagem 95 - Esquema explicativo da envolvente imediata da Praça da Independência.....	98
Imagem 96 - Conjunto de fotografias que mostram a praça da Independência .....	99
Imagem 97 - Fotos da Praça do Governo Provincial .....	100
Imagem 98 - Fotos da envolvente da Praça do Governo Provincial .....	100
Imagem 99 - Conjunto de Perfis longitudinais da praça do Governo Provincial .....	101
Imagem 100 - Conjunto de Perfis longitudinais da praça da Independência .....	102
Imagem 101 - Conjunto de Perfis Transversais da praça da Independência.....	103
Imagem 102 - Conjunto de Perfis das ruas adjacentes.....	104
Imagem 103 - Espaço Positivo .....	105
Imagem 104 - Espaço Negativo .....	105
Imagem 105 - Curvas de Nível .....	106
Imagem 106 - Edificado Existente .....	106
Imagem 107 - N° pisos do edificado .....	106
Imagem 108 - Implantação da cidade com delimitação da área de intervenção .....	111
Imagem 109 - Embondeiro.....	112
Imagem 110 - Primeiros estudos de percurso a partir do Conceito base .....	112
Imagem 111 - Proposta para a Praça da Independência .....	113
Imagem 112 - Pedra para pavimento dos percursos .....	114
Imagem 113 - Esquiços dos vários edificados .....	114
Imagem 114 - 3D do Local de Recepção/Posto de Informação aos Turistas.....	115
Imagem 115 - 3D das Instalações Sanitárias Públicas.....	115
Imagem 116 - 3D da “Cantina” - Café com esplanada .....	116
Imagem 117 - 3D da casa de Manutenção .....	116
Imagem 118 - 3D do Local de venda/exposição .....	116
Imagem 119 - Esquiços do Local de venda/exposição.....	116
Imagem 120 - 3D do local de Venda/Exposição .....	117
Imagem 121 - Imagem de local de Venda/exposição com aplicação de materiais.....	118
Imagem 122 - Esquiços de caminhos arborizados .....	119
Imagem 123 - Esquiço da ideia para o Anfiteatro.....	119
Imagem 124 - 3D do espaço do Anfiteatro .....	120
Imagem 125 - Perfil mínimo de uma grande avenida.....	120
Imagem 126 - Esquiço de Rua Adjacente à praça da Independência .....	121
Imagem 127 - Rua em planta e perfil .....	121
Imagem 128- Esquema explicativo do sentido das faixas de Rodagem.....	121

Imagem 129 - Estacionamento Transversal.....	123
Imagem 130 - Pavimento Permeável .....	123
Imagem 131 - Luminária PIANO - Iluminação Pública .....	124
Imagem 132 - Banco para espaço urbano.....	124
Imagem 133 - Banco individual para espaço urbano.....	125
Imagem 134 - Caixote do lixo para espaço urbano .....	125
Imagem 135 - Fonte para espaço urbano .....	125
Imagem 136 - Fotos da construção da Maqueta: Projecto para a praça da Independência ...	126
Imagem 137 - Proposta para o Eixo de Centralidade e Praça do Governo Provincial.....	127
Imagem 138 - Edifício de Habitação do Eixo de Centralidade: Respectivamente “Congo Agrícola”; FELIMA; Imbondeiro .....	127
Imagem 139 - Rua Dr. Agostinho Neto .....	128
Imagem 140 - Perfil e parte da planta do eixo de centralidade.....	129
Imagem 141 - Planta Praça do Governo Provincial .....	130
Imagem 142 - Principais Indicadores Macroeconómicos de Angola .....	C
Imagem 143 - Esquema que explica a técnica de fazer adobe .....	E
Imagem 144 - Construção de Pau-a-pique .....	F



## Lista de Acrónimos

FNLA - Frente Nacional para a Libertação de Angola  
GUC - Gabinete de Urbanização Colonial  
GURN - Governo de Unidade e Reconciliação Nacional  
GUU - Gabinete de Urbanização do Ultramar  
IBEP - Inquérito sobre o Bem-Estar da População  
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano  
INE - Instituto Nacional de Estatística  
ISCED - Instituto Superior de Ciências da Educação  
MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola  
MUD - Movimento de Unidade Democrática  
ND - Nova Democracia  
ODM - Objectivos de Desenvolvimento do Milénio  
PDL - Partido Democrático Libertador  
PDU - Plano Director de Urbanização  
PIB - Produto Interno Bruto  
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
PUNIV - Centro Pré-universitário de Uíge  
PZOI - Plano de Zonas de Ocupação Imediata  
UBI - Universidade da Beira Interior  
UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola



# CAPÍTULO I

## Introdução





# CAPÍTULO I - Introdução

## 1.1 Relevância da Temática

Verifica-se em muitas cidades africanas, como no caso do Uíge em Angola, que o legado do património urbanístico e arquitectónico que caracterizou a malha urbana no período colonial, permanece intacto. Ainda que tenha sido alvo de um acentuado processo de degradação que permanece até hoje, pode verificar-se no que resta desta herança, que as cidades nesse período eram bastante desenvolvidas, organizadas e com uma beleza particular para o tempo e contexto em que estavam inseridas. Esta beleza manifesta-se quer pela arquitectura colonial dos seus edifícios quer pelo traçado da malha urbana. Havendo também interessantes contrastes entre o urbanismo, dinamismo e imagem da cidade colonial, com o nascimento das novas construções e habitações em adobe nas periferias, que alimenta alguma intriga e curiosidade a quem visita os lugares.

O conhecimento da arquitectura e urbanismo nas Colónias Africanas e Asiáticas não está esgotado. Contudo, o interesse por este tipo de investigação tem vindo a crescer. Mas continua a haver uma lacuna, que tem origem em diversos motivos, nomeadamente na guerra que assolou as colónias durante anos, após a independência, que levou ao desinteresse por este assunto, à perda documental e à proibição ou perigo de visitar os locais. Há também uma fragmentação i.e. dispersão dos documentos, entre entidades privadas, arquitectos e urbanistas da época, Governo/entidades oficiais portuguesas, exército Português e governo/entidades oficiais de cada colónia. A anterior perda de informação e documentos, as actuais restrições (dispersão, desorganização, ausência de catalogação) para chegar à que existe, dificultam qualquer tentativa de recolha documental em investigações sobre Angola. Logo, os espólios documentais são por si só um património a recuperar e a proteger, cuja disponibilização para consulta representa um longo caminho a percorrer.

As causas para a degradação destas cidades são inúmeras. Desde logo deve-se ao fato de alguns destes países terem vivido um período de guerra bastante longo e destruidor (guerra colonial, seguida da guerra civil). Consequentemente, ocorreu a destruição do património urbanístico e arquitectónico ou impediu-se que o legado que ainda permanecia pudesse ter sido alvo de acções de manutenção, conservação e reabilitação. Ora, a este processo não foram alheias as duas vertentes seguintes:

- Por um lado, os novos edifícios de habitação que foram sendo erigidos localizam-se predominantemente em pequenas aldeias fora destas cidades ou em áreas periféricas. Neste processo utilizaram-se também, essencialmente materiais de construção locais (tais como o

adobe), recorrendo à experiência construtiva popular e informal. Contribuindo, assim, para a não renovação da habitação nos centros das cidades de traça colonial.

- Por outro lado os edifícios de cariz terciário (tais como edifícios públicos, escolas, hotéis ou bancos) foram objecto de pequenas acções de manutenção sem que as mesmas tenham sido suficientes para assegurar a resposta às necessidades de conforto e habitabilidade dos mesmos. Noutros casos, foram utilizados novos materiais de construção como a chapa ondulada simples para as coberturas, contribuindo para a descaracterização dos imóveis.

Assim, corre-se o risco de se perder o que ainda resta deste património arquitectónico e urbanístico que caracteriza a identidade e a história das antigas cidades coloniais como o Uíge. Por outro lado, revela o não aproveitamento deste legado patrimonial e urbanístico ao serviço das necessidades actuais dos cidadãos que residem na cidade. Este património contribui para que os sons, cores, materiais, texturas e até os cheiros façam desta cidade um lugar diferente, sentido, dinâmico e vivido. O caso do jardim público (Praça da Independência) é um exemplo marcante deste não aproveitamento. Apesar de apresentar condições precárias, tem todo um potencial para ser um espaço integrante da cidade, onde todas as sensações acima descritas também coexistam nele. Isto porque apresenta uma dimensão à escala da cidade, topografia e localização favoráveis no contexto de toda a urbe. Outro exemplo marcante é a Praça do Governo Provincial (Praça de Lisboa), que se encontra confinada pelos principais edifícios públicos da traça colonial, tais como os Correios e o Palácio do Governo Provincial.

Em suma, trata-se de uma cidade que pelo seu dinamismo parece estar completa mas que ao mesmo tempo dá a sensação que tudo precisa de ser reconstruído, repensado, devolvido à comunidade. Será uma utopia fazer algo que respeite a identidade actual e ao mesmo tempo organize, limpe e reabilite este espaço, dando-lhe o conforto e habitabilidade que os cidadãos necessitam? É este o mote para o desenvolvimento desta dissertação.

## 1.2 Objectivos

Face à problemática anteriormente descrita, esta dissertação tem como objectivo apresentar uma proposta de REABILITAÇÃO URBANA para a CIDADE do UÍGE antiga CARMONA, localizada em ANGOLA.

O objecto de estudo é uma área localizada no centro da cidade do Uíge, compreendida entre a Praça do Governo Provincial e Praça da Independência. Pretende-se transformar este espaço, actualmente degradado, sujo, onde os edifícios de traça colonial

permanecem devolutos e em mau estado de conservação, num Eixo de Centralidade. Transformando-se no grande espaço público da cidade, onde os cidadãos cultivam relações de convívio entre si, num espaço terciário em continuidade com a envolvente.

Para que esse Eixo de Centralidade seja qualificado permitindo a sua fruição pelos cidadãos, pretende-se definir medidas projectuais de desenho urbano para o local. Trata-se de criar um elo de ligação entre ambas as praças (do Governo Provincial e da Independência), para que as actividades e acontecimentos que nele se recriam, se repercutam pela envolvente urbana. Para salientar e reforçar esta continuidade entre as duas praças serão apresentadas algumas sugestões para reabilitar os edifícios existentes, nomeadamente ao nível das fachadas e materiais de construção, com relevo para os edifícios administrativos. Consequentemente o objectivo final baseia-se numa proposta que vá ao encontro do equilíbrio na identidade do local entre o passado e o futuro, onde o património é recuperado e preservado, com vista a promover a qualidade de vida dos habitantes na contemporaneidade.

Aspira-se que o resultado final desta dissertação, entendido como um primeiro passo para a concretização de um projecto, crie alguma sensibilidade e inspiração para que a cidade de Uíge possa encontrar um rumo na sua valorização e consequentemente, na procura pelo seu desenvolvimento.

### 1.3 Metodologia

Para o desenvolvimento desta dissertação, definiram-se quatro fases metodológicas. Na primeira fase procede-se à pesquisa bibliográfica de livros, artigos ou revistas, para compreender os assuntos a abordar, tendo como base as especificidades de ANGOLA, a cidade de Uíge e a arquitectura e o urbanismo colonial Português.

Na segunda fase procede-se à recolha documental, sobre o estudo de caso (incluindo cartografia, vídeos e fotografia), completada pela recolha de experiências pessoais (através de entrevistas e levantamentos in loco), que servem de apoio sobretudo para informar a proposta de reabilitação urbana. Consultaram-se arquivos locais, nacionais e regionais, em Portugal e em Angola incluindo os levantamentos aerofotogramétricos do Ministério do Ultramar e também espólios particulares.

A terceira fase é reservada à síntese resultante da análise efectuada com base nas fases anteriores. Trata-se de proceder ao diagnóstico urbanístico, da cidade de Uíge, a partir do qual o estudo é mais intenso i.e. metuculoso no detalhe. Para assim encontrar as características mais relevantes, os aspectos negativos e positivos que definem o objecto de estudo a nível espacial e arquitectónico, quer em termos de espaço público quer do edificado, a ter em conta para a fase seguinte.

A quarta fase corresponde ao exercício de proposta de soluções de desenho urbano através de medidas projectuais para a área de estudo. É o resultado do compilar de todo o estudo para desenvolver um projecto/proposta de desenho urbano para a cidade de Uíge com vista a criar o Eixo de Centralidade que harmonize e dinamize todo o espaço.

Neste processo metodológico as fases não foram desenvolvidas de forma separada, tendo-se cruzado entre si e muitas vezes acontecendo em simultâneo.

## 1.4 Estrutura

A estrutura da dissertação respeita um trajecto definido de modo a ir ao encontro da premissa de esclarecer todos os pontos conducentes aos objectivos finais. Logo parte do geral para o particular, que é a proposta de reabilitação urbana para o espaço urbano central da cidade de Uíge.

Para tal, este trabalho está organizado em duas partes:

A primeira parte é composta pela fundamentação teórica - AS CIDADES COLONIAIS ANGOLANAS, correspondente ao Capítulo II - Contextualização Geográfica e Histórica de Angola; e ao Capítulo III - Contextualização Arquitectónica e Urbanística das cidades angolanas. Nela é elucidado todo o enquadramento geral do espaço que se vai trabalhar, através da contextualização geográfica, histórica, socioeconómica e cultural das cidades coloniais angolanas. Bem como, alguns traços que caracterizam a conjuntura arquitectónica e urbanística das mesmas.

A segunda parte é formada pela Reabilitação Urbana - CIDADE DE UÍGE (CARMONA) - ANGOLA, que correspondente ao Capítulo IV - Diagnóstico Urbanístico da Área de Estudo: cidade de Uíge; e ao Capítulo V - Proposta de Reabilitação Urbana. Esta corresponde à vertente propositiva, focada na área de estudo, considerando o seu contexto social, cultural, económico e geográfico até à análise da sua estrutura urbana e arquitectónica, para assim compreender as necessidades do lugar. A partir de todo o levantamento realizado e na procura de respeitar a identidade do espaço é apresentada uma proposta de reabilitação urbana para a cidade, procurando criar um Eixo de Centralidade entre as duas praças. Esta proposta é expressa e fundamental numa série de desenhos técnicos e na memória justificativa.

## 1.5 Estado de Arte

Neste tópico, serão apresentados os principais assuntos desta dissertação com base nas referências bibliográficas consultadas. Assim, os assuntos considerados fundamentais são:

- Contexto Histórico, Cultural e Económico de Angola.
- Arquitectura e Urbanismo Colonial em Angola.
- História, cultura e contexto arquitectónico e urbanístico da cidade de Uíge.

Na abordagem do Contexto Histórico, Cultural e Económico de Angola, a obra “À descoberta de Angola”<sup>1</sup> é um roteiro turístico apresentado por Joost Raeymaeker, que procura salientar a cultura, costumes e os pontos mais interessantes de cada cidade de Angola, incluindo Uíge. O autor salienta a vasta beleza natural do país e das suas paisagens, *“Estou no Soyo, província do Zaire, e posso (...) declarar (...) que visitei todas as 18 províncias angolanas. O que não posso dizer é que conheço bem Angola. (...) viagens de um ou dois meses (...) estão longe de ser suficientes para conhecer tudo o que o país tem para oferecer, mas deram para apanhar um cheirinho e sobretudo muita vontade de vir explorar com mais tempo a beleza que o país tem, não só em termos de natureza.”* O autor procurou conhecer, descobrir e pertencer, durante algum tempo, ao território angolano, numa busca por aprender a cultura e costumes deste povo, através das vivências. Na sua obra reconhece que apenas conseguiu absorver a essência, o básico, devido à riqueza cultural e territorial que Angola possui.

Na abordagem do assunto Arquitectura e Urbanismo Colonial em Angola, José Manuel Fernandes em “A arquitectura e urbanismo na África Portuguesa”<sup>2</sup> e Maria Fonte em “Urbanismo e Arquitectura em Angola - De Norton de Matos à Revolução”<sup>3</sup> são dois autores a considerar.

O primeiro destes autores, destaca-se pela abordagem que apresenta, sintética e objectiva, sobre as principais características arquitectónicas e urbanísticas do período colonial. Apresenta através de vários exemplos concretos, estas características para vários países e cidades, sendo um deles o caso de Angola, nomeadamente Luanda. O autor refere-se ao período colonial como um processo atribulado mas que deixou as suas marcas numa arquitectura diversificada (de fortalezas, a vilas e a planos de cidades) e de intercâmbio entre culturas. Refere a propósito que *“Observando hoje os resultados deste longo e atribulado processo, é evidente a capacidade que houve de gerar ambientes humanizados, alguns de rara beleza e dimensão, entre fortalezas, povoações comerciais, roças e fazendas agrícolas, povoados, vilas e cidades. Paralelamente (e recorde a surpresa de Fernando Távora, nos anos 1980, ao descobrir na Índia a espectacular dimensão construída do legado indo-português), esses lugares, a um tempo feitos de civilização, exploração e intercâmbio,*

---

1 - 13 (Pág. 287)

2 - 5 (Pág. 7); e (Pág. 76)

3 - 27 (Pág. 539); e (Pág. 544)

foram base para erigir inúmeras peças de arquitectura, das casas às igrejas, dos equipamentos aos Portos e ferrovias, e desde o período manuelino-renascentista até aos mais próximos tempos oitocentistas e da arquitectura moderna.”. José Manuel Fernandes, destaca ainda através da análise das obras arquitectónicas e urbanísticas coloniais, a imensidão e riqueza que os portugueses foram capazes de construir ao longo dos séculos nas suas colónias. Levaram Portugal por todo o mundo através das suas obras. Estas transmitiam e ensinavam a cultura portuguesa além-mar.

No caso específico de Angola o autor destaca a estreita influência que nela exerceu a metrópole na prática da arquitectura, referindo a propósito que *“A arquitectura de Angola na fase em análise sofreu uma nítida influência, ou mesmo dependência, da prática profissional em Portugal, a partir de Lisboa e do Porto: Linguagens, estilos, modas, autores - relacionam-se profundamente com a situação cultural e profissional da “Metrópole”, ao longo das décadas de 1930 a 1970.”*

Maria Fonte, faz uma investigação aprofundada da arquitectura e urbanismo praticado em Angola nas décadas que antecederam a independência. A autora procura entender a importância do “sítio” ou seja analisa as formas de ocupação do território e o contexto de cada local para os planos das cidades. Assim, esclarece que o tema central da sua investigação é *“a análise das formas de ocupação do território em Angola, das suas estruturas e organização, bem como da Arquitectura aí produzida no período compreendido entre os anos 20 e 70 do século XX.”* Define que esta abordagem visa *“reflectir as diferentes dimensões que influenciaram/condicionaram o processo de urbanização, foi necessário entender o enquadramento político, económico, social e cultural daquele espaço e tempo.”*. A autora busca assim, as marcas de uma identidade própria no urbanismo e arquitectura angolanas antes da independência assentes *“na expressão portuguesa adaptada ao contexto colonial.”*. Ora, poder-se-á afirmar que a autora partilha face a Angola, a posição apresentada por José Manuel Fernandes de uma prática que cumpre e segue a linguagem e os pressupostos definidos pela arquitectura e urbanismo coloniais portugueses, adaptada ao contexto local. Estes autores partilham ainda o facto de considerarem no caso de Angola que a marca da expressão portuguesa mantém-se forte na arquitectura e no urbanismo, referindo que *“A emergência de novas cidades onde tudo estava por fazer, terreno fértil de aplicação da leveza da linguagem e do estar, da libertação do gesto na concepção urbanística e arquitectónica pela mão de vários actores (onde os arquitectos tiveram papel determinante), traduziu-se numa arquitectura e urbanismo tropicais angolanos de expressão portuguesa.”*

Maria Fonte demonstra que a ocupação e urbanização do território angolano, esteve sempre limitado à realidade do regime Salazarista. Contudo, existiu a criação de uma identidade, de uma linguagem arquitectónica e urbanística que adaptou o estilo tradicional português, juntamente com o estilo moderno, às necessidades locais, ao contexto geográfico e climático dos trópicos e à cultura do povo angolano.

Por último refira-se que ambos os autores, acabam por se debruçar na análise e exposição concreta de vários projectos desenvolvidos em Angola, para assim demonstrarem os estilos e princípios seguidos para a construção das cidades Coloniais.

Na abordagem do tema História, cultura e contexto arquitectónico e urbanístico da cidade de Uíge, considera-se básica e como um ponto de partida para análises mais aprofundadas, a referência “ O distrito do Uíge - Elementos de Informação”<sup>4</sup>. Trata-se de uma publicação oficial dos anos 70, sob a tutela do governo do distrito de Uíge. Nesta obra, apresenta-se também no período pré independência, uma descrição geral desta província, desde a sua origem e evolução históricas, à cultura ou à organização administrativa, no período colonial. Trata-se de uma referência bibliográfica pioneira à época para a região de Uíge. Assim, refere esta obra que *“Não obstante a extrema importância assumida durante a última década pelo distrito do Uíge na conjuntura socioeconómica e política de Angola (...) até hoje, não foi, ainda, possível editar um trabalho reunindo elementos monográficos que facilitassem o estudo, conhecimento e divulgação desta ubérrima região (...). É, pois, com o intuito de elucidar quantos a desejem conhecer, que são apresentados nesta publicação elementos para uma panorâmica actual da sua importância político-geográfica e do seu desenvolvimento socioeconómico. Pretende-se (...) que as páginas que se seguem, sejam vivo testemunho de homenagem aos bravos pioneiros que a desbravaram, pacificaram, nela tombaram e nela labutam para engrandecer Portugal.”*

Tal como a citação o demonstra, este é um livro bastante pragmático que visa enaltecer; à imagem do regime político vigente; a cidade de Uíge, demonstrando as suas características e potencialidades. Porque com ele, não é apenas a cidade de Uíge que se destaca, mas sim as pessoas e entidades que contribuíram para ela se tornasse uma urbe com destaque na imensidão do território angolano.

Como se poderá verificar, no decorrer desta dissertação, muitas outras são as obras relevantes e que apoiam as temáticas em análise. Contudo, os autores e as obras que acima se destacaram, foram consideradas referências incontornáveis nesta matéria.



## CAPÍTULO II

### Contextualização geográfica e histórica de Angola

---

*A interligação com o povo e a cultura angolana serviu  
“Para enobrecer a alma e o espírito”.*

*Jean Charles Pinheira  
2010 p.113*

---

PARTE 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: As cidades coloniais  
angolanas



## CAPÍTULO II - Contextualização geográfica e histórica de Angola

Ainda que não seja o objectivo principal definido para esta dissertação, dada a escassez de trabalhos académicos sobre Angola, considerando as potencialidades do país não desprovidas de interesse científico em diversas vertentes do saber, entende-se oportuno incluir como ponto de partida, um enquadramento geral sobre algumas das suas características. Por um lado, permitirá perceber a área de estudo; um troço do espaço urbano central do Uíge; no âmbito quer do seu contexto geográfico e histórico, quer do seu contexto arquitectónico e urbanístico. Por outro lado, constitui uma oportunidade para compilar algum conhecimento prévio que sobre estas temáticas, que se encontra disperso. Assim, este capítulo e o seguinte visam contribuir para alcançar estes propósitos, resultando num acervo sobre Angola, as suas cidades coloniais e as características da sua arquitectura e urbanismo.

### 2.1 Enquadramento Geográfico

#### 2.1.1 Geografia



Imagem 2 - Localização de Angola

A República de Angola, o sexto maior país africano, tem uma área de 1.246.700 km<sup>2</sup> (segundo o INE Angolano<sup>5</sup>) e situa-se na costa ocidental Meridional, entre a Latitude - Norte - 04°22` G / Sul - 18°02` G. e a Longitude - Leste - 24°05` E.G / Oeste - 11°41` E.G. (Ver Imagem 2)

O lado Oeste abrange uma faixa de cerca de 1600 km de território litoral banhado pelo Oceano Atlântico (águas territoriais - 20 milhas náuticas; área pesqueira - 200 milhas náuticas), tendo como principais portos Luanda, Lobito e Namibe. Salientando-se que a maior parte da costa continua ainda sem ser explorada em termos de fauna e flora.

Desde a floresta tropical ao deserto, passando por savanas, montanhas e praias, Angola possui várias áreas protegidas, num total de 82 000 Km<sup>2</sup>, quase 7% do território do país.



Imagem 3 - Mapa de Angola, com divisão por Províncias

Com uma população estimada próxima dos 20 milhões<sup>6</sup>, para o ano de 2012, o país está dividido em 18 Províncias, 163 municípios e 563 comunas, tendo cada uma delas as respectivas autoridades locais.

As 18 províncias são: NORTE - Cabinda, Zaire, Uíge, Malange, Luanda Norte, Luanda Sul, Bengo, Luanda, Kwanza Norte. CENTRO - Kwanza Sul, Huambo, Bié, Moxico, Benguela. SUL - Huíla, Cunene, Kuando Kubango e Namibe. (Ver Imagem 3)

Com uma extensão de 4837 km, as suas fronteiras terrestres são a Namíbia (1376km) a Sul, a Zâmbia (1110km) a Leste, a República Democrática do Congo (2511km) a Norte e Leste, havendo ainda a província de Cabinda (um enclave geograficamente separado do resto do território) que se encontra entre a República Democrática do Congo e a República do Congo (201km). No total as fronteiras têm uma extensão de 5437 km. (Ver Imagem 4)

São consideradas as principais cidades de Angola: Luanda (sendo esta a capital do país), Huambo, Lobito, Benguela, Lubango, Malange, Cabinda e Soyo.

Grande parte do território angolano encontra-se acima dos 1000 m de altitude, sendo o ponto mais alto o Monte Moco com 2620 m de altitude, localizado na Província do Huambo e a zona mais baixa é uma faixa na zona litoral. (Ver Imagem 5)



Imagem 4 - Países que fazem Fronteira com Angola

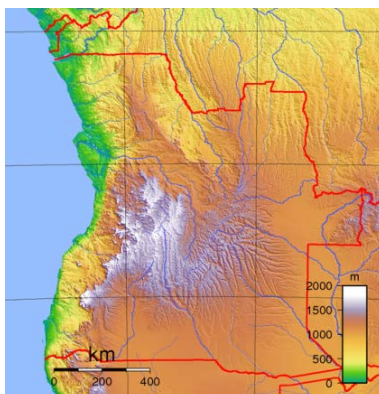


Imagem 5 - Altitudes do território de Angola

Com uma rede hidrográfica privilegiada e consequentemente com áreas bastante férteis, na zona dos planaltos, Angola tem como principais rios: o Kwanza, o Zaire, o Cunene, o Cubango, Mbridgen, Cuvo-Queve e ainda as belas quedas de Kalandula. O rio Kwanza é o maior, com 1000 Km de extensão. O território é ainda intersectado pelo sistema hidrográfico do maior rio da África Ocidental, o Zaire com 4000 km de extensão, e do maior rio da África Oriental, o Zambeze com 2680 km de extensão.

### 2.1.2 Clima

A temperatura máxima média anual a nível nacional é de 27 graus e a mínima de 17 graus. A bibliografia disponível refere a propósito que na região do litoral não existe diferença entre as temperaturas máximas e mínimas, sendo relativamente Húmida, com uma média anual de precipitação acima dos 600mm. Os níveis de precipitação vão diminuindo do Norte (Cabinda com cerca de 800mm) para o Sul (Namibe com 50mm)<sup>7</sup>.

No Norte do país; onde se situa o Uíge; as temperaturas são mais elevadas do que no Sul, com excepção ao deserto do Namibe.

A zona Sudeste é semiárida e as temperaturas são consideradas baixas mesmo durante a estação quente e raramente baixam dos 20°C à noite e não ultrapassa os 30°C durante o dia. Esta região fica sob a influência das grandes massas de ar tropical continental, pelo que (Ver Imagem 6), nela existem duas estações<sup>8</sup>: a Estação com maiores índices pluviométricos, onde as chuvas começam em Setembro e terminam em Abril, com dias seguidos em que a chuva não para, sendo que no extremo Norte há sempre a hipótese de chuvas durante todo o ano; a Estação do Cacimbo que é a época mais seca mas também a mais fria do ano.

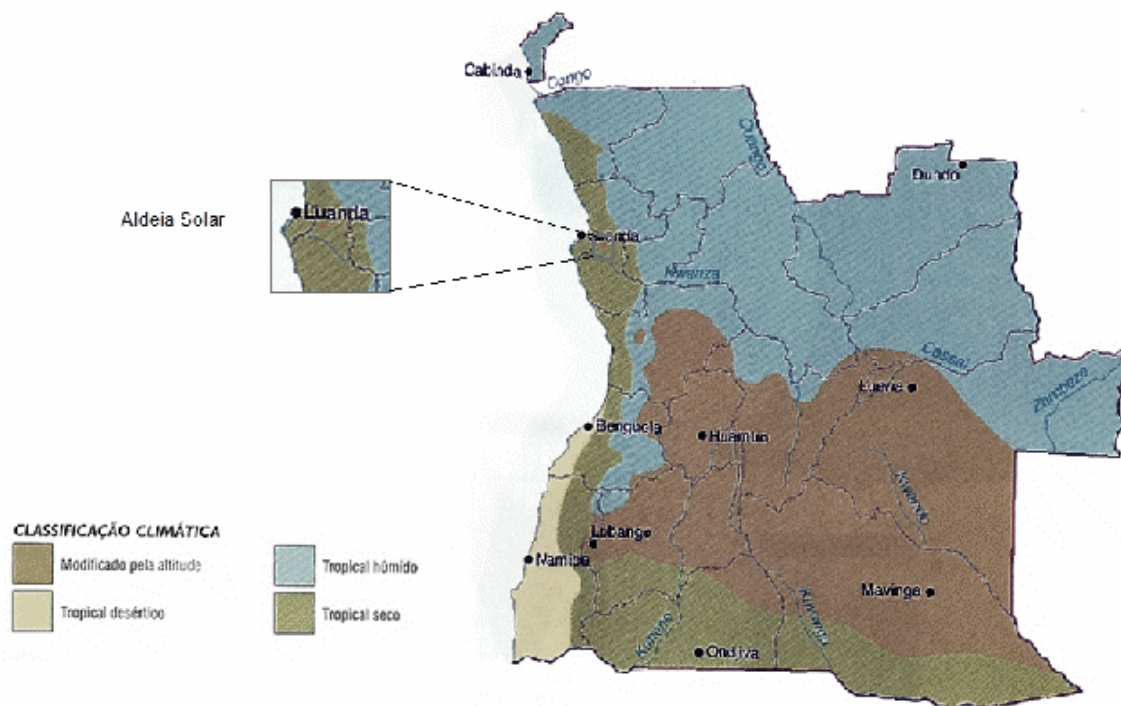


Imagem 6 - Classificação Climática de Angola

7 - 26; 42 e 31

8 - Idem

### 2.1.3 Fauna e flora



Imagem 7 - Embondeiro em Angola

O Sul do território angolano é desértico e o Norte mais tropical chuvoso ou temperado (dependendo da altitude), havendo ainda em Cabinda a floresta húmida equatorial (Ver Imagem 7). Para uma melhor percepção poderá dizer-se que ao fragmentar o país existem: 2% de terras aráveis; 23% de pântanos e pastagens; 43% de Floresta; 32% Outras situações<sup>9</sup>. Quanto à flora apresenta cinco tipos de zonas naturais: Flora húmida - Maiombe; Savana associada a mata - Luanda; Savana seca com árvores e arbustos - a leste; Estepe - ao longo de uma faixa costeira, Sumbe; Desértica - no extremo Sul do país, deserto do Namibe.

Angola apresenta uma extraordinária e diversificada fauna, tendo como exemplo a Palanca Negra Gigante - Parque Nacional de Kangandala na província de Malange (Ver Imagem 8); os gorilas e chimpanzés - Maiombe; a seixa, pacaça, elefante, cabra de leque, guelengue do deserto, hiena, leão, leopardo, hipopótamo - Parque Nacional do Lona na Província do Namibe; o rinoceronte, elefante, Guelengue do deserto, zebra, leopardo, entre outros - Parque Nacional da Mupa na Província do Cunene; e ainda os Crocodilos, jacarés, sengues e jibóias - nos rios.

Existem 9 reservas e vários parques para protecção dos animais, alguns deles ameaçados pela extinção.



Imagem 8 - Palanca Negra Gigante

---

9 - 26; 42 e 31

## 2.2 Enquadramento histórico

### 2.2.1 Um pouco da História

Segundo a história descrita no *site* oficial do Governo Angolano<sup>10</sup>, pensa-se que Angola começou a ser habitada desde o paleolítico inferior. No Século VI o Povo Bantu<sup>11</sup>, vindo do Norte ocupou parte do território angolano, passando a distribuir-se por vários reinos, sendo o maior o do Congo, no qual já havia um avançado sistema de tributação.

Em 1482<sup>12</sup>, Diogo Cão ancorou no rio Congo, na capital do maior reino existente na região. O nome do Senhor daquele território N'Gola, está na origem da designação de Angola que os portugueses adoptarem para este país. Depressa existiu uma aliança entre o reino do Congo e o Português, com a conversão dos locais ao cristianismo e deslocações a Portugal para estudarem a língua, ao ponto do "rei" do congo adoptar um nome Português. De acordo com a mesma fonte, em 1575 os portugueses instituem uma feitoria em Luanda e a partir daí começam a ocupar cada vez mais território, onde o principal negócio era os escravos levados para o Brasil e a conversão religiosa. Assim num curto espaço de tempo os portugueses já dominavam três reinos, que correspondia a 65000 Km<sup>2</sup> de território, com o objectivo de manter as rotas de escravos.

No Século XVII os holandeses, aproveitam uma debilidade dos portugueses e incentivam uma revolta que acontece em 1618. Quando Portugal reconquistou a sua independência em 1640, os holandeses estavam a ocupar Luanda, mas quatro anos mais tarde com um golpe de sorte tal território é novamente recuperado<sup>13</sup>.

Depois da independência do Brasil em 1822 e do fim do comércio escravo, olha-se para as potencialidades do país e inicia-se uma exploração mais profunda. A Conferência Internacional em Berlim, de 1885 define as novas fronteiras de Angola, a "régua e esquadro" como em muitos outros países do continente. Nesta época os Portugueses fixaram-se no interior de Angola, para onde deportavam presos e insurretos.

A abolição da escravatura em 1836 e o fim oficial dessa condição em 1879<sup>14</sup>, não evitam que continue a exploração dos trabalhadores angolanos através dos chamados *contractos*, que se intensifica com a implantação da república em 1910 e com o regime político de Salazar a partir dos anos 30 do século XX. Aumenta a exportação de café, sisal entre outros produtos que geram grande riqueza a Portugal.

Em meados do século XX surgem os movimentos pela independência angolana (FNLA, MPLA, UNITA) e em 1961 inicia-se a luta armada. Em 1974 o regime de ditadura salazarista

---

10 - 13; 22; 26; 42

11 - Idem

12 - Idem

13 - 13

14 - 22; 26 e 42

termina em Portugal e as colónias começam a receber a sua independência. Em Angola este acontecimento Histórico ocorre a 11 de Novembro de 1975. Agostinho Neto é o primeiro presidente do novo país, mas os movimentos não se entendem e desencadeia-se a guerra civil. Em 1992, existe pela primeira vez eleições, levando a crer que haverá paz, mas os conflitos armados prolongaram-se por dez anos, sendo espalhadas vinte milhões de minas pelo país. Em 2002 é o fim de uma guerra que se estendia há 27 anos.



Imagem 10 - Bandeira de Angola



Imagem 9 - Insígnia

Tal como noutros países, os símbolos da República de Angola são a Bandeira, a Insígnia (Ver Imagem 10) e o Hino. A Bandeira Nacional (Ver Imagem 9) tem duas faixas horizontais. A faixa superior é de cor vermelho-rubro e a inferior de cor preta e representando assim: O Vermelho-rubro - O sangue derramado pelos angolanos durante a opressão colonial, a luta de libertação nacional e a defesa da pátria; Preta - O Continente Africano. No centro, existe uma figura composta por: Uma secção de uma roda dentada - símbolo dos trabalhadores e da produção industrial; Uma catana - símbolo dos camponeses, da produção agrícola e da luta armada; Uma estrela - símbolo da solidariedade internacional e do progresso.

### 2.2.2 Figuras históricas e Feriados

As principais figuras da história<sup>15</sup> do país são: a Rainha Jinga Mbandi - século XVI. Fez frente aos portugueses e é considerada a primeira heroína nacional; Agostinho Neto - Primeiro presidente de Angola, foi perseguido pela PIDE e virou a sua atenção política para Cuba e para o bloco soviético; José Eduardo dos Santos - Em 1979 herdou o poder de Agostinho Neto e um país em Guerra, tornando-se presidente desde então até à actualidade. Tem como alcunha "arquitecto da paz" e depois de 33 anos de poder, foi a eleições pela primeira vez em 2012, ganhando mais um mandato.

Os feriados nacionais<sup>16</sup> são: 1 De Janeiro - Ano Novo; 4 De Fevereiro - dia do início da luta armada; 8 De Março - dia da mulher angolana; 4 De Abril - dia da paz (assinatura dos acordos de paz de 2002); 1 De Maio - dia do trabalhador; 25 De Maio - dia de Africa; 1 De Junho - dia da criança; 15 De Agosto - feriado municipal em Luanda; 17 De Setembro - dia do

15 - 13 (pág.17)

16 - 13 (pág.13)

herói nacional e dia de agostinho Neto, primeiro presidente de Angola; 2 De Novembro - dia de todos os santos; 11 De Novembro - dia da independência; 24 De Dezembro - feriado em Luanda; 25 De Dezembro - natal. O feriado e a sexta-feira santa também são feriados nacionais.

## 2.3 Enquadramento socioeconómico e cultural

### 2.3.1 População

A caracterização demográfica que se segue tem como fonte documental as estimativas realizadas ao longo dos últimos anos, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Angola, pois o último recenseamento oficial da população ocorreu através dos Censos realizados em 1970.

Assim poder-se-ão considerar os seguintes indicadores:

- o Censos de 1970: 5.646,166 milhões de habitantes;
- o População em 2012: 18.576,568 milhões de habitantes (estimativa IBEP);
- o Densidade populacional em 2012: 15,5 hab./Km<sup>2</sup> (estimativa IBEP).

A capital é a cidade mais povoada, com 4,5 milhões de habitantes (estimativa 2009 - Ministério da Administração do Território, embora outras fontes apontem para 6 milhões), representa 28,7% da população total do país (INE 2010). Esta concentração resulta da migração na procura de oportunidades e segurança, que algumas vezes criaram choques na identidade cultural. Outras cidades importantes são: Lubango (1 milhão), Huambo (904 mil), Lobito (737 mil), Benguela (469 mil), Kuito-Bié (424 mil) e Cabinda (399 mil). A população feminina representa 55% e a masculina 45%. As mulheres em idade fértil representam 21% da população, ou seja 3,8 milhões e por cada 93 homens há 100 mulheres. A taxa de fecundidade é elevada (especialmente quando comparada com o contexto europeu) de 7,2 filhos por mulher. A população residente nas áreas urbanas é a maioria (54,8%) face à população residente e dispersa pelas áreas rurais (45,2%), sem qualquer acesso à rede de saúde ou educação. Como é característica dos países africanos, com uma pirâmide etária larga na base e estreita no topo, a população é maioritariamente Jovem, 50% tem menos de 15 anos, 48% está na faixa dos 15 aos 64 anos e apenas 2% tem mais de 65 anos. Tem um índice de desenvolvimento Humano (IDH): 0,403 (Pnud 2010) - Baixo e um índice de alfabetização de 66% (IBEP, 2008-2009).

Pela projecção da população total por ano e grupo de idade em Angola para 2011-2015 (Ver Imagem 11) pode observar-se que existe tendência para a população aumentar a cada ano, em todos os grupos de idade.

Grupo de idade	2011	2012	2013	2014	2015
População Total	19.980.854	20.609.294	21.267.300	21.955.773	22.675.168
Menores de 10 anos	6.866.563	7.055.623	7.259.725	7.479.798	7.716.960
De 10 a 14 anos	2.629.970	2.706.912	2.786.448	2.868.417	2.951.926
De 15 a 49 anos	8.597.100	9.006.800	9.330.590	9.665.175	10.008.288
Maiores de 50 anos	1.887.221	1.839.959	1.890.537	1.942.383	1.997.994

Fonte: Projecção da População 2011-2015 – INE Angola Dez 2011

Imagem 11 - Quadro com Projecção da população Angolana

Apesar de a saúde ser uma prioridade, porque sem esta não há bem-estar humano e consequentemente desenvolvimento e crescimento económico, os esforços continuam a ser insuficientes. A população apresenta uma baixa taxa de esperança média de vida, acompanhada por altas taxas de mortalidade, consequência do elevado número de doenças (transmissíveis, crónicas e degenerativas) e de outros factores que levam à morte prematura e até à nascença. (Ver Imagem 12).

Indicador	Nível
Taxa de crescimento anual da população	2,7 %
Taxa bruta de natalidade	43% x 1.000
Taxa bruta de mortalidade geral	17% x 1.000
Taxa global de fecundidade	5,4 Filhos por mulher
Taxa de mortalidade Infantil	116 x 1.000
Taxa de mortalidade de menores de 5 anos	194 x 1.000
Taxa de malnutrição crónica (moderada e severa)	16 %
Taxa de malnutrição aguda (moderada e severa)	8 %
Taxa de Mortalidade Materna	610 x 100.000
Expectativa de vida a nascença	48 anos

Imagem 12 - Indicadores Demográficos e de Saúde do ano 2010

Os estilos de vida pouco saudáveis, associados ao hábito de fumar e ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas são considerados as principais causas de distúrbios sociais, levando à crescente violência física e psicológica, acidentes de viação, delinquência juvenil e violência doméstica.

### 2.3.2 Etnias, línguas e religiões

Angola é um país multicultural, multilinguístico e pluriétnico onde a maior parte da população preserva a sua herança cultural. Ao longo dos tempos, manteve-se em contacto com diversas realidades, tanto africanas como de outros continentes, que lhe conferiram uma identidade “sui generis”. Nas zonas rurais ainda se conservam intactas algumas tradições e formas de vida ancestrais, com línguas próprias, comportamentos e práticas sociais diferentes das que ocorrem a nível nacional, em linha com as tendências globais.

#### 2.3.2.1 Etnias

A população Angolana é composta por 99% de grupos étnicos autóctones, tendo toda a sua origem no povo Bantu<sup>17</sup>. No total, está dividida por três grandes grupos étnicos: Umbundu (Ovimbundo) - 37%; Kimbundu (Ambundu) - 25%; Bakongo (Quiconcos) - 13% e Outras - 25%.

Os chamados três grandes grupos étnicos encontram-se nas áreas mais densamente povoadas, mas Luanda não se inclui nestes grupos. Aí devido à urbanização há uma grande mistura, sendo adoptada como língua mãe o Português.

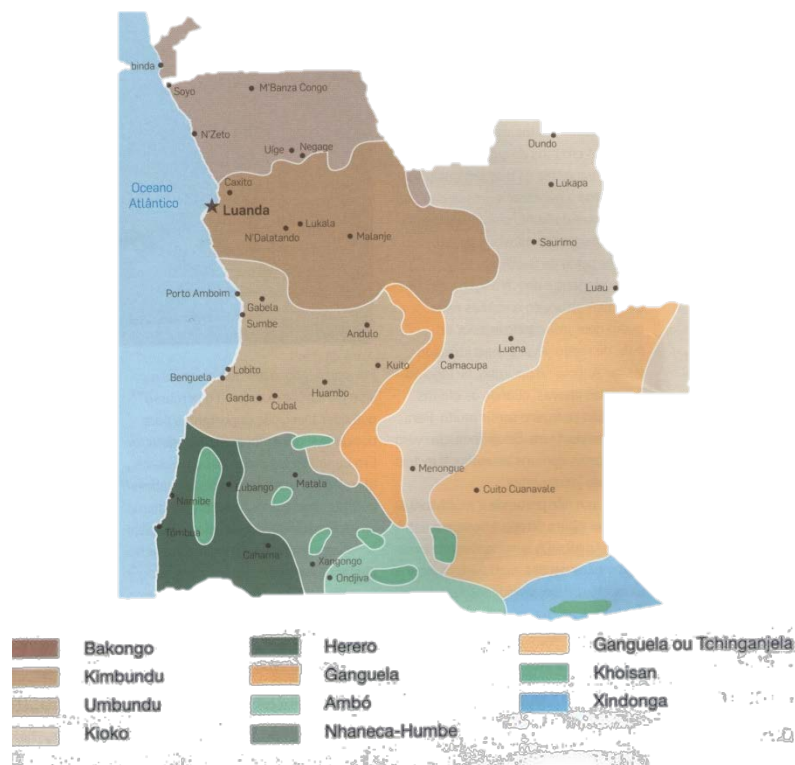


Imagem 13 - Mapa com Distribuição Étnica em Angola

17 - 13;26 e 42

As outras etnias são essencialmente as seguintes (Ver Imagem 13):

Bakongo (Quiconcos)	Herero (Xihereros)	Ganguela ou Tchinganjela
Kimbundu (Ambundu)	Ganguela (Ngangela)	Khoisan
Umbundu (Ovimbundu)	Ambó (Xicuanhamas)	Xindonga (Tchindonga)
Kioko (Tchokwe-Lunda)	Nyanyeka (Lunhanecas)	

Ao referir as etnias existentes, sabe-se que em geral estas se encontram relativamente consolidadas socialmente, isto é, de forma mais ou menos directa relacionam-se entre si. As suas vidas cruzam-se na azáfama cidadina das pequenas urbes espalhadas pelo país. Contudo, é pertinente mencionar que em Angola existem muitas outras etnias ancestrais, embora que em pequenos grupos. Estas situam-se essencialmente no Interior e Sul do país. São povos nativos que vivem em tribos, muitas vezes consideradas como “Inferiores” por terem rituais muito próprios, por ainda viverem apenas do que a natureza oferece, por serem nómadas, por viverem isolados e quase nunca terem tido contacto com comunidades brancas ou povos Angolanos que não pertencem ao seu grupo. Nelas se encontra o verdadeiro valor da palavra e da amizade.

### 2.3.2.2 Línguas e religiões

A língua oficial de Angola é o português, mas o país conserva cerca de 42 dialectos (os reconhecidos), ainda usados por bastantes povos, muitos dos quais não dominam a língua oficial. As seis línguas nacionais, com raiz Bantu, mais importantes são: Kimbundu; Umbundo; Kikongo; Kwanyama; Tchokwe e Mbunda.

A maioria da população é cristã (Igreja Católica Romana), embora uma parte significativa pratique também cultos e religiões locais<sup>18</sup>. Os católicos representam 75% do total da população, os protestantes 15% e as outras religiões locais 10%.

### 2.3.3 Economia e Política

A lei fundamental da República de Angola data a 1975 - Lei Constitucional - tendo vindo a passar por algumas alterações devido à implementação do sistema democrático e pluripartidário. Nela se declara *“a construção de uma sociedade livre e democrática e que garanta os direitos e liberdades fundamentais do homem (...) a liberdade de expressão e o direito de assembleia e associação, que respeite a liberdade de culto e, por fim, que permita a posse e a protecção da propriedade privada. A soberania reside no povo que exerce o poder*

---

18 - 26 e 42

*político através da votação universal periódica, de forma democrática, a partir dos 18 anos de idade.”<sup>19</sup>*



Imagem 14 - José Eduardo Dos Santos

A designação oficial do país é República de Angola, sendo o Governo assente num regime Presidencialista - Parlamentar. O actual chefe de Estado (Presidente, Chefe de Governo e Comandante das Forças Armadas) é José Eduardo dos Santos (desde Setembro de 1979) (Ver Imagem 14), o Vice-Presidente é Manuel Vicente e os órgãos de soberania são o Presidente da República, a Assembleia Nacional, o Governo e os Tribunais.



Imagem 16 - Bandeira do MPLA

A "Constituição da Independência" foi adoptada em Novembro de 1975 e alterada em Outubro de 1976, em Setembro de 1980, em Março de 1991, em Abril e Agosto de 1992, em Novembro de 1996 e finalmente promulgada pelo Presidente da República a 5 de Fevereiro de 2010. Os principais partidos políticos são o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) (Ver Imagem 15), com 191 lugares no parlamento, composto por 220 lugares, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) (Ver Imagem 16), principal partido da oposição, com 16 lugares; e os restantes três partidos - Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA), Partido Democrático Liberal (PDL) e Nova Democracia (ND) - detêm 13 lugares no parlamento. (Dados até eleições de 31 de Agosto de 2012).



Imagem 15 - Bandeira da UNITA

Com o fim do conflito militar em 2002, Angola iniciou um crescimento que a levou a ser actualmente uma potência regional no contexto da África subsariana. A taxa média de crescimento económico anual colocou-se em cerca de 20% (entre 2005 e 2007), que situou-a no topo dos países com maior crescimento a nível mundial. Com esta realidade, no futuro próximo, o governo deve continuar a ter alguma folga orçamental, o que permite o investimento público. É importante salientar que Angola precisa ultrapassar grandes problemas como a pobreza e o desemprego que se encontra nos 26%, devido à falta de qualificações. Apesar de apresentar as condições que precisa para uma regular actividade económica, a sua evolução encontra-se condicionada devido à carência de infra-estruturas físicas e de recursos humanos, embora haja o sector informal que tem um papel essencial na subsistência das famílias.

Um dos grandes desafios actuais é colocar em verdadeiro funcionamento os sectores que não estão ligados à indústria petrolífera, visto que a economia continua demasiado

dependente do petróleo, principal motor do crescimento. Representa 47% do PIB, mas não resolve os problemas mencionados anteriormente. Portanto, estão em curso programas que procuram colocar em funcionamento actividades agrícolas, pecuárias, pesqueiras, de habitação social, de recuperação urbana, de infra-estruturas e de indústrias transformadoras.

Angola dispõe de incalculáveis recursos naturais<sup>20</sup>:

- o Sendo o décimo sexto país com maior potencial agrícola do mundo, mas só usa efectivamente cerca de 3%.
- o Tem uma extensa costa, com capacidade sustentável de 450 mil toneladas anuais, mas só pescam cerca de metade.
- o No sector mineiro é o quinto maior produtor de diamantes a nível mundial, mas actualmente representa apenas 1,1% do PIB. Fruindo ainda de reservas de ouro, cobre, mármore, granito e cobalto.

Apesar de existir um esforço para investir, evoluir e melhorar, a oferta de infra-estruturas básicas ainda é bastante primitiva:

- o O acesso a água e electricidade ainda é limitado;
- o A rede de transportes não garante a circulação de produtos pelo país;
- o A saúde e a educação ainda não estão acessíveis a todos e mantêm-se num nível precário.

Apesar dos grandes progressos conseguidos a nível económico, Angola encontra-se entre os países em vias de desenvolvimento. De acordo com o aicep Portugal Global, o Índice do Desenvolvimento Humano (IDH) deste país coloca-o no 146º lugar num ranking de 169 países. O relatório<sup>21</sup> sobre os objectivos de desenvolvimento do milénio (ODM) indica que:

- o Mais de 36.6% da população vive abaixo da linha de pobreza.
- o Que os pobres na área urbana são aproximadamente 18,7%.
- o E que os pobres na área rural são 58,3%.

O nível de pobreza da população é reflectido pelo limitado acesso à alimentação, água potável, saneamento, educação, saúde, energia eléctrica e outros serviços sociais. Assim, os indicadores macroeconómicos revelam que ainda persistem elevados níveis de pobreza e essencialmente grande desigualdade na distribuição da riqueza.

Em síntese, o país precisa de investir nos próximos anos cerca de dois mil milhões de USD/ano<sup>22</sup> para melhorar substancialmente algumas das áreas básicas como a energia e a água. (ver anexo I)

---

20 - 41

21 - Idem

22 - Idem

### 2.3.4 O povo, a Arte e a Cultura

#### 2.3.4.1 O Povo

De certa forma pode dizer-se que não existe uma origem nos angolanos, que identificam a sua nação. Isto porque como foi relatado anteriormente o território de Angola engloba várias etnias e como tal cada uma tem as suas características. Tradicionalmente, um Angolano identifica os Kimbundu como um povo astuto, já os Umbundu são trabalhadores e os Bakongo são os mestres nos negócios.

O povo angolano como nação tem várias características comuns, como o seu fantástico sentido de humor, a facilidade de brincar com a sua própria situação e a grande hospitalidade, onde ninguém se surpreende por aparecer um estranho para uma refeição.

O respeito pelo mais velho, normalmente chamado de forma carinhosa por “Kota” ou “mais velho” é essencial. Nos contactos sociais existe uma clara hierarquia etária, onde as crianças estão no patamar mais baixo. Como tal ao pé de adultos e em contextos sociais comportam-se exemplarmente, mas quando brincam entre elas demonstram grande alegria. Existe algum vocabulário próprio deste país, que inclui a exemplo as seguintes palavras:

- o Bué - Muito
- o Bufunfa, Kumbu, Guita ou massa - Dinheiro
- o Cubico - Casa
- o Garina - Rapariga
- o Gindungo - Malagueta
- o Ginguba - Amendoim
- o Kota - pessoa mais velha
- o Matabichar - tomar o pequeno-almoço
- o Muangolé - Angolano
- o Muxima - Coração
- o Pula - branco, português

Neste pequena amostra, é possível verificar-se que algumas das palavras, que chegaram com os imigrantes Angolanos, já foram adoptadas em Portugal embora sejam muitas vezes associadas ao calão.

Algumas das figuras que são uma espécie de marca para quem visita o país:



Imagem 17 - Carinha Toyota Hiace

- o O motorista de candongueiro é aquele que conduz as carrinhas Toyota Hiace (Ver Imagem 17), azuis e brancas. Estão em todo o lado e são uma espécie de taxistas. As regras de trânsito não existem e não param em perigo algum.



Imagem 18 - Roboteiros

o O cobrador de candongueiro é aquele que grita o destino em voz alta, e normalmente fica em posições dentro do veículo durante a viagem que nem os contorcionistas conseguem.

o A zungueira ou quitandeira é a mulher que anda pelas ruas, com um cesto (bem grande e pesado) à cabeça e com uma criança nas costas. Vende tudo o que cabe dentro do cesto e grita o que trás para a venda («É peixe, é peixe, é peixé»)

- o Na igreja carismática, há o pastor das imensas igrejas do Reino de Deus que ao proclamar as suas mensagens usam o sotaque brasileiro.
- o O vendedor ambulante é o jovem que vende tudo, até o que não é imaginável, no meio das filas dos carros no trânsito das cidades.
- o O novo-rico é aquele que aparece com tudo o que há de mais caro, quando normalmente não se vê nada do género pela zona.
- o O pato é a pessoa que nas festas e nos casamentos dá o espectáculo todo e não deixa que o acontecimento seja aborrecido.
- o O polícia está sempre presente no trânsito e a fazer operações stop, aborda os turistas quando estes tentam fotografar, é uma figura muito visível.
- o O chamado louco é o que vive desenquadrado, que é sem abrigo e vive à margem da sociedade.
- o O lavador/guardador e arrumador de carros é quem ajuda a estacionar os carros e em seguida se propõe a lava-los e até guarda-los, mas sem grandes garantias.

#### 2.3.4.2 Música e dança



Imagem 19 - Dança Angolana

Angola é um país que reúne uma grande riqueza cultural devido às suas tradições, dimensão e história. Portanto existem várias coisas que devem ser valorizadas.

A música tradicional Angolana apresenta uma enorme diversidade de ritmos tribais e instrumentos como o batuque, a marimba (Ver Imagem 20) e o reco-reco. Esta até há pouco tempo passava apenas de geração para geração, não existindo gravações.

Quando se fala de música em Angola, esta inevitavelmente nunca vem só, é sempre acompanhada pela dança (Ver Imagem 19). Nas festas locais, mesmo nas actuais, não pode



Imagem 20 - Instrumento Musical "Marimba"

deixar de passar a música mais popular datada dos anos 30, que é a rebita, dançada em roda.

Com o nascimento dos estúdios Valentim Carvalho, a partir dos anos 60<sup>23</sup>, foram nascendo vários estilos musicais, alguns com influências cubanas ou brasileiras, mas que depois ganham um apuramento próprio angolano. Os estilos mais conhecidos e com maior sucesso a nível nacional e até internacional são o kuduro, semba, quizomba e a tarrachinha. Estilos usados por artistas como os Irmãos verdade e os Buraka Som Sistema. A música e a dança dão alegria a toda a nação, presente em todos os lugares, na rua, na cantina (tradicional tasca portuguesa), na festa, em suma, onde houver um Angolano.

#### 2.3.4.3 Arte e artesanato



Imagem 21 - O "Pensador" angolano

A arte é considerada um importante elemento da cultura de qualquer sociedade, porque nela consegue ver-se o reflexo do seu povo, as suas tradições e o seu passado. É nela que se expressam as diversas realidades.

Ao analisar a arte africana percebe-se que a base do seu conceito é essencialmente a forma, que é expressiva para que se possa capturar o seu significado. Torna «visível o invisível», colocando claro o que está subentendido, repleta de dinamismo e vida.

Em Angola ainda é escassa a informação referente à arte desenvolvida no período colonial pelas várias instituições oficiais, por falta de investigação neste domínio. No entanto sabe-se<sup>24</sup> que o contacto dos artistas autóctones angolanos com mestres europeus só aconteceu nos anos 40 do último século.

As influências ocidentais chegaram através de professores do ensino oficial Português e de visitantes/turistas da colónia, que trouxeram novas técnicas artísticas que contradiziam as normas africanas em favor das greco-romanas.



Imagem 22 - Máscaras Tribais

Com a aprendizagem das técnicas ocidentais, o artista angolano (dos centros urbanos), começa a desenvolver uma arte que vai ao encontro da ensinada nas academias europeias. Embora os temas principais permaneçam os mesmos, ligados à etnografia colonial, à natureza morta e às paisagens. Na década de 50, período em que começam as lutas pela

23 - 13

24 - 13; 26; 22 e 42

libertação nacional, a pintura é usada como combate à opressão colonial, com temas ideológicos, nacionalistas e da vivência do dia-a-dia.

Actualmente conhecem-se exemplos de arte rupestre nas grutas de Citundo, Ulo e Caningiri e mais cinco estações na zona de Tómbua, no Namibe, sendo candidatas a património mundial da UNESCO.

Da arte tradicional e pré-colonial, destacam-se as típicas máscaras (Ver Imagem 22), usadas nas diversas cerimónias tribais. Há ainda a famosa estátua de madeira do pensador (Ver Imagem 21), que é uma figura masculina, esguia, sentada, com os joelhos levantados, as mãos na cabeça e os cotovelos a repousar nos joelhos. Na arte contemporânea, destacam-se as obras que têm elementos globais juntamente com tradicionais.

Actualmente começam a ressurgir inúmeras manifestações artísticas e culturais ligadas à representação, a espectáculos e a eventos (como eleições de misses), consequência da capital se encontrar em plena sede de desenvolvimento.

#### 2.3.4.4 Literatura

A literatura angolana teve o seu princípio no século XIX, através da imprensa nativa com o uso dos panfletos para divulgação das suas próprias ideologias. Esta arte consegue notabilidade em 1935<sup>25</sup>, com a publicação do romance “O segredo da Morta” de António Assis Júnior. Contudo, é na década de 50 que através da revista “Mensagem” se começam a destacar alguns nomes, que através da sua escrita direccionam um pensamentos à resistência, à dominação colonial. A partir daí surgem autores que criam uma linguagem, levando a uma identidade própria. Depois da independência é formado um grupo chamado “União de Escritores Angolanos”, multiplicando assim o movimento editorial. A literatura é usada para ajudar o país a ganhar uma consciência nacional, para ser um “todo”. A partir dos anos 80<sup>26</sup>, já não é necessário o uso de temas que sensibilizem e direccionem o povo, logo segue-se a liberdade para a criação de novos temas e para a crescente melhoria de qualidade. Nos anos 90 o estilo dominante é a prosa, que se torna a expressão literária mais forte neste país.

#### 2.3.4.5 Festas e Gastronomia



Imagem 23 - Desfile de Carnaval

Os angolanos são por natureza muito “festeiros” e para além das tradicionais e pequenas festas de cada município existem três momentos importantes:

- Festas do Mar - Acontecem na cidade do Namibe, têm uma conotação tradicional, com carácter desportivo, cultural e recreativo, aproveitando assim para a exposição de produtos agrícolas, da pesca, entre outros.

25 - 26; 22 e 42

26 - 13; 26; 22 e 42



Imagem 24 - Festa de Nossa Senhora de Muxima



Imagem 25 -Funge



Imagem 26 - Peixe Seco



Imagem 27 - Cerveja Angolana "Cuca"

o Carnaval (Ver Imagem 23) - É bastante comemorado em todo o país, havendo desfile nas principais avenidas de Luanda e de Benguela.

o Festa da Nossa Senhora de Muxima (Ver Imagem 24) - Existe um santuário na província do Bengo em honra desta Santa, que recebe peregrinos durante todo o ano, mas anualmente realiza-se a sua festa que leva ainda mais turistas.

A longa permanência do povo lusitano em terras Angolanas levou a que haja alguma influência a nível de gastronomia. Como exemplo há os pratos de bacalhau ou de arroz. A cozinha nacional Angolana é maioritariamente à base de guisados, com ou sem carne, peixe ou óleo de palma, acompanhada de funge, uma massa de farinha de mandioca (Ver Imagem 25).

Há também uma grande variedade de peixe (normalmente vendido seco) e marisco. Normalmente nas ruas são preparadas algumas iguarias e vendidas no momento (Ver Imagem 26).

No que respeita a doces a variedade não é tão grande, sendo a maioria feita de Jinguba e açúcar, como é o caso da paracuca.

Em relação às bebidas, existe uma certa diversidade, com ou sem álcool. Tomando como exemplo há a múcua fermentada, Kissângua, a Kapuka ou o vinho de palma, tudo bebidas que mais ou menos fermentadas são mais ou menos fortes e alcoólicas, confeccionadas através de produtos colhidos e trabalhados pela população local.

Angola é uma grande produtora de cerveja, havendo várias marcas nacionais como a Cuca (Ver Imagem 27) e a Eka. Um refrigerante em lata muito conhecido e popular é a Blue, muito semelhante ao Sumol português.

É importante salientar que a variedade gastronómica depende da região devido aos produtos disponíveis e possibilidade financeira de cada família. Portanto nas zonas rurais e mais "primitivas" as possibilidades por vezes reduzem-se drasticamente, vivendo do que a natureza local oferece.



## CAPÍTULO III

# Contextualização arquitectónica e urbanística das cidades angolanas

---

*“Os verdadeiros donos de África  
continuam a ser os povos tribais.  
São eles os portadores da cultura,  
da arte e do espírito africano.”*

*Sandro Bettencourt*

*2010 p.113*

---





# CAPÍTULO III - Contextualização

## arquitectónica e urbanística das cidades angolanas

### 3.1 Ocupação e Urbanização do território Angolano

As histórias de Angola e de Portugal, devido às circunstâncias, um dia cruzaram-se e por essa razão encontram-se ligadas. Esta verdade revê-se também a nível urbano, porque uma tomou como referência a outra, encontrando a sua diferença no sítio, no locus e como este influenciou a forma final. Angola é o território mais vasto e importante da colonização portuguesa. Como se analisou no capítulo II, o desenvolvimento da colónia deveu-se às actividades económicas aí implantadas, pelo que a ocupação do território foi surgido como necessidade, incluindo a criação de novas cidades, dando vida à arquitectura concebida. Para Maria Fonte *“A cidade é obra do homem, uma expressão da sua vida interior e o resultado das suas acções, não só de quem a vive mas também de quem a desenha.”*<sup>27</sup>

Os primeiros centros urbanos foram Luanda, Benguela e Moçâmedes, que ficavam no litoral, sendo a partir destes, que as povoações começaram a criar ramificações para o sertão, principalmente na bacia hidrográfica do rio Cuanza, considerado o “berço da ocupação portuguesa” por questões militares. Os novos aglomerados e cidades, formaram-se de modo mais intenso e organizado, constituídos essencialmente por cidadãos portugueses mas em que o povo nativo também acabava por se agrupar. A ocupação do território foi progredindo sempre limitada pela falta de vias de comunicação. Com o dealbar do século XX, estas começaram a estabelecer-se devido à criação de portos, caminhos-de-ferro e redes de estrada, levando as povoações cada vez mais para o interior, como uma espécie de tentáculo.

O suporte principal da economia da maior parte das povoações era o comércio. Uma surgiram através da fundação de raiz e outras de forma espontânea, mas na realidade, todas acabaram por ser matéria de planificação para a sua expansão, através de planos de reorganização, com o intuito de lhes dar uma ordem urbana. A ocupação espontânea adopta uma marca casual, enquanto a planificada segue os princípios coloniais.

Para a fundação e implantação das primeiras cidades foram usados os princípios da época, aplicados a locais morfologicamente defensivos e com influências pombalinas a nível urbanístico. Tendo como objectivo o povoamento branco em Angola, por questões de ordem e controle militar, administrativo e económico do Regime, as cidades que foram surgindo,

---

27 - 27 (pág. 17)

seguiam o modelo antigo, assente na estrutura reticulada ortogonal, na procura de centralidade.

As várias etapas da colonização vão desde a ocupação militar e administrativa, à aglomeração da população branca e ao surgimento de empresas que criavam estruturas auto-suficientes. Entendia-se que os planos urbanísticos para uma organização urbana, eram também ferramentas de integração social e racial, mas na realidade aconteceu o oposto. Na cidade planificada encontravam-se os cidadãos brancos; a seguir a esta, estavam os bairros mistos que continham pessoas brancas e africanas; depois havia os bairros indígenas que eram para o povo nativo; e finalmente os musseques onde se encontravam as pessoas mais desfavorecidas e colocadas à margem da sociedade. Ao contrário “da cidade dos brancos”, os bairros dos indígenas e os musseques cresciam sem qualquer regra ou princípio e as fronteiras entre cada espaço era fluída. (Ver Imagem 29)

No período que corresponde à chegada de Norton de Matos a Angola até ao ano de 1939<sup>28</sup>, defendia-se que a Nação era uma só (Nação Una)<sup>29</sup>, logo a unidade Nacional, requeria a territorial, pelo que as acções efectuadas pelos colonizadores deveriam ter como ideal uma região contínua e unida. Requeria-se também uma única economia, transformando a colónia numa ampliação de Portugal.

Apesar de serem muito poucos, existiram bairros que tinham um assentamento multirracial, onde havia a cubata e a habitação corrente implantadas lado a lado e respeitando a estrutura de quadrícula. Foram criadas, ainda, as Unidades Residenciais Indígenas, que à parte do contexto urbano, foram aparecendo como seus satélites. Este tipo de bairros transformou-se num elemento tipo para o resto da colónia, com estruturas autónomas em torno da cidade consolidada, existindo como exemplo as de Lobito e Carmona nos anos 50. Os novos bairros deviam ter as características europeias, tornando-se exemplo para o resto da população Angolana que pretendesse erguer as suas construções, por serem construídos com materiais permanentes e estarem organizados em consonância com os princípios modernos da técnica de urbanização, com todas as funções necessárias à constituição de uma urbe.

A edificação destes bairros visava substituir o cariz espontâneo dos musseques, que não sendo a cidade formal fazem parte dela, representando o lado informal, sem condições de salubridade. A habitação do musseque (Ver Imagem 28) sofre um processo de metamorfose na sua forma e função, visto que inicialmente a planta apresentava-se circular e com uma única divisão, para depois ser rectangular e com mais divisões. Logo há também a busca de modelos, na habitação tradicional dos seus colonos, o tipo de casa-quintal.

---

28 - Idem (pág. 49)

29 - Idem (Pág. 29)

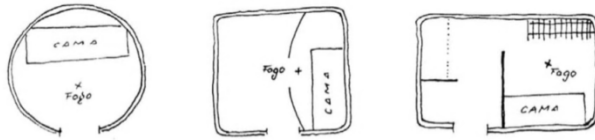


Imagem 28 - Evolução da Habitação dos Nativos, as chamadas Cubatas.

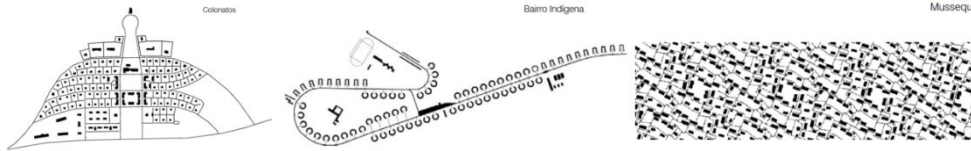


Imagem 29 - Esquemas das formas de Ocupação do Território - Colonatos, Bairros Indígenas e Musseques

Em termos arquitectónicos e urbanísticos destaca-se a obra realizada no período do Estado Novo. Neste contexto, a acção urbanística e arquitectónica estava ligada ao progresso económico e social, que consequentemente dependia da ordem política. Daí que até à década de 60 foi o período em que as plantações do café se intensificaram, o que levou ao crescimento de algumas cidades e à necessidade de melhorar e modernizar as suas condições e equipamentos. Essa expansão nem sempre ocorreu da forma mais correcta, provocando um crescimento desorganizado, deturpando o desenho inicialmente proposto.

As cidades que foram mais afectadas pela exploração do café, foram Luanda e Carmona actual Uíge, por estar geograficamente perto da Capital. No que respeita a Carmona, em meados do século XX tinha uma única rua e pouco mais de meia centena de casas, a maioria em pau-a-pique e telhados de zinco e capim. Com o comércio do café alterou-se radicalmente e em pouco tempo ascendeu para cidade.

Desde 1961<sup>30</sup> até 1974 a colonização e povoamento do território angolano intensificou-se, e consequentemente a reorganização das cidades e aglomerados. É um período de explosão demográfica e de grande construção, provocando desajustes nas cidades, a criação de novas tipologias de habitação e construção em altura, obras nas infra-estruturas e novas estradas. Até então, as vias pavimentadas reduziam-se a um pequeno conjunto que ligava as cidades de Carmona e Salazar a Luanda, visto que as restantes eram extensos caminhos em terra batida. Como se pode (ver imagem 30) constatar a chegada de população branca a Angola intensificou-se com o passar do tempo, para desta forma fazer o povoamento do território e garantir o poder dos colonizadores.

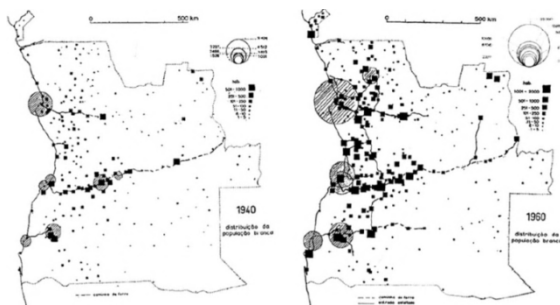


Imagem 30 - Comparação da distribuição de população branca entre o ano de 1940 e o de 1960

Com o programa de povoamento em Angola, surgiu a necessidade de fortalecimento da urbanização das cidades e aglomerados. A organização estruturada e expansiva das cidades intensifica-se com o gabinete de Urbanização colonial, que forma uma colónia centralizada com um estilo que é reflexo do regime. O trabalho do Gabinete de Urbanização Colonial passou a ser realizado numa delegação em Angola, a partir da década de 50, devido à necessidade de proximidade com o sítio e desde aí nascem também os planos de zonas de ocupação imediata.

Foi entre a década de 60 e a independência que se verificou um progresso mais intenso das cidades, com maior enraizamento das populações e maior aposta nos pequenos aglomerados, redesenhando os tecidos urbanos, de forma a assumirem uma imagem mais cidadina. Os tipos de urbanização praticados no território angolano sintetizam-se em colonatos, núcleos urbanos litorâneos de raiz espontânea, núcleos urbanos sob influência da estrutura ferroviária e núcleos urbanos sob influência da rede rodoviária.

### 3.1.1 Colonatos

Os colonatos<sup>31</sup> foram uma das formas de povoamento Português, no período de colonização em Angola, criados pelo estado com o objectivo de fundar e fixar núcleos de população branca. Provenientes de Portugal, deportados ou famílias completas, começaram a sua deslocação no esforço de evitar as evasões e conseqüentemente “conquista” do território por parte de outros países. Os grupos que chegavam formavam colónias de vários tipos, que eram autênticas aldeias, concentrando todo o tipo de equipamentos e estruturas de modo a serem auto-suficientes. No caso das colónias penais, havia uma clara separação entre as zonas para brancos e para negros. Havia ainda os colonatos para indígenas, controlados por brancos, mas que não tinham as condições de habitabilidade das colónias com população Lusitana. Finalmente existiram também as povoações com surgimento espontâneo ou criadas por entidades privadas.

Este tipo de povoamento, na sua maioria, estava relacionada com o sector agro-pecuário e teve o seu maior momento de actuação na década de 60, também com alguma tentativa de integração racial. Tratava-se de provar na esfera internacional a capacidade de Portugal para se organizar numa sociedade multirracial. Um dos problemas deste tipo de povoamento foi a situação que criou às famílias locais, que foram muitas vezes obrigadas a sair e instalar-se noutras zonas, para que as famílias europeias ali se fixassem. O que prova a falsa tentativa de integração racial.

Outra questão, que foi despontando, foi a deslocação sucessiva e em massa das populações que estavam nos colonatos para as grandes cidades, na procura de melhores condições. Visto que a motivação de ir para Angola foi a procura de melhoria de vida, mas pelo contrário, alguns, ainda tiveram uma história de maior miséria. Um dos objectivos da

---

31 - 27 (pág.317)

fixação destes grupos passava por recriar o que existia em Portugal, a nível de costumes e tradições.

A nível de organização e características os colonatos eram organizados em aldeias; com estrutura hierarquizada das ruas e edifícios; compostos por habitações unifamiliares isoladas e com pequeno terreno de apoio; desenho simples, com tentativa de reproduzir os modelos de Portugal; a nível de composição, há uma relação com os bairros económicos de Lisboa; encontravam-se fora do contexto urbano, afastados das cidades consolidadas; as habitações apesar de modestas tinham sentido inovador e moderno; tinham como elementos compositivos, a afirmação da horizontalidade, através do ritmo dos vãos, do uso de frisos, palas, pérgulas, alpendres e platibandas. (Ver Imagem 31)

Havia a tentativa de fazer das colónias uma “cópia de Portugal”, o que se tornava desajustado em relação ao contexto e sítio, porque as escalas, o tipo de vida, o clima, as tipologias e composições nada se podiam comparar às aldeias portuguesas.

Os Planos de Urbanização dos colonatos foram executados pelo gabinete de urbanização colonial, tendo como grande exemplo o colonato de Cela. Percebe-se que o objectivo era fazer do colonato uma cópia dos modelos da metrópole, mas a imitação não se verificou devido às diferentes escalas, proporções e expressões.

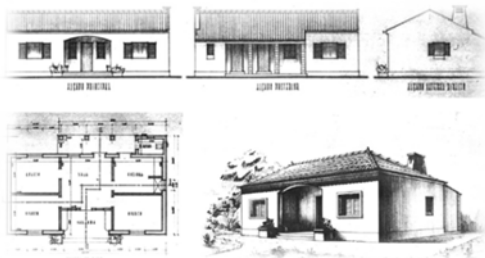


Imagem 31 - Exemplo de Tipologia Habitacional

### 3.1.2 Núcleos urbanos litorâneos de raiz espontânea

São considerados núcleos urbanos litorâneos de raiz espontânea<sup>32</sup>, as cidades que se localizam no litoral e fizeram parte das primeiras fixações urbanas em território angolano, passando por várias fases de expansão. São núcleos que têm alguns traços de espontaneidade, com marca essencialmente europeia, mostrando um traçado pouco geométrico devido aos vários momentos de consolidação ao longo do tempo.

Devido à localização e implantação, grande parte das urbes inseridas neste grupo, apesar de um predomínio do mar e da costa, desenvolveram-se também com a influência do caminho-de-ferro. Estas cidades, devido à importância adquirida, foram o primeiro alvo para o planeamento, em oposição às cidades do interior que apenas foram planeadas e redesenhadas a partir dos finais da década de 60.

32 - 27 (pág.171)

### 3.1.3 Núcleos urbanos sob influência da estrutura ferroviária e da rede rodoviária

Os núcleos urbanos sob influência da rede ferroviária<sup>33</sup> remetem para as cidades que cresceram a partir da implantação dos caminhos-de-ferro, desenvolvendo-se ao longo do percurso das linhas, por serem o suporte para o progresso económico. Todas as cidades que pertencem a este grupo têm alguns aspectos em comum, como o facto de se expandirem para um dos lados da linha.

Os núcleos urbanos sob influência da rede rodoviária<sup>34</sup>, integram as cidades e aglomerados que se situam no interior de Angola, na maioria com surgimento espontâneo. Localizavam-se no seguimento da estrutura rodoviária, para que fossem possíveis os movimentos comerciais.

Assim, pelo interior de Angola muitas foram as povoações que surgiram, maiores ou menores, mais ou menos importantes. Muitas mantiveram-se fixas e com as suas habitações inalteradas durante décadas. Exemplo destas povoações, cidades ou vilas do interior refiram-se os casos de Huila, Sanza Pombo ou Cambulo, entre muitas outras.

## 3.2 As cidades coloniais angolanas

### 3.2.1 Principais traços arquitectónicos e urbanísticos das cidades coloniais portuguesas

O Império Colonial português foi muito vasto e espalhou-se pelos cinco continentes (Ver Imagem 32), onde os traços da arquitectura e urbanismo do país foram sendo deixados ao longo dos vários séculos de domínio Lusitano. Com as descobertas, muitos foram os objectos arquitectónicos criados nos territórios conquistados, desde o período manuelino-renascentista até à arquitectura moderna. Foram erguidas fortalezas, igrejas, casas, equipamentos, portos, ferrovias, povoações de vários tipos. Em suma autênticas vilas e cidades com uma beleza rara e única, com um ambiente harmonioso.

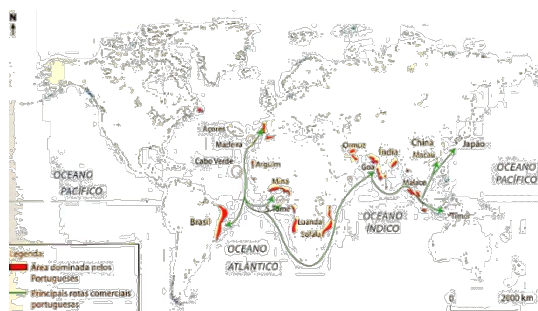


Imagem 32 - Mapa do Império Colonial Português

33 - Idem (pág.227)

34 - Idem (pág.281)

Os locais onde os núcleos urbanos, de origem colonial Portuguesa, começaram a surgir apresentavam características próprias, em países distintos e diferentes continentes, com etnias e costumes muito diversificados e condições climáticas particulares. Cada local imprimia à sua cidade uma identidade própria e uma cultura única. Contudo, em todos eles é possível identificar traços comuns do modelo colonial em vários domínios incluindo a nível arquitectónico e urbanístico. Encontram-se semelhanças nas características morfológicas, que vão desde a escolha do local à forma como cada urbe se estruturou e evoluiu, havendo uma primeira herança do modelo das cidades de Lisboa (nomeadamente o estilo Pombalino) e do Algarve. As cidades Coloniais Portuguesas, erguidas no século XX, têm em comum um modelo preferencial, que vai ao encontro da inspiração nas cidades-Jardim<sup>35</sup>.

O crescimento e o planeamento das cidades coloniais tiveram várias fases e possuíram como principal motor a criação do Gabinete de Urbanização Colonial, em 1944<sup>36</sup>. Destinava-se a centralizar num só organismo público, com sede em Lisboa, toda a prática projectual de arquitectura e urbanismo de promoção oficial, destinada às colónias, incluindo Índia, Timor e Macau. Isto acontece porque havia a necessidade de estudar e acompanhar a formação e desenvolvimento dos aglomerados nesses territórios, para evitar o crescimento ao acaso. Mas o facto, dos profissionais não conhecerem os locais, tornava esta prática difícil e feita para servir qualquer sítio.

As entidades deste Gabinete só se instalam em cada território colonizado, nos anos 60, pela necessidade de haver maior rigor na criação dos planos de urbanização.

É visível a marca do modelo da cidade-jardim nos planos realizados, apesar de o traçado apresentar um grande formalismo geométrico. Esses planos foram experimentados em Angola e Moçambique, com maior incidência. Primeiro nas cidades costeiras e portuárias, depois nas urbes junto aos caminhos-de-ferro, mas principalmente nas cidades capitais.

Os planos realizados, no geral, tinham como objectivo criar zonas de expansão para um determinado povoamento, tendo como desenho o modelo já referido da cidade-jardim, apresentando algumas das suas características, tais como: zonas de baixa densidade populacional e construtiva; predominância da tipologia da habitação unifamiliar; traçado dos arruamentos menos formal e mais orgânico; utilização da rotunda; ruas arborizadas; lotes com zona ajardinada; jardins públicos; campos desportivos; em alguns casos separação entre via de circulação para pedestre e veículo.

O uso das árvores e a sua implantação de forma alinhada no correr das ruas fazia parte da estruturação do traçado urbano, acentuando a linha de cada rua e dando-lhe uma hierarquia. Como exemplo, há o plano de urbanização realizado para São Tomé e para Cabinda. A plantação de árvores, ao longo do arruamento, era uma prática Colonial

---

35 - 35

36 - 37

empregada mesmo antes da entrada do Movimento Moderno, para dar mais conforto e habitabilidade aos cidadãos de cada urbe, devido ao clima tropical.

Ao contrário do original, o uso do modelo das cidades-jardim, não tinha como princípio fundamental criar uma urbe com equilíbrio entre a cidade e o campo. Procurava sim, transformar os pequenos aglomerados em locais com uma grande diversidade de funções, metamorfoseá-los em verdadeiras cidades, dando-lhes identidade.

A ocupação urbana, das cidades coloniais, privilegiava as áreas litorais, os enclaves e os territórios junto às linhas de caminhos-de-ferro, pelo facto de se encontrar aí o coração do comércio e da economia. Portanto, a implantação das urbes escolhia os locais que mostrassem potencial para o desenvolvimento económico da área e do país, como um polo centralizador político e económico.

As cidades até ganharem uma identidade, e estarem consolidadas, passaram por várias fases na sua formação, na procura de se adequarem aos seus habitantes, reproduzindo formas e elementos arquitectónicos e urbanísticos usados na metrópole. Logo, a partir do momento em que uma cidade do litoral se alargava através da criação das linhas de caminhos-de-ferro, abriam-se as portas para a criação de uma rede urbana, onde estavam inseridas hierarquicamente, as cidades administrativo-militares, as cidades portuárias, as cidades mineiras e as cidades entreposto. Assim as cidades coloniais podem ser classificadas em quatro tipos<sup>37</sup>:

- Cidade pré-colonial reconfigurada: adapta o pré-existente às necessidades da população europeia;
- Cidade colonial dual: com duas aglomerações diferentes, lado a lado, a cidade do povo nativo e a cidade nova dos europeus;
- Cidade colonial clássica: construída pelos europeus, com localização estratégica por questões defensivas e comerciais;
- Cidade colonial contemporânea: tem as formas e princípios arquitectónicos e urbanísticos do século XIX e XX, apresentando inovação e modernismo.

---

37 - 36

Exemplo de planos<sup>38</sup> para as cidades colonizadas por Portugal são: Macau 1840 (Ver Imagem 33); Planta da cidade de Goa 1831 (Ver Imagem 34); Plano de Urbanização para São Tomé e Príncipe (Ver Imagem 35); Plano de Urbanização de Quelimane, Moçambique (Ver Imagem 36).



Imagem 33 - Macau em 1840



Imagem 34 - Planta da cidade de Goa, em 1831



Imagem 35 - Plano de Urbanização para São Tomé e Príncipe



Imagem 36 - Plano de Urbanização de Quelimane, Moçambique

38 - 24 e 36

### 3.2.2 Influências Internacionais na criação da Arquitectura e Urbanismo Colonial Angolano

A escola Francesa foi essencial para o desenvolvimento de planos urbanísticos e teve uma grande influência em Portugal, mostrando-se como uma referência a ser seguida. Muitos foram os arquitectos Portugueses a estudá-la e a seguir as suas normas, exemplo disso é Faria da Costa. Mas muitos foram, também, os arquitectos Franceses que se descolaram a Portugal e deram o seu contributo directamente. Os princípios urbanísticos, transmitidos, foram usados também em Angola.

#### 3.2.2.1 A cidade moderna

A cidade Moderna surge como alternativa à tradicional, verificando-se mudanças ao nível das escalas dos edifícios e da própria estrutura das cidades, numa procura consciente de dar resposta aos problemas que emergiam no século XX.

O estilo moderno, no que respeita ao urbanismo e à arquitectura, valoriza mais o espaço público, olhando para a cidade como um todo, mas nem por isso desvaloriza o estudo das partes que compõem uma urbe. Segundo Le Corbusier e a Carta de Atenas, estas funções são classificadas como: *“habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito e circular.”*<sup>39</sup>

A nível geral, todos os países europeus passaram pela experiência do movimento moderno, mas Portugal estava sujeito às regras do regime Salazarista, que durante anos fechou as suas portas às influências internacionais. Ao contrário de território Lusitano, Angola aceitou de bom grado o movimento moderno, tanto a nível de Arquitectura como de urbanismo. Por essa razão, os Jovens arquitectos Portugueses, encontraram em Angola, um local com maior liberdade para novas experiências. Estas demonstraram uma grande preocupação com a adaptação ao sítio.

#### 3.2.2.2 A cidade-jardim e a cidade-satélite

O conceito de cidade-jardim nasceu em Inglaterra, nos finais do século XIX, através de Ebenezer Howard, como alternativa à cidade industrial. O seu modelo criou um novo espaço urbano e habitacional com o grande predomínio dos espaços verdes.

Angola, geograficamente, estava longe das tendências Europeias, mas no que respeita ao urbanismo e à arquitectura, encontrava-se bastante próxima, sendo um palco de experiências como anteriormente se referiu. Isto porque é identificável uma série de características que remetem para os modelos europeus e principalmente para o protótipo da cidade-jardim, mas com uma realidade ajustada ao local.

---

39 - 27 (pág. 77)

Etienne de Groer<sup>40</sup> e David Silva, em 1942, sugeriram o primeiro plano de urbanização para Luanda<sup>41</sup>, num modelo de cidades-satélite, a primeira experiência de urbanismo Português do século XX nas colónias (Ver Imagem 37). O objectivo deste plano era controlar o crescimento da cidade, através da proposta de cinco cidades-satélite que se localizavam na orla do principal núcleo urbano. Estas cidades ficariam ligadas entre si através de uma circular e de um espaço rural, entre elas. Testava-se uma forma de orientar a população em excesso para as cinco novas cidades, transformando-as em cidades dormitório. Devido à separação racial, também foram consideradas algumas medidas para respeitar este juízo, tornando-se determinante para a organização das cidades coloniais.

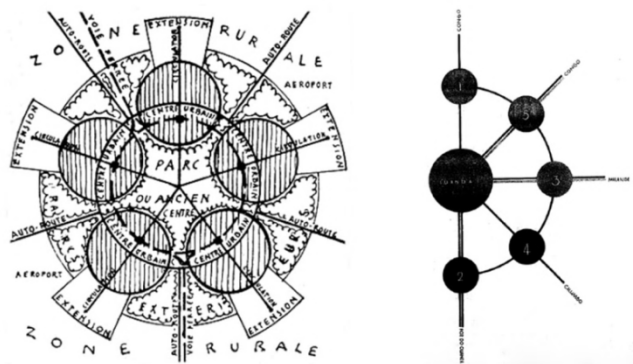


Imagem 37 - À esquerda é o Modelo de Cidades-Jardim de Etienne de Groer (1932). À direita é o Esquemas das cidades-Satélite para Luanda de Vasco Vieira da Costa (1948).

### 3.2.2.3 Adaptação aos trópicos

Muitas foram as experiências do século XX, em especial em Angola, que analisavam a forma de adaptar as cidades e a arquitectura, do momento, ao clima tropical, quente e húmido, para assim construir identidade colonial. No território Angolano desejava-se erguer cidades com imagem portuguesa, com durabilidade no tempo e no espaço de forma a criar história.

Inicialmente as construções mostravam-se precárias, mesmo as mais importantes, com influência das construções tradicionais de Angola, com materiais locais. Portanto, uma mistura entre a arquitectura Local e a Portuguesa, devido à natureza do clima. Entretanto houve um processo de transformação, que convergiu no uso dos princípios e modelos do movimento moderno, encontrando o seu ponto mais alto na adaptação da arquitectura aos trópicos. O movimento moderno integra em si, alguma facilidade em transportar as suas bases para os trópicos, por valorizar aspectos como a ventilação cruzada e a protecção solar.

Os elementos que compõem a nova arquitectura na Colónia demonstram a forte influência de Le Corbusier, nomeadamente através do uso do brise-soleil. O arquitecto

40 - Idem

41 - Idem (pág. 84)

Richard Neutra teve uma grande influência em Angola, na relação que dava ao interior com o exterior e na valorização dos espaços exteriores cobertos através do prolongamento das coberturas, garantindo a protecção para a chuva e para o sol. A junção da arquitectura moderna com o clima tropical, tal como a união da arquitectura regional com a moderna em Portugal, mostrava a origem de uma nova temática, a arquitectura moderna com forte adaptação ao sítio.

O Gabinete de Urbanização Colonial, começou a elaborar planos para os principais centros urbanos das colónias portuguesas, inclusive a Angolana, que passou alguns anos teve o seu gabinete em Luanda, devido à necessidade de proximidade com o sítio, ficando à responsabilidade do arquitecto Fernando Batalha. Assim começaram a construir, planificar e redesenhar as cidades que cresciam rapidamente e a construir obras públicas que demonstrassem o poder do Estado, mas que transmitissem os princípios modernos e o modelo da cidade-jardim.

### 3.2.3 A Arquitectura Colonial em Angola

O estado, a administração local e os investidores privados foram os motores de desenvolvimento e transformação da colónia, no que respeita à arquitectura e ao urbanismo.

Na organização territorial de Angola, o estado Português debruçou-se no ordenamento do território, já a administração local nas obras de arquitectura e urbanismo das cidades, e os privados estiveram presentes no exercício da arquitectura dentro de cada loteamento. Havendo portanto a encomenda de arquitectura pública e privada.

As construções Coloniais, realizadas por cada um dos três agentes, visavam reflectir a sua própria imagem e papel na sociedade na qual actuavam. O Estado representava o regime que se vivia, portanto rigor, contenção e simbolismo; a administração local buscava a descoberta; e os investidores privados estavam abertos à inovação e ao modernismo.

Nem todas as obras foram desenvolvidas por arquitectos, mas apesar disso, a aparência era global, com princípios definidos, que originavam facilmente o recurso à cópia com uma certa qualidade e dignidade, por parte das pessoas que não tinham formação nesta área. As construções e conseqüentemente os aglomerados foram-se desenvolvendo à medida das necessidades dos seus habitantes, havendo uma grande variedade de tipos de obras públicas, que incluía edifícios de habitação para os cidadãos que trabalhavam nos quadros superiores e para os operários. Devido a esta diversidade, reconhece-se a presença de uma arquitectura institucional, do regime e uma outra com uma linguagem que acompanhava as tendências universais.

Para a construção e desenvolvimento do edificado foi decisiva a vivência e conhecimento do território, no qual pode ser identificada uma arquitectura tropical mas também o estilo do "Português Suave", reflexo da formação académica e pessoal de cada criador. Mostrava o desejo do Estado em marcar o seu poder. O alternativo era o "Estilo

Moderno” que invocava a inovação e mantinha uma relação mais próxima com o contexto tropical. Em suma, havia uma procura por descobrir uma identidade própria.

Em Angola surgiram, principalmente a partir da década de 50, muitas empresas e companhias privadas que apostaram o seu investimento na exploração da natureza deste país. Nomeadamente na plantação de café, ganhando uma dimensão tão grande que tiveram a necessidade de criar estruturas que suportassem estas actividades. Na realidade foram geradas autênticas “cidades”, com estruturas urbanas reservadas apenas aos trabalhadores, que se mantinham autónomas e preservavam os princípios das verdadeiras urbes de Angola, com separação racial e social.

A grandeza era de tal ordem que para uma só companhia chegaram a ser construídas estradas e vias-férreas, com extensão de 300 km cada, pontes sobre rios, bairros habitacionais para brancos e para negros separadamente, igrejas, e equipamentos sanitários como hospitais, escolas e ainda a instalação de missões católicas. Muitas vezes, alguns aglomerados eram mais pequenos e dependiam directamente destas companhias para a sua subsistência.

A maior parte dos edifícios em Angola, tanto oficiais, como de habitação para portugueses, foram projectados pelo gabinete de urbanização do ultramar, que mesmo seguindo o vocabulário imposto tentavam atenuar a imagem das construções, com a adaptação para alguns apontamentos modernos. Era visível também a diferença entre os projectos vindos da metrópole e os que eram realizados na própria colónia. A diferença encontra-se essencialmente no facto de quem estava na metrópole não projectava para um sítio, mas sim para qualquer sítio.

As cidades e os aglomerados nem sempre surgiram numa ordem sequencial, em que primeiro eram elaborados os planos e posteriormente seriam implantados os edifícios. Portanto existiram obras públicas construídas quando a necessidade assim o pediu, sem existir um plano geral de urbanização da zona.

Muitos projectos de edifícios eram feitos sem se saber qual seria a sua implantação, com a possibilidade de ser em diferentes locais, dependendo dos agentes da administração local. Logo as propostas teriam de ter um carácter polivalente, mas que ao mesmo tempo assumisse sempre um lugar de destaque nas cidades. Por essa razão tinham a característica de ser isolados para assim melhor se adaptarem a qualquer terreno. Muitas das cidades, para formarem um todo, surgiram da junção dos edifícios isolados, devido a esta realidade, deixando pelo meio muitos espaços vazios no que concerne à consolidação do quarteirão.

O estado procurava levar para Angola os protótipos construtivos portugueses, mas a verdade é que as construções sofreram um enorme processo até atingirem a meta pretendida. Isto porque inicialmente assemelhavam-se mais às casas dos habitantes autóctones. Apesar das construções traduzirem os modelos portugueses, apresentam-se adaptadas à vida e escala angolana.

As obras públicas estão divididas em dois tipos, sendo os seguintes: habitação e equipamentos.

Na habitação, existia a colectiva e a unifamiliar, sendo a última a mais praticada. Desenvolveram-se dois tipos de habitação; a mínima para os operários, colonos e indígenas, que era comparável às habitações dos bairros económicos de Lisboa<sup>42</sup>; e outra a casa dos quadros superiores que era mais completa e com dimensões mais generosas. É então muito visível a distinção hierárquica.

As construções que se destinavam a pessoas que se encontravam socialmente num nível superior tinham particularidades próprias: grande distinção entre espaços; os compartimentos dos serviços, como cozinha e instalações sanitárias, estão separados da habitação principal, pelo facto da sua natureza e por questões raciais e sociais, estando lá os criados.

A arquitectura portuguesa foi levada e ajustada ao contexto em que estava a ser inserida, encontrando a sua grande diferença na relação entre interior e exterior. Por ter grandes espaços de terraço coberto, varandas e alpendres e por demarcar com maior profundidade a horizontalidade o edifício através do uso de platibandas e vãos corridos. Estas diferenças demonstram também a adaptação ao sítio e ao clima.

Os vãos apresentam um ritmo que é o reflexo da organização dos espaços interiores, sem grandes preocupações com os aspectos compositivos.

Os equipamentos são parte integrante e fundamental da cidade, servem os seus habitantes, por serem locais de socialização, de culto, de lazer, de cultura, de saúde, de ensino ou de foro administrativo. Portanto são um alicerce na estrutura urbana, assumindo centralidade em relação à envolvente através da sua implantação no espaço. São considerados espaço público construído e constituem locais de troca com carácter colectivo.

Assim os principais equipamentos em Angola eram os seguintes: Saúde, educação, espaços de culto, cultura e lazer, edifícios administrativos, mercados e edifícios de justiça.

#### 3.2.3.1 Saúde e educação

Os equipamentos de apoio à saúde são os dispensários, os hospitais, os postos de saúde, as maternidades e pavilhões de isolamento e em todos eles havia separação racial. No geral são edifícios construídos em grande escala, com propostas genéricas que serviriam qualquer local e na sua implantação ficam isolados.

As suas características gerais são: ficam orientados longitudinalmente; há uma marcação de centralidade; há racionalidade de elementos, que é demonstrada pela simplicidade do programa, em que o corredor é central e a partir deste os espaços são distribuídos; o edifício manifesta horizontalidade, simetria e continuidade, pelo ritmo e desenho dos vãos que muitas vezes estão ligados entre si através de um friso no peito das janelas e pela presença de torreões; a cobertura é transformada em terraço; em alguns casos há varandas que correm todo o edifício.

---

42 - 27

A linguagem dos edifícios remete para o “Português Suave”, embora também exista algum vocabulário que conduz para uma composição modernista pelo facto de ter platibanda, simetria e marcação da entrada.

O ensino em Angola passou por várias fases e uma delas está relacionada com o facto das missões católicas terem sido substituídas em grande parte por missões laicas devido ao estado se ter separado da igreja. Defendia-se as escolas de massa e por isso foi criado o modelo escola-oficina, que se baseia no facto de não ser puramente académica, fazendo com que o aluno também aprenda a trabalhar. Para dessa forma, no caso do povo nativo, passar de primitivo para civilizado. E só com a subida de estatuto é que era permitido o acesso às escolas oficiais. As escolas estavam ligadas às fazendas, aplicando assim o modelo acima indicado, visto que o objectivo era criar profissionais especializados e não pessoas com capacidade de raciocínio.

A separação racial entre africanos e europeus também se verificava neste sector, sendo que o ensino aos nativos era feito essencialmente pelas missões. Escolas secundárias só existiam as do estado.

Com a abolição do estatuto de indígena houve uma reforma na educação para diminuir o índice de analfabetos, mas como entrave havia a falta de professores, o que levou o estado à criação de formação gratuita para estes profissionais. Surgiu assim também o primeiro ensino universitário em Angola.

O edifício das escolas obedecia a um regulamento específico, com regras judiciais para a sua construção, em que havia projectos tipo para o território angolano, na procura de criar uma imagem institucional.

As características gerais destes edifícios são: grandes recreios cobertos; estudo e cuidado na projecção das janelas para que a ventilação e protecção solar fosse a melhor possível; uso do brise-soleil; monumentalidade, tentativa de aproximar o liceu ao convento a nível de tipologia; horizontalidade e ritmo dado pela repetição dos vãos; distribuição longitudinal; marcação de centralidade; os grandes vãos concedem ao espaço interior um carácter semiexterior, abolindo qualquer a barreira existente; uso de grelhagens, galerias e caminhos cobertos; clara marcação dos acessos verticais; Influência da arquitectura popular.

Também se encontram alguns liceus, em que o modernismo dá um pouco o ar da sua graça, através dos corpos edificados que se interligam entre o verde da natureza e que têm o piso térreo vazado e suportado por pilotes, dando a noção de continuidade. Há alguma diversidade nas características destes edifícios, mas mesmo assim os seus elementos transmitem um discurso arquitectónico muito comum em todos os projectos.

Na educação religiosa existiam instituições de ensino com e sem internato, orientadas principalmente para a classe social mais rica. Os edifícios apresentam as seguintes características gerais: estilo oficial para dar a ideia de nacionalismo e arquitectura única; tentativa de adaptação ao sítio para resolver os problemas de insolação e ventilação; separação entre estatutos sociais e raciais; pátio central para onde estão voltadas a

dependências; carácter simplista; vocabulário simples; monumentalidade; ritmo organizado e compassado; distinção entre as partes funcionais.

### 3.2.3.2 Espaços de Culto, cultura e lazer

A igreja teve uma forte presença nas colónias e um papel muito importante com o intuito de evangelizar, logo onde houvesse uma povoação havia um espaço deste género.

As construções que têm uma função religiosa possuem alguma variedade na sua escala, dependendo da sua importância para o local. Havendo catedrais e igrejas de pedra e cal mas também as de simples paredes de pau-a-pique ou adobe.

As características destes espaços são: ficavam integradas numa praça, avenida ou largo, logo exibiam um lugar de relevo e com um papel hierárquico predominante no contexto da cidade; procuravam a adaptação ao clima e ao sítio; projectos com capacidade de se ajustarem a qualquer sítio.

Os edifícios mostram o dilema que se vivia entre seguir a opressão do regime ou a tendência modernista. Nas construções do século XX vêem-se aplicados os estilos: Neo-Românico Português, o estilo moderno e uma linguagem mais contida e directa, mas sempre com o Reflexo do poder e do Estado Português.

Tendo como base o recurso à socialização, por ser um factor fundamental para a vida cidadina, foram colocados diversos equipamentos, de cultura e lazer, ao dispor dos cidadãos. Estes estavam associados ao centro cívico, ao desporto e à vida cultural.

Devido à temática, há uma maior liberdade na promoção destes edifícios, por essa razão, é perceptível uma maior modernidade; uma exposição mais adaptada ao sítio e clima; uma clareza na forma e rigor conceptual; um reflexo de descontração e leveza; e composições volumétricas muito organizadas no que diz respeito às funções.

### 3.2.3.3 Edifícios administrativos e justiça

Os edifícios que tinham um papel administrativo na colónia têm as características gerais seguintes: respeito pela hierarquia; ordens compositivas; platibanda e a ausência de telhado; varanda em torno do edifício; adaptação ao clima; grelhagens nos planos das fachadas e uso de palas; são isolados; centralidade e simetria; saliência da entrada; a organização interior faz-se de espaço para espaço, a partir de um corpo central; os alçados têm princípios de composição claros que não demonstram a organização interna.

Os elementos que compõem este tipo de edificado tentam mostrar um estado soberano, o regime que se vivia, através do misto da linguagem do “Português Suave” com os apontamentos modernistas e com o uso de grandes escalas.

Fala-se essencialmente de esquadras ou colónias penais, por essa razão funcionavam à margem da urbe, em que muitas vezes por si só constituíam uma cidade, com construções preparadas para receber ampliações e demonstrando sempre monumentalidade.

É perceptível que a produção arquitectónica teve sempre o intuito de reflectir o desenvolvimento político e económico do momento. Numa procura de transformar a colónia num local mais Português, em que as correntes Portuguesas e de forma mais ou menos aligeirada também as internacionais eram usadas, mas com adaptação ao sítio.

Poder-se-á concluir que o uso das correntes referidas e a ligação às particularidades do local levou à criação de uma arquitectura tropical angolana moderna de carácter português, portanto um estilo único, com uma identidade própria.

#### 3.2.3.4. Mercados

Os mercados têm uma grande importância na vida dos cidadãos pelo uso que acarretam e por isso uma enorme capacidade de serem um elemento marcante na estrutura da cidade. O exemplo mais emblemático é o mercado Quinaxixi em Luanda, com uma resolução formal e programática, que o torna a obra mais representativa do movimento moderno corbusiano na colónia. Usa um vocabulário inovador, muito bem adaptado aos trópicos, e determina-se pela fluência dos espaços, a ventilação transversal, o brise-soleil, o controle da luz e utilização dos materiais adequados para transmitir leveza ao edifício.

Pode-se entender o tipo de edifícios coloniais construídos em Angola para as mais variadas funções: (Ver Imagem 38; 39; 40 e 41) Saúde, espaços de culto e edifícios administrativos.



Imagem 38 - Alçados do Hospital de Malange, do Arquitecto João Simões, em 1951.

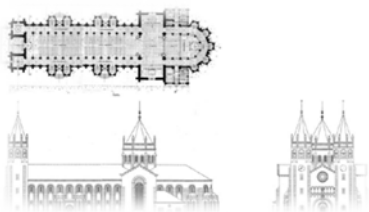


Imagem 39 - Planta e Alçados da Catedral de Nova Lisboa, do arquitecto Vasco Regaleira, em 1945.



Imagem 40 - Alçado do Edifício dos Correios em Benguela, do arquitecto José Amado, em 1947.



Imagem 41 - Estação dos CTT de Cabinda, do arquitecto Simões de Carvalho, em 1969.

### 3.2.4 Exemplos de sete cidades

As cidades coloniais Angolanas, desde que foram fundadas, beneficiaram sempre de alguma preocupação, na medida que usufruísem de um futuro sólido e bem estruturado. Sucedeu-se, que entre as décadas de 50 e 70, o sucesso desse cuidado foi revelado, descobrindo um grande património Histórico e Cultural, resultado do esforço de um povo que começou a construir a partir da areia e da terra, mas que conseguiu produzir belas cidades.

Desde essa época que estas urbes são o núcleo de todas as principais actividades: económicas, financeiras, políticas, culturais, artísticas e sociais. Albergando também tradições, hábitos e costumes que valorizam Angola.

A arquitectura e os planos de urbanização tanto dos edifícios administrativos como dos bairros residenciais foram pensados ao pormenor para que houvesse uma harmonia e equilíbrio geral em toda a urbe. Sentia-se<sup>43</sup> o gosto dos seus habitantes em manter as ruas limpas, bem tratadas e floridas, de forma a preservar o que ali existia. De forma notável, os habitantes davam o exemplo de civismo e higiene, principalmente na fruição dos espaços públicos.

A descrição seguinte, centra-se nas sete principais cidades coloniais angolanas, Luanda, Lobito, Benguela, Namibe, Lubango, Huambo e Malange. Pretende-se nelas caracterizar os edifícios, essencialmente ao edificado que resistiu no tempo, ao período de estagnação e destruição devido à Guerra Civil, que levou à destruição parcial ou completa de algum património nacional.

Após o período de viragem na História de Angola, muitas foram as ruas, avenidas, praças, praias, escolas, monumentos, edifícios e paisagens que mudaram de nome, para apagar da 'memória' os topónimos relacionados com os colonizadores. Mas a essência e propósito de cada local, a sua identidade e relação com o seu povo não foi destruída. O elemento que talvez tenha desaparecido quase por completo nestas cidades, devido ao conflito, foram as estátuas que homenageavam figuras Portuguesas, como é compreensível.



Imagem 42 - Igreja no Kuito

Angola tenta recuperar os danos causados, investindo na recuperação das suas cidades, estradas, reabilitação de edifícios e construção de novos, para assim renascer das cinzas e voltar a ter a vida de outros tempos (Ver Imagem 42).

### 3.2.4.1 Luanda

A cidade de Luanda pertence ao grupo de núcleos urbanos que surgiram no litoral de forma espontânea. (Ver Imagem 43)

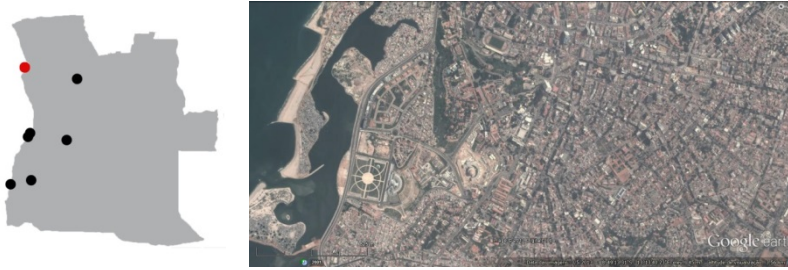


Imagem 43 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Luanda

Luanda, mais do que cidade, é a Capital. Como tal, apresenta características muito particulares, originadas pela forma como cresceu (Ver Imagem 44). Uma urbe com relação directa com o mar, com crescimento espontâneo e ao mesmo tempo planificado, devido ao seu progresso económico e aos vários planos de urbanização a que foi sujeita. Em 1959 foi produzido um Plano director<sup>44</sup>, usado em projectos pontuais, na busca de resolver os problemas da cidade: o seu crescimento desordenado e descontrolado; os locais que apresentavam grandes níveis de insalubridade; e os fracos acessos; foram criados alguns planos urbanísticos, mas que acabaram por não ser implantados por falta de estrutura, organização e meios financeiros.

Luanda, apesar de estar num momento de viragem e desenvolvimento para acompanhar as metrópoles mundiais, ainda contém traços dos seus descobridores que dão rosto e corpo à Capital. Conserva como património a fortaleza de São Miguel, construída em 1634, classificada como Monumento Nacional; o hospital D. Maria Pia, fundado em 1883, o primeiro hospital em Angola; o Mercado de Kinaxixe, criado na década 50 pelo arquitecto Vasco Vieira da Costa; e o banco de Angola e o BCA, ex-líbris da cidade, dada a sua exuberante arquitectura.

A Capital de Angola contemporânea, dentro do mesmo território, abarca várias realidades: A Luanda antiga; Luanda antiga com novos edifícios; baía; nova marginal; área da Talatona e os Musseques.



Imagem 44 - Plano Director de Urbanização da Ilha de Luanda, 1963; Banco Nacional de Angola em Luanda; Vista da Cidade de Luanda.

44 - 27 (pág.178)

### 3.2.4.2 Lobito

A cidade de Lobito pertence ao grupo de núcleos urbanos que surgiram no litoral de forma espontânea. (Ver Imagem 45)



Imagem 45 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade do Lobito

Insere-se numa região que se assumiu como um ponto de interesse a partir de 1913 com a chegada dos caminhos-de-ferro, e que em menos de vinte anos transformou a cidade. É uma urbe costeira, com vínculo ao porto e ligada à rede ferroviária de Benguela. Tornou-se um caso exemplar do urbanismo em Angola sob a acção do Gabinete de Urbanização Colonial. Trabalhou na sua construção o arquitecto Castro Rodrigues<sup>45</sup>, até aos anos 80, que quando a visitou, compreendeu que o plano se encontrava desajustado para aquele território, o que o fez expandir a cidade mais para Norte, revelando-se um desafio.

Actualmente, existem muitos musseques e casas de construção em terra que ficam nos Morros. Mas a cidade é em geral plana e tem um largo central no qual se situam os edifícios administrativos e os mais importantes. Esta urbe tem como belezas naturais: uma baía; a restinga que é uma ilha semelhante à de Luanda; e o Mangal que é do género de uma lagoa, situada entre a baixa da cidade e a restinga. Preserva (Ver Imagem 46), como exemplos de construções coloniais: o mercado; o rádio clube do Sul de Angola, fundada em 1937; a piscina municipal; o edifício Paços do Município; a central da companhia eléctrica; o hotel turismo; o aeroporto. Como elementos urbanos de destaque preserva a praça D. Carlos; a praça da restauração; a capela de nossa senhora da Arrábida; a praça do Infante, na ponta da restinga; o cineteatro Império; a praça Salazar; os correios, situados no centro da avenida; a ponte Engenheiro Marques Trindade; o porto com ligação directa aos caminhos-de-ferro que impressionava pela dimensão e funcionalidade; a fábrica de cimentos - uma das mais desenvolvidas do país que utilizava à época tecnologia de ponta.



Imagem 46 - Respectivamente o Plano Director do Lobito, Arquitecto Castro Rodrigues, 1969-1972; Correios e Mercado da cidade do Lobito.

---

45 - 27 (pág.202)

### 3.2.4.3 Benguela

A cidade de Benguela pertence ao grupo de núcleos urbanos que surgiram no litoral de forma espontânea. (Ver Imagem 47)



Imagem 47 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Benguela

Inserir-se numa região onde os portugueses chegaram em 1483<sup>46</sup> e fundaram a cidade em 1617. Um dos primeiros desenhos de estabilização e estruturação da cidade é datado a 1900. Uma cidade mística, com uma forte relação com o mar e o porto, que se desenvolve em quarteirões que formam uma quadrícula, de diversas dimensões. Possui uma organização urbanística baseada em princípios hierárquicos com ruas de maior e menor perfil, praças, largos e a presença perseverante de árvores. O Gabinete de Urbanização Colonial fez um plano que redefiniu o traçado viário, cujo resultado ligou as pré-existências e as novas estruturas, através da expansão da cidade de acordo com o modelo cidade-jardim. Os espaços verdes funcionam como um absorvente do crescimento da urbe.

As construções que fazem parte do património colonial de Benguela são: a igreja de nossa senhora do Pópulo, construída pelo ano de 1748 e a primeira construção da cidade em pedra e cal, apresentando o estilo do Barroco Português; o palácio do Comércio; o Palácio do Governo da Província; a Câmara Municipal, fundada em 1771; o rádio clube de Benguela desde 1931; o balneário porta-aviões; o liceu; o hotel Luso e o hotel de Mombaka; a estação dos caminhos-de-ferro; o largo Teófilo Braga; o aeroporto; o museu nacional arqueológico; os correios; a sede da associação comercial; e a igreja de Nossa Senhora de Fátima, do século XX. (Ver Imagem 48)

Os caminhos-de-ferro de Benguela, construídos entre os anos 1903 e 1929 com uma extensão de 1348 km, são considerados uma das construções mais importante de África, sendo a única ligação do Atlântico à África Central.



Imagem 48 - Respectivamente Plano Geral de Urbanização de Benguela, Arquitecto João Aguiar, 1950; Edifício de Administração do Município de Benguela Rua com Vista da Igreja de Benguela

#### 3.2.4.4 Namibe (Moçâmedes)

A cidade de Moçâmedes pertence ao grupo de núcleos urbanos que surgiram no litoral de forma espontânea. A urbe teve influência directa tanto da costa como dos caminhos-de-ferro, embora seja a primeira a defini-la. (Ver Imagem 49)

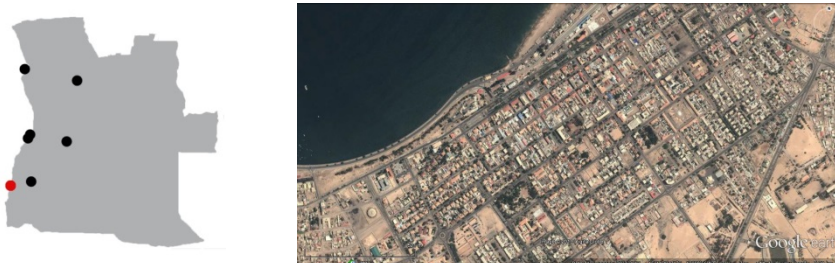


Imagem 49 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade do Namibe

A apropriação definitiva da zona, com a construção do presídio e da fortaleza de São Fernando, aconteceu a partir de 1830<sup>47</sup>, conseguindo elevar-se a vila em 1855 e a cidade em 1907, com a inauguração dos caminhos-de-ferro.

A cidade estruturava-se em quarteirões, com edifícios implantados no seu perímetro, numa estrutura hierarquizada de ruas e praças, rematada com uma avenida marginal. Com o Plano Urbanístico elaborado pelo Gabinete de Urbanização Colonial em 1952, houve a expansão do território urbano, com um desenho formal, de quarteirões abertos e fechados, habitações colectivas e unifamiliares e com o verde como elemento de ligação, delineando uma relação entre o modelo da cidade-jardim e a cidade pré-existente. Os edifícios coloniais de dois pisos misturam-se com os edifícios modernos, que albergam grande parte dos serviços públicos.

Alguns dos lugares que servem de referência para reconhecer a cidade do Namibe são: a fortaleza de São Fernando; o palácio da justiça, com fachada em mármore; o edifício dos CTT; o Mercado Municipal; a igreja de Santo Adrião; os edifícios da alfândega, da capitania, dos bombeiros e do clube náutico; o cais mineiro, um dos maiores e mais modernos até aos anos 70; a praia das Miragens; e a ponte do Giraúl sobre o rio Bero. (Ver Imagem 50) O Namibe encerra em si algumas das mais belas maravilhas do mundo, contendo o deserto mais antigo do mundo com condições áridas ou semiáridas desde há mais de 80 milhões de anos.



Imagem 50 - Respectivamente Perspectiva do Plano Geral de Urbanização de Moçâmedes, 1952; Vista de Rua e edifícios da cidade do Namibe; Fortaleza de São Fernando

---

47 - 27

### 3.2.4.5 Lubango (Sá da Bandeira)

A cidade de Sá da Bandeira pertence ao grupo de núcleos urbanos que surgiram devido à influência da estrutura ferroviária. (Ver Imagem 51)



Imagem 51 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Lubango

A povoação de Lubango<sup>48</sup>, situa-se num planalto na margem do caminho-de-ferro, a 2000 m de altitude. Em 1947<sup>49</sup> foi sujeita a um plano de urbanização, da autoria do arquitecto João António de Aguiar. A cidade tem uma estrutura de pequenas dimensões, com perímetro bem definido. O parque urbano e os equipamentos desportivos encontram-se no limite da linha de caminho-de-ferro, como sinal da expansão da urbe. É uma cidade radial, que lança braços de urbanizações e que permite ter comunicação com os outros centros urbanos.

Nas décadas de 60 e 70 foi construída uma estrada, que liga Lubango a Namibe, que basicamente esculpiu a Serra Leba de forma serpenteada. Os espaços e edificações coloniais que se destacam são: Sé-Catedral, imponente; praça dos Fundadores, até hoje intacta; praça de táxis; cineteatro Arco-íris de estilo vanguardista; pousada de Turismo; liceu Diogo Cão; Escola Industrial e Comercial Artur de Paiva; estádio municipal; parque infantil; casino Nossa senhora do Monte com um grande jardim; Cristo-Rei com 14 metros de altura, erguido em 1966. (Ver Imagem 52) À saída da cidade, existe um complexo turístico, e ainda na envolvente uma grande beleza natural, a fenda da Tundavala na serra Chela.



Imagem 52 - Respectivamente Plano Geral de Urbanização de Sá-da-Bandeira, Arquitecto João Aguiar, 1947; Praça dos Fundadores do Lubango; Edifício da Cidade de Lubango

48 - 3 e 9

49 - 27 (pág.270)

### 3.2.4.6 Huambo (Nova Lisboa)

A cidade de Nova Lisboa pertence ao grupo de núcleos urbanos que surgiram devido à influência da estrutura ferroviária. (Ver Imagem 53)

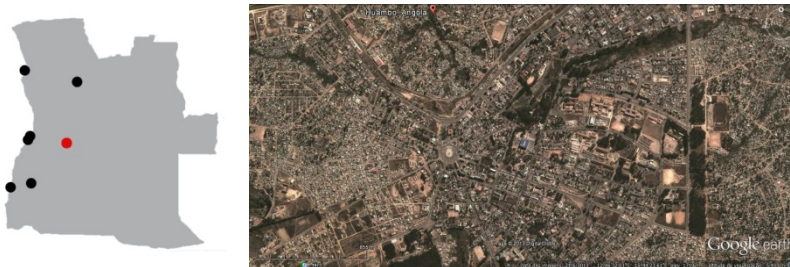


Imagem 53 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Huambo

O centro urbano de Huambo<sup>50</sup> começou a expandir-se com a ferrovia. Este território usufruiu de um anteprojecto para o plano da cidade, da autoria do Coronel de Engenharia Carlos Roma Machado. A cidade organiza-se em duas partes: a mais baixa está directamente relacionada com a estação ferroviária; a mais alta com os equipamentos de marca mais administrativa e a zona habitacional. O plano geral de urbanização executado pelo Gabinete de Urbanização do Ultramar, dirigido pelo arquitecto João Aguiar<sup>51</sup>, reflecte o modelo da cidade-jardim, com a criação de uma relação entre a cidade branca e a cidade negra. Os eixos viários que saem para todos os pontos, transformam a urbe num local centralizado.

Dos edifícios construídos no período colonial destacam-se: edifício da Câmara Municipal; piscina do clube desportivo da Ferrovia; a fábrica de cerveja da Cuca; a esquadra da polícia; o Hotel e o restaurante Ruacaná; o estádio Cosme Damião, fundado em 1931; a escola de quadro militar, fundada em 1956; o laboratório central de patologia veterinária, construído em 1927; o jardim da Praça Salazar; o edifício do Banco de Angola; a escola comercial e industrial Sarmiento Rodrigues a par com o liceu Nacional Norton de Matos; o cineteatro Ruacaná, começado a construir em 1944 e inaugurado 7 anos depois, obra do arquitecto Raul Rodrigues Lima; e a ponte comandante Freitas Morna. (Ver Imagem 54)



Imagem 54 - Respectivamente Plano Geral de Urbanização de Nova Lisboa, Arquitecto João Aguiar, 1947; Cineteatro do Huambo; Vista de rua da Cidade de Huambo.

50 - 3 e 9

51 - 27 (pág.252)

### 3.2.4.7 Malanje

A cidade de Malanje pertence ao grupo de núcleos urbanos que surgiram devido à influência da estrutura ferroviária. (Ver Imagem 55)



Imagem 55 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Malanje

Localiza-se na entrada para o interior do território e o seu primeiro núcleo foi fundado na margem esquerda do rio. Com a construção dos caminhos-de-ferro, os edifícios começaram a ser erguidos perto da estação.

Era definida por ter um traçado constituído por diversos arruamentos rectilíneos, com construções dispersas e muitos espaços livres entre elas, o que dificultou a definição do desenho no Plano de Urbanização, realizado pelos arquitectos João António Aguiar e Fernando Batalha<sup>52</sup>. O factor que mais peso teve na composição do desenho foi a separação das raças. A elaboração do plano passou por consolidar o núcleo antigo e pela expansão da cidade. O verde da natureza fazia parte de toda a estrutura urbana, com os espaços verdes em conexão com a estrutura viária principal e a distribuição de tipologias habitacionais, reflectindo a cidade-jardim como modelo urbano de referência.

As construções coloniais são: o palácio do Comércio, inaugurado em 1954; piscina municipal; posto sanitário; camara municipal; cine-Malange que ficava a par do cineteatro Turismo; a biblioteca; o edifício dos CTT; o hospital regional; o edifício do colégio Veríssimo Sarmento; o edifício Banco de Angola com jardim; o parque infantil; as igrejas; o bairro dos empregados da companhia de algodão; o hotel Malange; e a ponte Dr. Oliveira Salazar - ligação Malange a Kuito. (Ver Imagem 56) É na região de Malanje que existem a milenares pedras negras de Pungo-Andongo e é também aí o habitat natural da Palanca Negra Gigante.



Imagem 56 - Respectivamente Plano Geral de Urbanização de Malange, um dos arquitectos foi Fernando Batalha, 1951; Palácio do Governador; Vista de um edifício habitacional

### 3.2.4.8 Traços urbanos comuns a partir da análise das 7 cidades

As sete cidades que foram apresentadas anteriormente, como já foi referido, têm em comum um centro urbano consolidado e um traçado colonial, que mais ou menos tardio, representa a marca da arquitectura e do urbanismo colonial português. Apesar da construção de cada urbe ter acontecido em anos, locais e contextos diferentes, têm características muito semelhantes que indicam uma época, uma cultura e a arquitectura e urbanismo ultramarino.

É possível apurar, a partir da observação das cidades mencionadas, que estas têm como principais pontos comuns, os seguintes:

- o Em todos os centros urbanos existe uma praça central a partir da qual as avenidas se desenvolvem, sendo que estas, sempre que o terreno permite ficam no ponto mais alto.
- o As avenidas e ruas desenvolvem-se de forma a criar uma organização em xadrez e mostram-se bastante amplas e com passeios.
- o Na cidade normalmente não existe apenas a praça central, há também outras pequenas praças e largos.
- o No final da década de 1970, todas dispunham de aeroporto e privilegiavam os espaços culturais.
- o Os edifícios administrativos e oficiais/públicos, como é o exemplo do palácio do governo e correios, localizam-se em redor da praça, o que lhe confere ainda maior centralidade.
- o A organização, tipo, função e até a designação dos edifícios é a mesma para todas as cidades. Os materiais e técnicas de construção são muito semelhantes, variando em algum tipo de adaptação às necessidades do local.
- o Têm em comum a linguagem, linha arquitectónica e até a cor exterior.

Angola e as suas principais cidades encontram-se em plena reconstrução. Esta realidade é perceptível ao estudar e visitar as urbes referidas previamente, visto que no mesmo centro urbano existem edifícios do tempo colonial, uns com aspecto renovado ou conservado e outros em pleno desgaste. Estes últimos, prestes a perderem-se a qualquer momento, o que mostra as marcas que restam de um tempo agitado que neles se viveu.

Há ruas e passeios asfaltados, organizados e limpos, mas ainda predominam aquelas que em tempos foram do melhor que existia, mas que agora estão cobertas pela cor da terra e pela poeira, mostrando aqui acolá réstias do asfalto que lá perdurou. Assiste-se então a grandes contrastes dentro do mesmo espaço urbano, que são reforçados pelo facto dos centros serem relativamente pequenos, o que leva à sua expansão para os bairros que ficam na periferia. Estes são compostos por Musseques ou casas em adobe, sem qualquer organização urbanística e em que a cor da terra é a predominante.

Conclui-se então, que actualmente há já algum trabalho a ser desenvolvido, mas ainda há um longo caminho a percorrer para que não sejam visíveis as marcas da destruição e abandono vivido.

### 3.3 Conjuntura urbana actual de Angola

#### 3.3.1 Património Edificado Abalado

Recentemente começaram a surgir debates e preocupações nacionais em relação à preservação do património histórico de Angola<sup>53</sup>, que durante muitos anos se encontrou esquecido devido à realidade que viviam, resultando na degradação do edificado que representa uma cultura e uma identidade.

Como em qualquer cidade, houve acções de demolição de edifícios para construir arranha-céus modernos, com uma linguagem arquitectónica importada, que nada tem haver com a realidade de Angola. Desta forma, para evitar o desaparecimento do património (Ver Imagem 57), o governo tem mostrado interesse e actuação na luta por recuperar, proteger e descobrir a riqueza patrimonial e natural existente.

É importante referir que algumas das intervenções de recuperação e reabilitação do edificado, têm sido realizadas de forma deficiente e com pouco qualidade, devido à falta de formação e preparação dos agentes intervenientes.



Imagem 57 - Antiga Câmara de Ambriz

#### 3.3.2 Musseques

Os musseques são aglomerados populacionais instalados nas periferias das cidades, com alguma tentência a invadi-las. Representam o espaço de transição entre o mundo rural e a urbe (Ver Imagem 58). São bairro degradados, espalhados por todo o país, que circundam a cidade e são constituídos por barracas geralmente de chapa que não têm as condições mínimas de habitabilidade. Os caminhos em terra batida e sem sistemas de escoamento de saneamento e sem recolha de lixo compõem o conjunto.

Estes aglomerados surgiram devido ao desejo das pessoas saírem das zonas de guerra ou das regiões rurais com o objectivo de procurarem melhores oportunidades e mais

---

53 - 22

segurança junto às cidades. A chegada em massa às grandes cidades, principalmente a Luanda, provocou estas grandes concentrações, que todos os dias se têm alargado devido ao aumento drástico da população.

Nos musseques, por vezes, existem pequenos momentos de tensão social devido ao facto de lá viverem pessoas de todo o país, num cruzamento de etnicidades e costumes diferentes que nem sempre se conseguem ajustar à mesmas realidades, provocando estados de menor segurança. Com o objectivo de reduzir sistemática e gradualmente este tipo de construções desordenadas, as entidades públicas criaram um programa que visa a construção de 1 milhão de casas para as famílias mais vulneráveis e necessitadas socialmente.



Imagem 58 - Os musseques da actualidade

### 3.3.3 As aldeias tradicionais angolanas e as construções em terra

Em Angola para além dos vários núcleos urbanos, referidos anteriormente, que são sobretudo cidades construídas no período colonial, existem também aldeias (Ver Imagem 59) que se desenvolvem a partir das periferias dessas urbes ou em pequenos focos rurais (alguns deles são tribos). Estão espalhadas por todo o território angolano, normalmente agrupados em aldeias que estão dispostas ao longo das estradas. Mas muitas vezes também se encontram completamente isoladas, a centenas de quilómetros de uma cidade.



Imagem 59 - Aldeia actual Angolana

Estas aldeias não têm um plano urbanístico nem qualquer arruamento, equipamento urbano ou rede de água e electricidade. Normalmente têm apenas habitações rectangulares ou quadrangulares, construídas pelos próprios moradores, cuja área de implantação roda os 20 m<sup>2</sup> cada uma e que servem para residência de um agregado familiar.

As casas na sua composição interior não são muito elaboradas, normalmente contêm apenas o espaço para dormir nas esteiras, que se encontram no chão, e um espaço de entrada ("sala"). Isto porque há a ausência de cozinha, visto que os alimentos são confeccionados à

porta de casa em pequenas fogueiras, e também não existem instalações sanitárias, sabido que estas são pequenas “retretes” que ficam no exterior da habitação e servem várias famílias. Normalmente têm apenas uma entrada, que pode ter chapa, madeira ou apenas um tecido para fazer de porta. As janelas são aberturas pequenas, que rondam os 40x40cm.

A descrição feita acima é a realidade geral, mas existem pequenas exceções, ou seja, por um lado construções que são ainda mais primitivas ou por outro lado estruturas mais elaboradas devido às capacidades monetárias. Estas, incluem algum mobiliário, o adobe rebocado, o pavimento cimentado, a cobertura em chapa ou o uso de geradores.

Estas aldeias angolanas são formadas por construções em terra, perfeitamente adaptadas às condições do local, devido ao seu clima e à sua abundante matéria-prima, sendo que o adobe e o pau-a-pique são as principais técnicas construtivas usadas. Contudo, o modo como são preparadas vai ao encontro da realidade e características de cada região, o que lhes confere uma marca cultural e identidade próprias (Ver Imagem 60). A particularidade está na ausência da areia para misturar (ou a menor presença da mesma) e principalmente no facto do adobe ser queimado. Este é mais resistente à acção dos agentes erosivos, como a chuva, o vento e o sol, para além de ter uma melhor apresentação estética. O adobe queimado a nível de qualidade fica muito próximo ao tijolo, de forma que o governo incentiva a utilização deste material e utiliza-o nas suas próprias construções.

No percurso de Luanda para Uíge, passando pelo Caxito, percebe-se que existem vários tipos de casas com este tipo de técnicas construtivas, mas a diferente forma como as usam leva a compreender em que território/comunidade o transeunte se encontra. Por exemplo, o povo Kimbundu usa maioritariamente como material de construção o “Pau-a-pique” ou o adobe cru com capim. Já os habitantes do Uíge e do Zaire, ou seja povos predominantemente Bakongos, dominam o uso do adobe queimado, porque para além de estarem mais à frente no conhecimento dessa técnica, também lhes é mais vantajoso a nível de custos e de contexto, devido à natureza do seu território. Aqui, a argila contém propriedades físicas e químicas que permitem o tratamento térmico.

Actualmente, estima-se que metade da população mundial viva nestas casas<sup>54</sup>, que estão muito associadas à pobreza, embora a introdução de novas tecnologias tenda a alterar essa consciência. Hoje, o mundo da construção encontra duas grandes questões, para as quais é preciso encontrar solução. Primeiro como responder às necessidades habitacionais dos países em desenvolvimento? Depois como minimizar os impactos ambientais provocados pelas edificações? As cidades e tudo o que elas envolvem exigem o consumo de uma grande percentagem da energia produzida pelo planeta. Energia que é retirada à natureza e a todos os recursos que ela oferece, e em contrapartida só lhe é dado os resíduos mais nocivos. Possivelmente uma forma de reduzir este impacto encontra-se nas comunidades mais primitivas e como estas resolvem as suas necessidades habitacionais. A construção tradicional, também chamada de vernacular, utiliza os materiais existentes no lugar e as

---

54 - 23

técnicas lá disponíveis, portanto carece de pouca energia e mostra um maior respeito pelo ambiente em que está inserida, apresentando-se como uma construção mais sustentável.

Em suma, as aldeias angolanas, são um exemplo do uso e vivência das construções tradicionais, que trabalhadas podem tornar-se grandes potencialidades para as suas regiões e exemplos reais para as metrópoles mundiais.



Imagem 60 - Conjunto de Fotografias de Aldeias Angolanas com construção em Terra

### 3.3.4 Habitação Social e Novas Centralidades

Desde o fim da guerra, que o mercado Imobiliário<sup>55</sup> em Angola, se encontra num desenvolvimento explosivo mas as carências nomeadamente habitacionais são ainda muitas. Por essa razão e perante os factos acima indicados, na procura de inicar uma resposta às urgentes necessidades do povo angolano, o governo está a avançar com algumas medidas de investimento no mercado imobiliário de médio-baixo custo, incluindo através da construção de novas cidades, com dimensões gigantescas. Aí insere-se o programa<sup>56</sup>, que visa alojar em melhores condições milhares de pessoas, e que se resume à criação de novas habitações sociais e novas centralidades (Ver Imagem 61 e 62), com todas as infraestruturas e serviços necessários. Pode dizer-se que estão a ser criadas novas cidades do zero através do conceito de “Comunidades Urbanas”. A trabalhar neste projecto encontram-se várias empresas, organizações e entidades provinciais, para que esta construção em massa aconteça um pouco por todo o país. Cada entidade criou as suas próprias metas, que procuram ir ao encontro do objectivo nacional, que é a construção de um milhão de casas em quatro anos, mas com tendência a aumentar, estando já disponíveis 100 mil hectares para as novas construções<sup>57</sup>. De acordo com a mesma fonte, as edificações terão tipologias de T3 a T5, haverá habitações terras geminadas ou individuais e apartamentos, com níveis de baixa, média e alta renda.

55 - 25

56 - 22

57 - Idem

Uma outra vertente do programa é a auto-construção onde será disponibilizado um “Kit” de materiais e um terreno para proceder com a construção. Estas casas estão disponíveis, em stands de venda que pertencem a um centro público de promoção imobiliária, em que as habitações sociais não devem ultrapassar o valor de 60 mil dolares, com o objectivo de possibilitar a compra aos cidadãos com menos rendimentos. Ora, este valor está muito acima das possibilidades financeiras da generalidade das famílias angolanas.

Por outro lado, estão a ser construídas novas centralidades, que possuem um estatuto diferente, numa optica de maior luxo. Neste cenáfio, refira-se que Angola detém um défice de dois milhões de habitações e a população está sempre a aumentar, portanto pondera-se que este programa se prolongue por mais tempo e por muitas mais construções. Paralelamente, há uma tentativa de serem criados planos urbanísticos, que acompanhem as rápidas transformações urbanísticas em curso, como no caso de Luanda que emerge como uma das cidades do mundo onde há uma maior transformação no sector da construção civil. Este sector poderá beneficiar do conhecimento e experiência do mercado Português, que cada vez mais tem interesse em se instalar neste país.

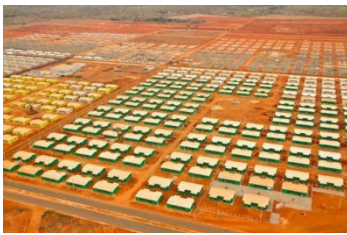


Imagem 61 - Vistas de conjuntos de Habitações Sociais, os Zangos em Viana.



Imagem 62 - conjunto de Vistas das novas centralidades, cidade do quilamba.

### 3.3.5 Problemas das cidades actuais angolanas

Todo o esforço e trabalho do governo, tem vindo a ser reconhecido, mas começam a surgir questões que colocam em causa a coerência do projecto de construção em massa de habitações e novas cidades. Como exemplo, refira-se o caso da nova cidade de Kilamba, construída por uma empresa chinesa para acolher 500.000 pessoas, apresentando-se como um complexo urbano que tem tudo o que é necessário, mas a verdade é que no momento é uma "Cidade Fantasma" porque não há pessoas com possibilidades financeiras para comprar uma habitação deste género, *"Simplesmente não há classe média em Angola, só os muito pobres e muito ricos. E assim não há ninguém para comprar este tipo de habitação"*, explica Elias Isaac, membro da Open Society Iniciativa da África Austral (OSISA), citado pela BBC<sup>58</sup>.

Outro problema que é a questão da segurança e qualidade construtiva. As empreitadas, na sua maioria, estão entregues a empresas estrangeiras, principalmente chinesas, brasileiras e portuguesas. E começam a ser conhecidos graves problemas de segurança nos novos projectos habitacionais, que apresentam pobres padrões de construção. Esta situação está a verificar-se fundamentalmente nas edificações feitas pelos chineses, havendo casos em que as pessoas tiveram de ser retiradas dos edifícios públicos (ex. palácio da justiça de Benguela) que ameaçavam ruir e outros edifícios já apresentam graves fissuras. Há também condomínios de apartamentos novos que têm demonstrado uma acelerada degradação, onde a rede de água e electricidade já não funcionam. Será o material usado? A falta de mão de obra qualificada? A rapidez na construção? Provavelmente todas estas questões em conjunto, mas então fica uma questão muito importante. Estas construções, estas gigantescas cidades estão a ser construídas para durar quanto tempo?

No momento é assustadora a massa humana que se desloca para as cidades, em todo o mundo e também em Angola. Por essa razão torna-se urgente repensar no planeamento das cidades e das suas infraestruturas. É crucial a reabilitação e o ordenamento territorial, porque de outra forma, haverá a multiplicação dos bairros de lata, com uma população que terá apenas como sustento o trabalho informal. Com esta massificação urbana é essencial criar infraestruturas que respondam de forma eficaz, pelo menos, às necessidades básicas da população, porque se a urbanização é sinal de maior desenvolvimento e produtividade, por outro lado, se for mal planeada também pode criar verdadeiros centros de pobreza e consequente ambiente de violência e doença.

---

58 - 38

## CAPÍTULO IV

### Diagnóstico Urbanístico da área de estudo: Cidade do Uíge

---

*“O misticismo de angola não se explica. Temos de senti-lo e vive-lo, mergulhando nos mistérios que emergem em cada cidade ou floresta, em cada savana ou planície.”*

Sandro Bettencourt  
2010 p.159

---



# CAPÍTULO IV - Diagnóstico urbanístico da área de estudo: Cidade do Uíge

## 4.1 Breve enquadramento histórico e cultural

Para uma maior percepção da localização da cidade de Uíge no imenso território Angolano (Ver Imagem 63 e 64), refira-se que esta urbe encontra-se inserida na província e no município de Uíge.



Imagem 63 - Conjunto que mostra localização e vista aérea da cidade de Uíge



Imagem 64 - Esquema de Localização, do geral para o particular, da cidade de Uíge.

#### 4.1.1 A Província do Uíge

##### 4.1.1.1 Geografia, história e população

A província do Uíge situa-se no Norte de Angola e tem como fronteiras: o Congo Democrático a norte e a leste; a Província do Zaire a oeste; o Bengo e Kwanza Norte a sul; e Malanje a sudeste. Sendo a área deste território, aproximadamente 58.698 km<sup>2</sup><sup>59</sup>. É a província que tem o maior número de municípios em Angola, dezasseis, sendo estes: Maquela do Zombo, Quimbele, Damba, Buengas, Santa Cruz, Sanza Pombo, Puri, Bungo, Mucaba, Uíge, Negage, Quitexe, Ambuila, Songo, Bembe, Cangola. Possui ainda na sua constituição 49 comunas. A capital da província de Uíge é a Cidade de Uíge, que fica a 345 km de distância da capital<sup>60</sup>.

O recuo à história desta província, conduz às sucessivas descobertas e explorações pelos portugueses a partir do ano de 1482<sup>61</sup>. Geograficamente esta região pertence à rota do grande rio Zaire e naquele período inseria-se no reino do Congo. Nela havia um grande número de povos nativos, seguindo-se um período de evangelização, civilização e construção de edifícios como por exemplo igrejas e outros períodos de resistência e revolta. Nomeadamente quando se procuravam minas para explorar, criando momentos de guerra contra este reino. A partir de 1764<sup>62</sup>, houve uma grande acção militar que levou à pacificação das regiões que hoje pertencem à província de Uíge, através da criação de fortes militares, que permitiram proteger o comércio e apaziguar as lutas com os povos tribais.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística de Angola<sup>63</sup> a província de Uíge, no que respeita à sua população tem: 1.101.199 (Projeção de 2012) habitantes; 28,1% de crianças com registo de nascimento (dos 0 aos 59 meses); 1,4% das crianças a frequentar o ensino pré-escolar; 61,7% dos cidadãos a partir dos 15 anos com alfabetização; 25,2% das famílias com acesso a redes mosquiteiras para evitar a malária; 77,4% da população com conhecimentos para evitar o VIH/sida; 80% das mulheres fazem aleitamento materno (mulheres entre 12 e 49 anos com filhos nascidos vivos); 18,5% de crianças que ainda sofrem de trabalho infantil (entre 5 e 14 anos de idade); 97,6% dos cidadãos a viver em habitações com material/condições pouco apropriadas; 31% da população a usar fonte de água adequada para beber e 14,5% com rede eléctrica.

É de notar que embora haja várias concentrações populacionais, o município tem grandes zonas de Serra e Matas, onde é quase inexistente a permanência de habitantes.

---

59 - 16; 18 e 22

60 - Idem

61 - 16

62 - Idem

63 - 32

Desde 2002<sup>64</sup> que foram construídas na Província de Uíge: 230 unidades sanitárias, entre hospitais municipais, centros e postos de saúde; 1172 escolas que receberam 14000 pessoas no sistema normal de ensino; e uma Universidade que possibilitou a entrada a 1700 estudantes no ensino superior. Apesar do considerável número de equipamentos sociais e de serviços públicos construídos, há ainda uma grande carência e necessidade neste âmbito para se seja possível melhorar de forma notável a vida da população.

#### 4.1.1.2 Clima e território

Uíge tem o clima tropical de Savana (húmido), onde as temperaturas rondam entre os 20°C e os 24°C, a humidade encontra-se dentro dos 75 a 90% e a média anual da precipitação é entre 1000 e 1750 mm<sup>65</sup>. A época de chuvas é entre Setembro e Maio e a estação do cacimbo acontece entre Julho e Setembro, apresentando mesmo assim altos índices de humidade.

Tal como quase todo o território angolano, a região de Uíge é bastante acidentada, sem grandes planícies, ostentando algumas particularidades na sua estrutura, podendo dividir-se a província em três grandes áreas, fisicamente bem distintas, sendo elas: planalto central, bacia do rio M'Bridge e zona montanhosa<sup>66</sup>. Pode afirmar-se que a província de Uíge é um território muito irrigado, com três bacias hidrográficas a partir das quais nascem os principais rios, num total de cerca de 15 rios. As características do terreno, clima e abundância de água, reúnem as condições ideais para que a terra seja fértil, propícia à cultura do café. (Ver Imagem 65)

#### 4.1.1.3 Principais produções e indústrias

As principais produções e indústrias praticadas na província de Uíge são:<sup>67</sup>

- Agrícolas: café, mandioca, arroz, feijão, ananás, batata-doce, cacau, palmeira de dendém, Abacateiro, Algodão, Amendoim, Café Robusta, Cola, Ervilha, Feijão Cutelinho, Goiabeira, Mamoeiro, Mangueira, Vielo, Milho;
- Madeiras, pecuária e pesca artesanal;
- Minerais: cobre, poli metálicos de prata, cobalto, calcário, enxofre, talco e zinco;
- Indústria: alimentar, materiais de construção, bebidas, tabaco, produção de café e palma.

É importante saber-se que toda a indústria e produção local foram abaladas pelos anos em que tudo parou e viveu apenas de lutas armadas. Verifica-se que grande parte dos armazéns e fábricas existentes ("Antigas Zonas Industriais") permanecem inactivas, com um elevado grau de destruição e abandono. As comunidades locais vivem e subsistem através da exploração e comercialização das condições naturais da região. Actualmente existe algum

---

64 - 22

65 - 16

66 - Idem

67 - 18

esforço, na procura de melhorar a grande falta de condições e carências da província, nomeadamente na reabilitação ou reconstrução quase total de estradas e pontes. Existem diversas pistas aéreas, mas quase todas se encontram abandonadas e fora de serviço. A cidade de Uíge foi recuperada e inaugurada ainda no corrente ano.

Na região, os correios tal como os outros serviços de comunicação (internet e telefone) e o sistema bancário (apenas com operações pontuais) estão limitados à cidade de Uíge. As comunicações entre os restantes municípios são asseguradas pela telegrafia e pelo rádio de telecomunicação administrativa.



Imagem 65 - Fotografias da Vista Natural do Município de Uíge

## 4.1.2 A Cidade do Uíge

### 4.1.2.1 Enquadramento Geográfico e Histórico

O município de Uíge tem uma extensão territorial de 1080 km<sup>2</sup> em que as suas fronteiras são: o Município de Mucaba a Norte; o Município do Quitexe a Sul; o Município do Negage a Sudeste; o Município do Ambuila Este; e o Município do Songo a Noroeste.

Este município é composto por: 1 cidade (cidade de Uíge, antiga Carmona); 20 Bairros (exemplo: Dunga; Papelão; Bairro Cemitério); e por 72 Aldeias (exemplo: Casseche; Quivita) que estão divididas por 14 regedorias. Existem ainda algumas ruas, largos, praças e avenidas, que se encontram essencialmente no centro da cidade ou na ligação à mesma (exemplo: Rua do comércio; Rua Dr. Agostinho Neto; Largo do Ambriz - actual mercado do bairro Quixicongo)<sup>68</sup>.

A zona onde foi erigida a cidade de Uíge, mesmo com a exploração e comércio existente no território envolvente, manteve-se durante muito tempo fora das rotas comerciais, por se encontrar numa bacia envolvida por serras. A ocupação deste município e consequente criação da cidade começou a concretizar-se em 1917<sup>69</sup>, a partir do momento em que o Capitão Manuel José Pereira, vindo do Bembe, criou o posto/forte militar de Uíge no

---

68 - 16; 18 e 22

69 - 16

local onde actualmente se situa a praça do Governo Provincial (praça de Lisboa). Esta praça incluía o Governo do distrito, a câmara municipal, o comando militar, o tribunal e as repartições públicas. Em simultâneo o tenente Tomás Berberan começou por habitar essa zona, chamando comerciantes e agricultores do centro de Bembe para se fixarem na nova povoação. Assim os primeiros habitantes da cidade do Uíge foram três militares e cinco comerciantes, com as respectivas famílias. Na avenida que conduz ao cimo da fortaleza da cidade (praça do Governo Provincial), foram surgindo as primeiras casas de pau-a-pique. Em 1926<sup>70</sup> nasceu o Recreativo do Uíge, existindo nessa altura 18 casas com uma larga rua. Em 1929<sup>71</sup> já tinha 29 casas comerciais.

Em 1934<sup>72</sup> a povoação subiu para a categoria de vila, sendo que em 1955<sup>73</sup> passou a designar-se Vila Marechal Carmona em honra do antigo presidente Óscar Carmona. Contudo a província continuou a chamar-se Uíge. No ano seguinte, foi nomeada simplesmente Carmona e elevada a cidade. A partir daí iniciou uma época de desenvolvimento económico que favoreceu Angola, com a criação de fazendas e comércio fundamentalmente de café.

Em 1961<sup>74</sup> viveu-se um período de grande violência, pelo massacre que vitimou milhares de pessoas e destruiu um gigantesco número de bens agrícolas, edificados e particulares, semeando um ambiente de medo. Era o início da luta armada em Angola que surgiu com o aparecimento da UPA (União dos Povos de Angola). Neste contexto, a cidade de Uíge transformou-se num dos núcleos de resistência, o que obrigou a população a criar sistemas defensivos, até o apoio chegar, para reduzir tal brutalidade. Ainda nesse ano existiu a divisão da província do Congo, que corresponde à divisão administrativa actual - província do Zaire e província de Uíge, que manteve o município de Carmona (actual cidade de Uíge) como capital.

Pelos factos acima mencionados, relacionados com a resistência à violência vivida, em 1962<sup>75</sup> foi concedida à cidade de Carmona o Grau de Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. Seguiu-se uma verdadeira recuperação que levou esta terra ao progresso, sendo considerada em 1972<sup>76</sup> como um “gigante de Angola”. Assim ficou até ao ano da Independência, em 1975, acontecimento que levou a cidade a readquirir o nome original de Uíge.

O topónimo “Uíge” teve origem na má percepção e transmissão verbal de uma palavra na língua quicongo. Nasceu de “Uigidi” que em português significa “chegou”, mas o modo como circulou de boca em boca pelos nativos, na procura de anunciar a chegada do primeiro Homem branco aquele território, fez com que se estabelecesse da forma que hoje se

---

70 - Idem

71 - Idem

72 - Idem

73 - Idem

74 - Idem

75 - 16

76 - 22

conhece. O ambiente provocado pelos conflitos entre os nativos que procuravam a libertação e os portugueses que queriam manter a sua colónia; e pela guerra civil Pós-independência; transformou as terras de Uíge num território agitado, sem grande capacidade para coabitar e com momentos de matanças horrendas. Durante todo este período, existiu uma figura que se deve salientar, o Bispo emérito Dom Francisco da Mata Mourisca, por ter optado permanecer aqui, dando uma réstia de esperança ao povo que sobrevivia, ao lado dos mais desprotegidos.

Desde o início da paz que a província de Uíge presencia o regresso da sua população de origem, que se encontrava afastada em áreas mais protegidas e periféricas e à recuperação das suas infra-estruturas físicas e sociais. Actualmente Uíge é um território tranquilo, seguro, com uma grande dinâmica diária e encontra-se na rota do desenvolvimento.

#### 4.1.2.2 Enquadramento Cultural

A cidade de Uíge contém alguns elementos históricos marcantes<sup>77</sup>, como é exemplo o Tumulo do Soldado desconhecido, os túmulos Mbengangangu, o largo do governo provincial, a casa da cultura, os edifícios coloniais, entre muitos outros. Muitas são as figuras, que desde a sua descoberta, também marcaram a história desta região.

Actualmente com o rejuvenescimento da cidade é comum chegarem pessoas de outras regiões de Angola, do Congo ou de outros países vizinhos Africanos mas também é normal haver indivíduos de outras regiões do mundo, principalmente Portugueses, Cubanos, Chineses e Brasileiros, que lá permanecem em trabalho, turismo ou missões humanitárias. Mas salienta-se que esta situação é válida para todo o território Angolano. Esta migração, em direcção à cidade de Uíge, está longe de ser em massa, continuando a predominar o povo local.

#### 4.1.2.3 Primeiros planos urbanísticos

A cidade de Carmona pertence ao grupo de núcleos urbanos que surgiram pela influência da rede rodoviária. Na década de 50, a cidade cresceu e desenvolveu-se rapidamente com a construção de iniciativa privada e estatal, que incluía casas para os funcionários públicos e os edifícios de carácter lúdico e turístico.

O Gabinete de Urbanização Colonial realizou um plano de urbanização, da autoria da arquitecta Maria de Lourdes Rodrigues<sup>78</sup> (Ver Imagem 66 e 67), que seguia o esquema dos restantes centros urbanos. O plano procurava normalizar algumas partes da cidade, sem nunca haver uma preocupação com o todo. Baseava-se no traçado de algumas vias, na sua relação com o edificado, nas habitações unifamiliares isoladas, na presença da capela, do rádio clube, do cinema e do centro comercial, propondo um único edifício para a função comercial.

---

77 - 18

78 - 27 (pág.316)

A avenida central tinha um perfil largo, com edifícios em altura, que terminava com um pequeno parque que envolvia a igreja. A proposta para estruturar e organizar a cidade, por um lado resolvia alguns problemas, mas por outro, deixava uma série de questões em aberto. Uma das razões que levou a cidade a ter um carácter inacabado foi a topografia acidentada e de difícil resolução.



Imagem 66 - Plano do Bairro Indígena de Carmona, 1957.

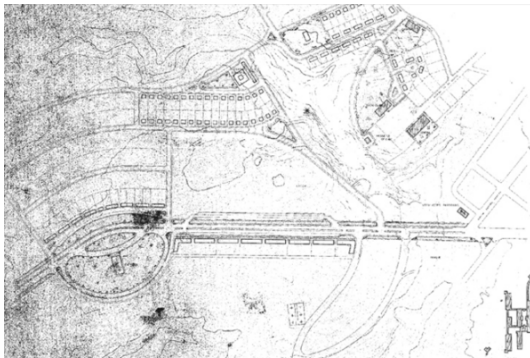


Imagem 67 - Plano de Urbanização de Carmona, planta Parcial, arquitecta Maria Rodrigues, 1968.

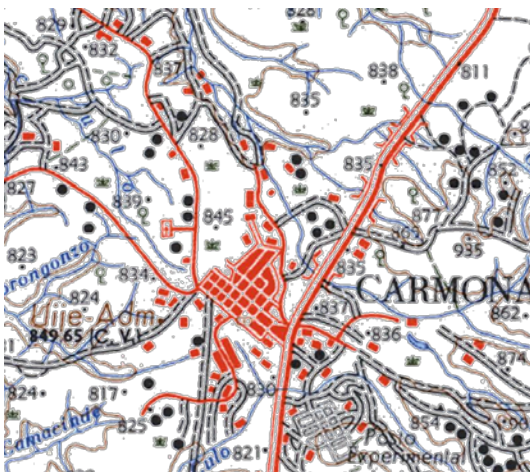


Imagem 68 - Parte da folha nº 59 da carta de Angola

Pode observar-se que nos anos 60 a implantação urbana correspondente à cidade de Uíge (Carmona), representava nos quadrados vermelhos (Ver Imagem 68) as casas construídas pelos colonos e nos círculos a preto as cubatas (casas típicas dos nativos)<sup>79</sup>. Confirmando a dualidade que caracterizava a cidade.

Ao observar (Ver Imagens 69 e 70) as fotografias dos anos que se antecederam à independência, dá para entender a arquitectura e urbanismo que originaram a actual cidade de Uíge, como se analisará no ponto 4.2.

## CARMONA Antes de 1975 (Actual Uíge)



Avenida Capitao Parreira, anos 60



Rua do Comércio, anos 60



Bairro Popular, anos 60



Avenida de Portugal, anos 60



Banco de Angola e CTT, anos 60



Bairro Popular, anos 60



Rua da Praça, anos 60



Repartições do Estado, anos 60



Centro da cidade - 1970



Aspecto de Carmona - 1970



Rua da cidade, B.P.S.M. - 1969



Avenida da cidade - 1970



Edifício dos Correios - 1971



Rua da cidade - 1971

Imagem 69 - Conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Carmona (actual Uíge) antes de 1975



Radio Clube do Uíge, anos 70



Rua do Comércio - 1971

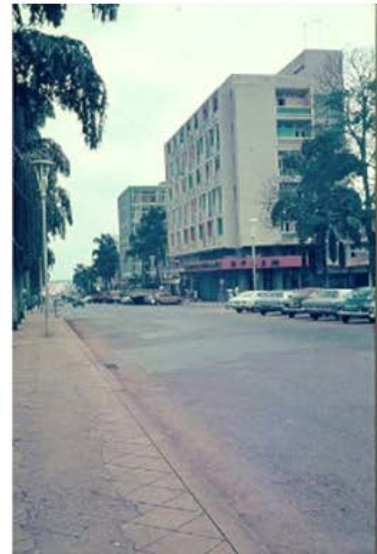


Imagem 70 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Carmona (actual Uíge) antes de 1975

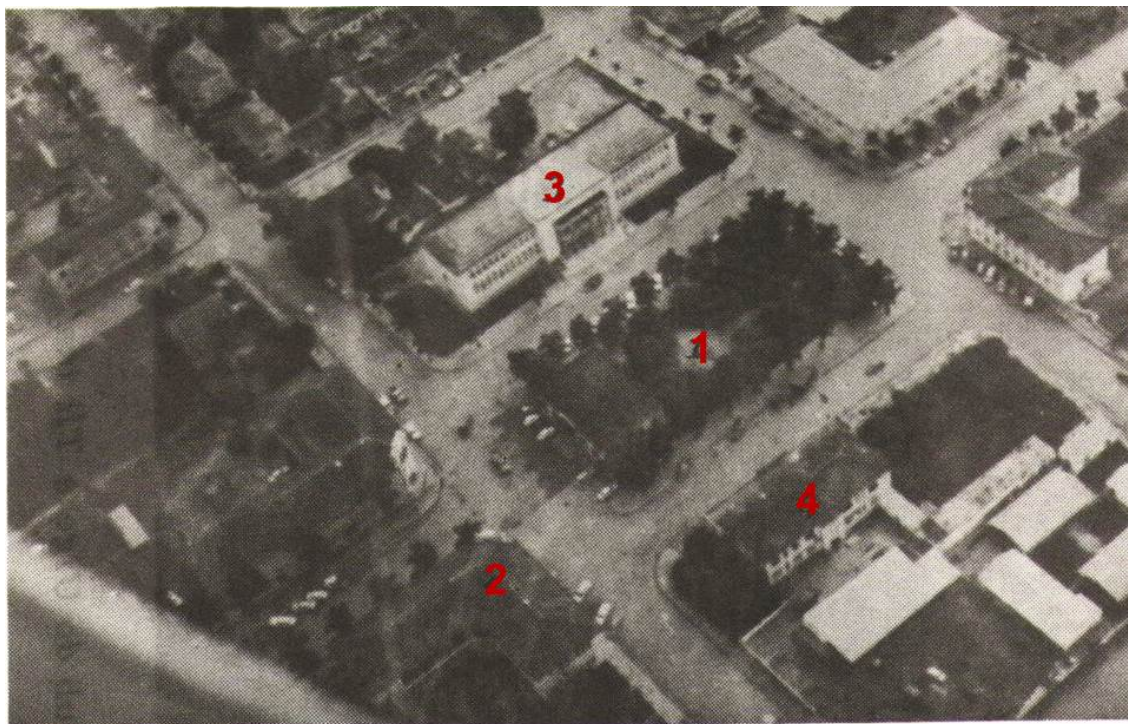
## 4.2 Caracterização da cidade de Uíge

### 4.2.1 Características urbanísticas gerais

Ao observar a cidade de Uíge verifica-se que apresenta uma organização da estrutura urbana que se equipara ao tabuleiro de xadrez, tal como muitas outras cidades do país.

A praça central (Praça do Governo Provincial) situa-se no topo de uma colina e a partir desta descem algumas avenidas em direcção à parte mais baixa da cidade. Estas avenidas centrais são intersectadas por outras. A partir de alguns dos pontos altos da colina pode avistar-se toda a natureza, verde e construída, da envolvente da cidade.

Pode verificar-se (Ver Imagem 71) que o núcleo central da cidade de Uíge antes de 1975, se caracterizava pelos seguintes aspectos: a praça central que originou a cidade com uma forma rectangular; os edifícios na sua envolvente de cariz administrativo e oficial; as ruas são ortogonais e rectilíneas; e a forte presença de árvores.



*Carmona — Praça de Lisboa — Local do Posto inicial 1  
Governo do Distrito 2 Camara 3 Comando Militar 4*

Imagem 71 - Vista da Zona da Praça do Governo Provincial antes de 1975

Actualmente:

1. Praça do Governo Provincial
2. Governo Provincial
3. Antiga Câmara (encontra-se em reabilitação)
4. Tribunal Militar

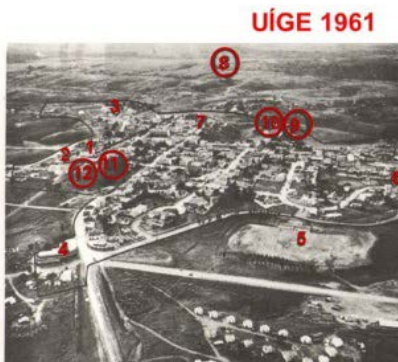
Pode-se comparar a evolução da cidade de Uíge entre 1961 e 1971 (Ver Imagem 72 e 73), quer em dimensão quer no que respeita ao seu edificado, através dos seguintes aspectos: a expansão generalizada da malha urbana; a consolidação do tecido edificado; a maior diversidade de equipamentos, incluindo o aeroporto, o liceu ou o cinema.

*Existentes em 1961:*

1. Governo do Distrito
2. Comando Militar
3. Hospital
4. Edifício "Purфина"
5. Estádio Ferreira Lima
6. Comando dos "Voluntários"
7. Igreja de Carmona

*Construídos depois de 1961*

8. Aeroporto
9. Rádio Clube do Uíge
10. Cinema Moreno
11. Câmara Municipal
12. Edifício do Fomento Rural
13. Bairro Popular n.º 1
14. Escola Técnica
15. Bairro Montanha Pinto
16. Bairro Dunga
17. Colégio "Amor de Deus" e Residência Episcopal
18. Lar da P. S. P.
19. Edifícios RIMAGA
20. Edifício Hotel Apólo (Moreno)
21. Edifícios Clube Recreativo do Uíge e Futebol Club do Uíge e Tribunal da Comarca
22. Bairro da Piscina, Lar da M, P.
23. Liceu Salazar (provisório)
24. Liceu Salazar (definitivo)

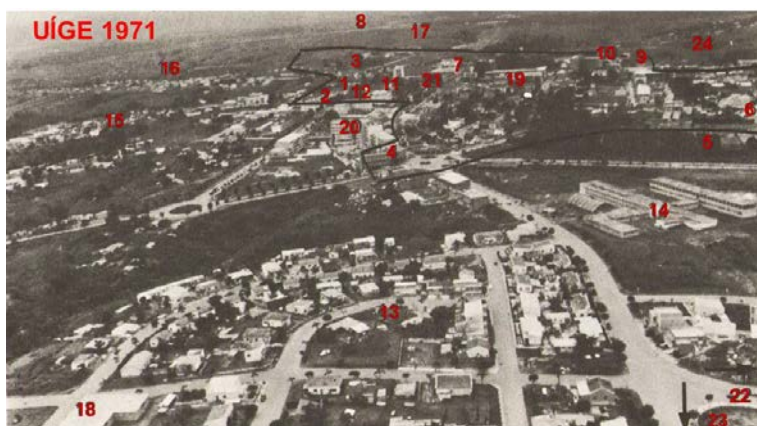


UÍGE 1961



Vista parcial da cidade, anos 60

Imagem 72 - Uíge na década de 60.



UÍGE 1971



Vista parcial da cidade, anos 70

Imagem 73 - Uíge na década de 70.

Actualmente:

- |                               |  |
|-------------------------------|--|
| 1. Governo provincial         | 14. (ausência informação)  |
| 2. Tribunal Militar           | 15. Mebembangango  |
| 3. Hospital                   | 16. Dunga  |
| 4. Purфина                    | 17. PUNIV (Centro Pré Universitário do Uíge) e casa Diocesana    |
| 5. Estádio 4 de Janeiro       | 18. Comando da Polícia   |
| 6. (ausência informação)      | 19. Rimaga   |
| 7. Sé Catedral                | 20. Hotel Apolo  |
| 8. Aeroporto                  | 21. Clube recreativo de Uíge (Cine-ginásio)                      |
| 9. Rádio Uíge                 | 22. Bairro da Piscina  |
| 10. Cinema Moreno             | 23. (ausência informação)  |
| 11. Antiga câmara             | 24. ISCED - Instituto Superior ciências de Educação <sup>1</sup> |
| 12. Ministério da Agricultura |  |
| 13. Bairro Popular 1          |  |

Actualmente, pode verificar-se que os edifícios públicos ou com maior importância na cidade localizam-se entre a Praça da Independência (ponto 1) e a Praça do Governo Provincial (ponto 10) (Ver Imagem 74).



Imagem 74 - Vista aérea (Google Earth) actual da cidade de Uíge.

- |  |   |
|--|---|
| 1. Praça da Independência  | 12. Governo Provincial                                |
| 2. Casa Diocesana  | 13. Antiga Câmara (Palácio - administração Municipal) |
| 3. PUNIV (Centro Pré Universitário do Uíge)                              | 14. Tribunal Militar                                  |
| 4. Hospital  | 15. Estádio 4 de Janeiro                              |
| 5. Morgue  | 16. Palácio de apoio aos Deputados do Uíge            |
| 6. Sé Catedral   | 17. Linha em vermelho - Rua do Comércio               |
| 7. Palácio da Justiça  | 18. Ministério das finanças                           |
| 8. Grande Hotel de Uíge  | 19. Ministério da Agricultura                         |
| 9. ISCED - Instituto Superior ciências de Educação                       | 20. Cine-ginásio                                      |
| 10. Praça do Governo Provincial (Antiga Praça de Lisboa ou Frente Norte) | 21. Pavilhão do Futebol Clube do Uíge                 |
| 11. Correios e Angola Telecom  | 22. Linha em laranja - Rua Dr. Agostinho Neto         |

Os nomes de ruas, locais e edifícios foram alterados, mas a sua imagem e estrutura continua igual à época colonial. Há edifícios que mantêm a sua função e continuam sem qualquer alteração, transmitindo a necessidade de recorrer à sua recuperação e manutenção. Outros edifícios encontram-se já em fase de reabilitação, visto que há uma aposta em recuperar o património. Outros ainda foram recuperados ou adaptados a novas funções, mantendo a estrutura arquitectónica inicial. Verifica-se também que as construções que mostram maior degradação e necessidade de serem recuperadas são os edifícios de habitação e comércio, visto que neste âmbito o governo não vem intervindo tão activamente.

As ruas no centro da cidade são largas (entre 10 e 17 metros) e demonstram o grande desenvolvimento da época em que foram construídas, transmitindo a percepção de um espaço com fluidez. Encontram-se asfaltadas, com passeios, bermas e alguma sinalização horizontal ou vertical, mas não se verifica tratamento, limpeza e colocação de mobiliário urbano. Alguns dos locais de jardins ou canteiros contêm apenas capim.

Os materiais usados nas construções de origem colonial, no geral, são paredes de betão à vista ou pintado que têm ventilação transversal superior, havendo um grande número de vãos em grelhagens também em betão. Os pavimentos dos edifícios são em betonilha e os elementos de mobiliário urbano (bancos) são de betão. Estes elementos remetem e identificam a influência que o movimento moderno teve na época em que estes edifícios foram construídos. Por essa razão, ainda são e devem continuar a ser, uma inspiração para as novas construções, por funcionarem bem e tornarem o local habitável, confortável, perene e em pleno diálogo com os trópicos. Segundo a memória descritiva<sup>80</sup> do projecto do *“Colégio das Irmãs do Instituto Missionário Amor de Deus”*, de 1970, situado em frente à praça da cidade, este edifício para além de ter sido construído com os materiais acima referidos, também usou nos acabamentos tinta plástica de água e nas áreas húmidas lambris branco. Os perfis metálicos, com e sem vidro conformam os vãos e os tectos são estucados com gesso pres. Para além disso, a memória descritiva, traça o edifício como tendo cores, formas e linhas arquitectónicas convencionais e regulamentares para este tipo de construção, o que indica que havia um plano arquitectónico e urbanístico base, para que a cidade se desenvolvesse de forma harmoniosa.

A cidade está dotada de rede eléctrica, farmácias, postos de abastecimento de combustível, um hospital, uma universidade e vários restaurantes e hotéis que apresentam as condições mínimas para o contexto em que vivem, ou seja, em renascimento.

Os bairros periféricos à cidade, ou melhor, todas as construções de habitação construídas na envolvente, após a fase colonial, caracterizam-se por apresentarem a imagem das tradicionais aldeias, referidas no capítulo anterior. São construídas em adobe queimado em que os chamados musseques em chapa são praticamente inexistentes. Consequentemente ao se entrar e permanecer no município e na cidade de Uíge, observa-se um território central colonial que se desenvolve numa mancha laranja/vermelha de construções de terra.

Assim a cidade é composta por uma parte consolidada com urbanismo e edificação coloniais e pelos seus bairros periféricos, desde os que tiveram a sua origem antes de 1975, com traçado e linguagem dessa época, aos que vão surgindo e crescendo todos os dias, os bairros em adobe.

O esquema que se segue (Ver Imagem 75) tenta demonstrar de que forma o núcleo está envolvido pelo povoamento informal, onde na realidade não existem manchas com fronteiras definidas. Há pequenos núcleos de cada tipo, que há medida que se expandem vão criando fluidez na passagem de uns para os outros. Logo, existem muitas áreas onde há mistura e se

encontram lado a lado o tradicional angolano e o colonial. Em todo este território há uma gradação muito leve entre o citadino e o rural, em que são muitas as áreas de descampado sem nenhum tipo de construção, os designados vazios urbanos espalhados pela cidade. Ao observar as manchas onde se localizam os focos dos bairros com origem colonial, percebe-se que a sua implantação remete para o plano de urbanização de Carmona, referido no capítulo III.



Imagem 75 - Esquema da cidade de Uíge: Mostra as manchas entre cidade e bairros

#### 4.2.2 Acções desenvolvidas pelas Entidades Públicas

Actualmente, as entidades públicas responsáveis, procuram construir novas estradas, reconstruir as antigas e fazer pequenas escolas. A alguns quilómetros do centro da cidade, existe um aeroporto que se encontrava abandonado desde a Independência. Logo todo o seu terreno foi tomado por casebres de chapa e capim. Entretanto houve a complicada tarefa de remover e realojar todas as pessoas que lá se tinham instalado. Seguiu-se um forte investimento público para recuperar as suas infra-estruturas, da época colonial, e aumentar a pista para receber aviões de grande e médio porte. (Ver Imagem 76) Em bairros periféricos à cidade também foram construídos o Instituto Médio de Gestão e Administração no bairro Mbemba Ngangu e a Universidade Kimpa Vita - Escola Superior Politécnica de Uíge no bairro Kixicongo. (Ver Imagem 77). No centro da cidade foi construído o novo palácio do Governo Provincial, apresentando-se como um edifício imponente de cor amarela e branca, que tem na sua composição, para além da edificação principal, edifícios secundários, jardins e piscina, abrangendo dessa forma um total de 19000 m<sup>2</sup>. O palácio da Justiça, que também se situa no centro da cidade, foi recentemente sujeito a obras de reabilitação. As instalações do colégio "Amor de Deus" que se encontravam completamente abandonadas e em visível deterioração, desde 1975, são outro exemplo de recuperação e adaptação para as novas funções como "PUNIV" (Centro Pré Universitário do Uíge). Tal como estes edifícios, todos eles de serviço

público, outros têm sido alvo de recuperação, mas ainda nem todos foram abrangidos. O que leva a evidenciar que a principal degradação actual está nos edifícios considerados privados ou de habitação.



Imagem 76 - Universidade Kimpa Vita - Escola Superior politécnica de Uíge no Bairro Kixicongo.



Imagem 77 - aeroporto recuperado

No que diz respeito à construção de bairros sociais ou de novas centralidades, uma realidade actualmente em curso em todo o país, não encontra excepção no município de Uíge, estando em curso vários projectos habitacionais destinados à Juventude. Um dos objectivos do governo da província é a construção de 200 habitações de tipologia T3 (em cada sede de município). O empreendimento engloba a construção das ruas, dos sistemas de esgotos, valas de drenagem, loteamentos, passeios, jardins, áreas de recreio e lazer, espaços de comércio, escolas, estacionamento e espaços desportivos. Tudo isso numa área total de 250000 m<sup>2</sup>. Este projecto ajusta-se ao programa nacional de habitações, que se propõe ao melhoramento da imagem das povoações que foram mais afectadas pela destruição da guerra.

Este projecto (Ver Imagem 78) pretende construir a primeira centralidade na província de Uíge, que terá 640 casas e todo um conjunto de infra-estruturas.



Imagem 78 - Primeira Centralidade na Província do Uíge.

#### 4.2.3 Uma visão sobre a cidade e o seu povo...

Ao entrar em Uíge vê-se uma mancha da cor da Terra, correspondente aos bairros em adobe que povoam este território. Continuando o percurso em menos de cinco minutos, o transeunte depara-se com o centro da cidade, com um traçado mais imponente e cidadão com edifícios claramente coloniais. Encontra-se um espaço que tem a dinâmica das pessoas que circulam pelas ruas ou estão paradas nas bermas, onde as crianças são uma elevada percentagem.

Ao circular pela cidade, muitos são os pensamentos que invadem o sujeito que se interroga e admira face à postura que os cidadãos têm; a forma simples e humilde deixam-no intrigado. Umhas crianças brincam pelas ruas de forma muito livre e despreocupada, outras fazem o seu caminho para a escola, vestidas de bata branca e cadeira na mão ou à cabeça. As mulheres andam nos seus afazeres com as bacias na cabeça e os bebés às costas, muitas estão a fazer o seu comércio sentadas nas bermas.

Os edifícios de habitação, que no centro da cidade são essencialmente de 2 a 4 pisos, apresentam no geral fachadas muito degradadas e com algum aspecto de abandono e de vandalismo. Muitas casas ainda se encontram desabitadas porque com a saída dos Portugueses ficaram sem proprietário (agora são do governo ou da Igreja) e ninguém as apropriou novamente. Os cheiros, os sons, as cores, os materiais, as texturas, os sabores, são únicos, são o Uíge. A venda de tudo, mas essencialmente do que a terra produz, acontece pelas bermas das ruas, mas também há locais próprios para esse comércio, com o mercado principal situado na “praça Grande” no centro da cidade. É um espaço em terra batida com bancadas montadas de modo precário, onde como em toda a cidade e arredores, o lixo é uma presença constante.

Parte do hospital está a ser remodelada, mas o seu interior ainda demonstra a estagnação no tempo que Angola sofreu. A cada passo que dá na cidade, mais o transeunte fica espantado com as suas particularidades. Os animais andam livremente por Uíge, não só os cães mas também as galinhas e os porcos. Com o passar do tempo o visitante deixa de analisar e se questionar constantemente, para então viver, sentir e caminhar tal como os seus habitantes, como se fosse parte deles. Ao visitar os bairros que envolvem o centro da urbe, percebe-se que apesar das casas modestas feitas de terra sem reboco, os seus moradores exibem uma imagem limpa e vaidosa. Nestes bairros ainda permanecem costumes e necessidades muito comuns de Angola: as mulheres lavam roupa nas ribeiras, “banham-se” a si e aos seus filhos e carregam água à cabeça, até suas casas; outras encontram-se sentadas à porta de casa a lavar, cozinhar ou vender. Os homens estão sentados ao pé de casa, em momentos de confraternização pelas ruas, nas cantinas ou a jogar; por exemplo; xadrez com uma tábua e peças feitas por si. Algo que também acontece com as crianças que constroem os seus próprios brinquedos com o material e lixo que têm disponíveis. Uma vida e uma população com um ritmo muito próprio.

As igrejas que se situam nos bairros, são um reflexo das casas pobres e humildes da população residente. Resumem-se a um abrigo em adobe à vista, com pavimento em terra batida e troncos de árvores a servir de bancos. São de simples composição de 4 paredes, sem qualquer barreira que impeça a entrada de luz natural, o que parece tornar o espaço mais belo e divino, exaltando-lhe vida que emana culto e estudo.

As ruas do centro da cidade apesar de estarem pavimentadas com betuminoso têm como presença constante o pó de terra. As motorizadas, em grande número, são também uma imagem muito comum do Uíge.

O edifício dos “Correios e Angola Telecom” localizado em torno da praça do Governo Provincial, mostra que existem elementos e marcas do período colonial que ainda permanecem intactas, pois não parece ter sofrido grandes remodelações. Os pavimentos, portas e cores remetem a uma época passada e relembram um Portugal de há algumas gerações. A porta principal integra no centro do seu padrão metálico, um “Brasão” de Portugal, indicando assim que a história permanece enraizada no edificado.

Uma ideia semelhante surge quando se conhece uma habitação no interior, mesmo que construída recentemente. Fala-se de uma casa que pertence a uma família com possibilidades financeiras que já tendem para um nível médio, com o mínimo de condições e conforto. Apresenta-se rebocada, com cimento no pavimento, cobertura em chapa, fazendo lembrar as tradicionais casas portuguesas dos anos 60, em que a cozinha é muito pequena, 2X3 metros, com “cristaleira”, tachos pendurados na parede e cortinas no local onde seriam as portas, numa descrição de simplicidade.

Na cidade abriu há pouco o “Nosso Super”, o único supermercado da urbe e arredores, cujo interior dá a sensação de se estar na Europa, embora as prateleiras se encontrem demasiado vazias e os preços sejam assustadoramente elevados face ao rendimento médio das famílias. Esta mesma realidade acontece no “Grande Hotel de Uíge”, que poderia transformar-se a um Hotel de 3 estrelas no contexto português, e de 5 considerando o local.

Ao contrário do movimento e dinâmica do dia, à noite, há a calma e recolha nos lares, dando assim uma outra visão da cidade. O mesmo acontece nos dias de chuva, onde o espaço urbano quase parece deserto, com outros cheiros, escorregadio e com lama.

Angola, e em concreto Uíge, é um exemplo de como o espaço público adquire uma importância determinante para uma população, que neste caso passa a totalidade do seu dia num ambiente sociável onde não há muitos momentos de isolamento, pelo menos físico, pelo facto da casa só servir para dormir.

Em síntese, trata-se de uma cidade com bairros que envolvem um núcleo historicamente conservado, como se fosse um “museu à escala real”. Por mais descrições que sejam feitas, não dispensam o conhecimento in loco, para conhecer as suas cores e os seus principais traços. O arquitecto para proceder à realização das suas obras necessita de conhecer o lugar, precisa de o sentir.

Por essa razão, são apresentadas fotografias da cidade de Uíge que pretendem visualizar o que até aqui foi referido. (Ver da Imagem 78 à 88)



Imagem 79 - Conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Uíge: O seu núcleo e traços coloniais

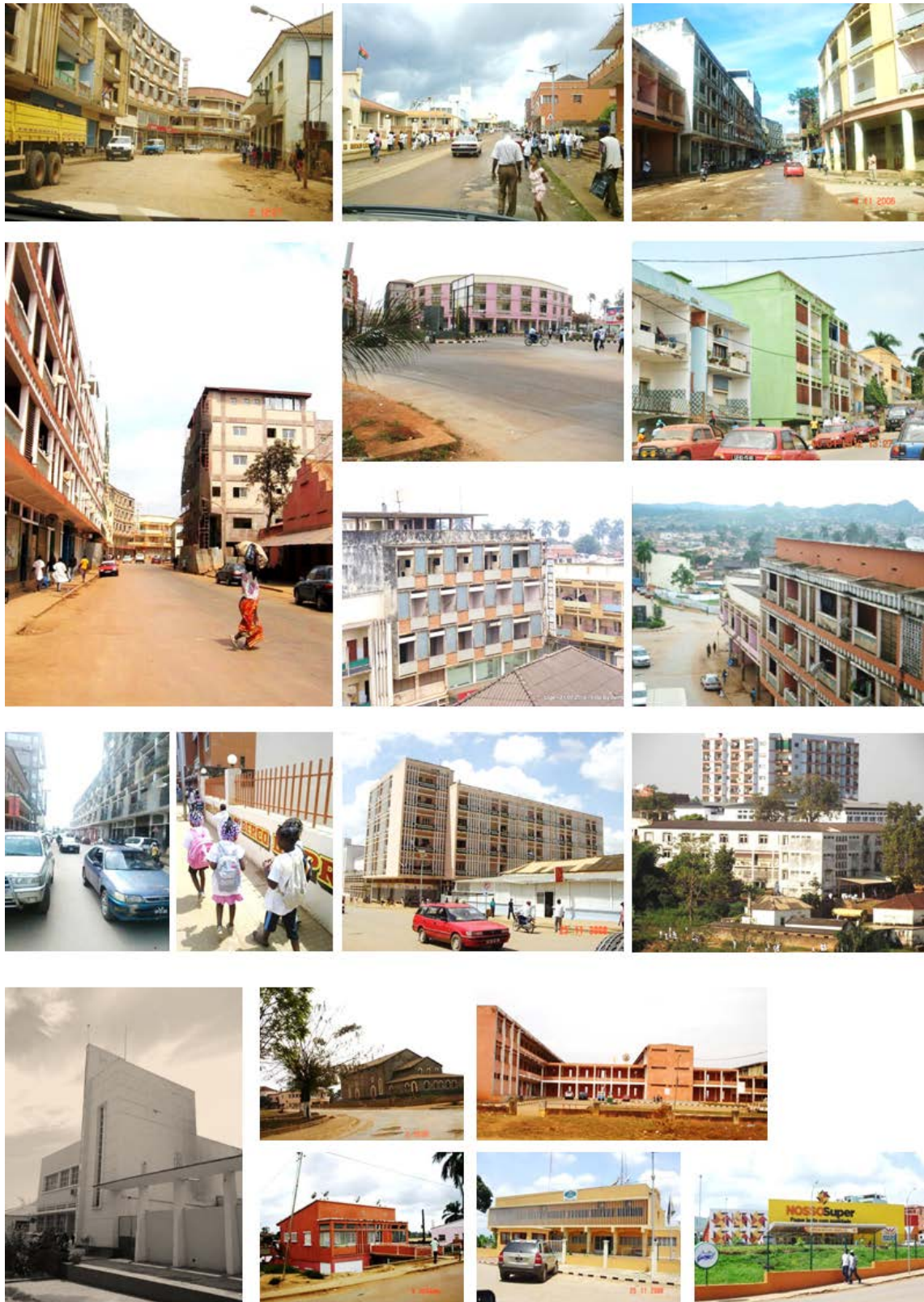


Imagem 80 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Uíge: O seu núcleo e traços coloniais



Imagem 81 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram a Cidade de Uíge: O seu núcleo e traços coloniais



Imagem 82 - Vistas aéreas da cidade da cidade de Uíge



Imagem 83 - Conjunto de Fotografias que mostram um percurso pela cidade Uíge



Imagem 84 - Conjunto de Fotografias que mostram Bairros Periféricos ao centro da cidade de Uíge: Começaram a ser formados antes de 1975 e têm construções coloniais

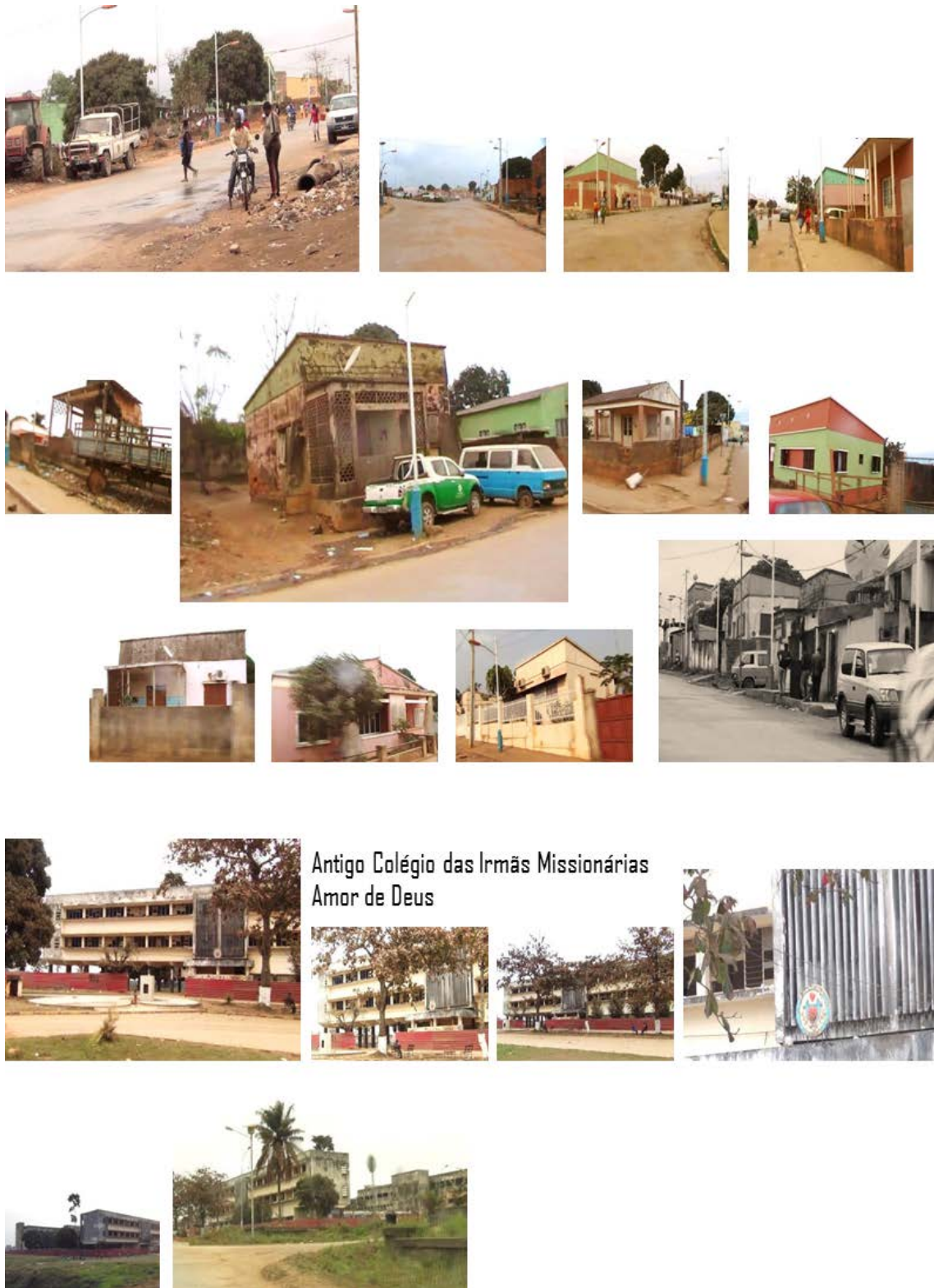


Imagem 85 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram Bairros Periféricos ao centro da cidade de Uíge: Começaram a ser formados antes de 1975 e têm construções coloniais

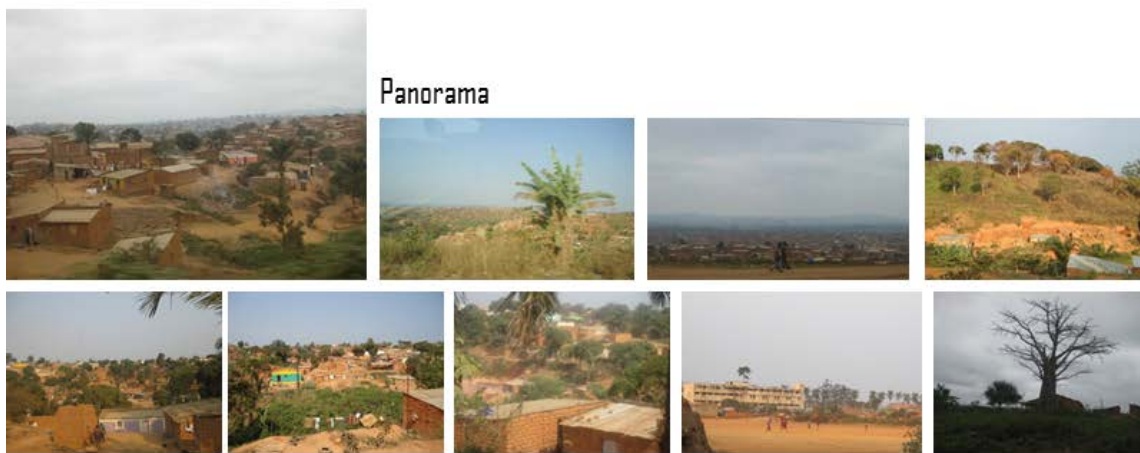


Imagem 86 - Conjunto de Fotografias que mostram Bairros Periféricos ao centro da cidade de Uíge: Depois da Independência até hoje



Em construção



Escolas



Percursos



Áreas livres



Imagem 87 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram Bairros Periféricos ao centro da cidade de Uíge: Depois da Independência até hoje



Tarefas das mulheres



As crianças



Os animais e o lixo



Mercados e vendas nas bermas



Imagem 88 - Conjunto de Fotografias que mostram os habitantes de Uíge e os seus Hábitos

### 4.3 Caracterização da área de estudo: eixo de centralidade

A área de estudo, objecto desta dissertação é um troço do centro urbano da cidade de Uíge, constituído pela Praça da Independência, pela rua Dr. Agostinho Neto e pela Praça do Governo Provincial (ver folha 1 - peças desenhadas). Ao que se optou por chamar eixo de centralidade, à rua que liga directamente as duas praças, para dessa forma criar um ponto central na cidade (Ver Imagem 90). Este eixo é actualmente composto por uma rua pavimentada com betuminoso, aproximadamente com 17 metros de largura, constituída por duas faixas de rodagem, com dois sentidos de trânsito. Em alguns pontos é acompanhada por um correr de grandes palmeiras (Ver Imagem 89). Esta via é interceptada por várias perpendiculares, para ambos os lados e ostenta os edifícios mais importantes da cidade, os oficiais, mas também edificado de habitação e alguns locais de comércio. (Ver Imagem 91)

Um diagnóstico deste local evidencia que as principais necessidades são:

- Recuperar e restaurar os edifícios de habitação, tendo estes vários pisos, principalmente as fachadas dos mesmos;
- Refazer os passeios;
- Limpar a rua;
- Colocar equipamentos urbanos, como por exemplos caixotes de lixo.

Trata-se portanto de manter a mesma estrutura morfológica, reorganizando o eixo de centralidade e dando-lhe uma nova vida.



Imagem 89 - Fotos do Eixo de Centralidade



Imagem 90 - Vistas da Cidade de Uíge com indicação da localização do eixo de centralidade

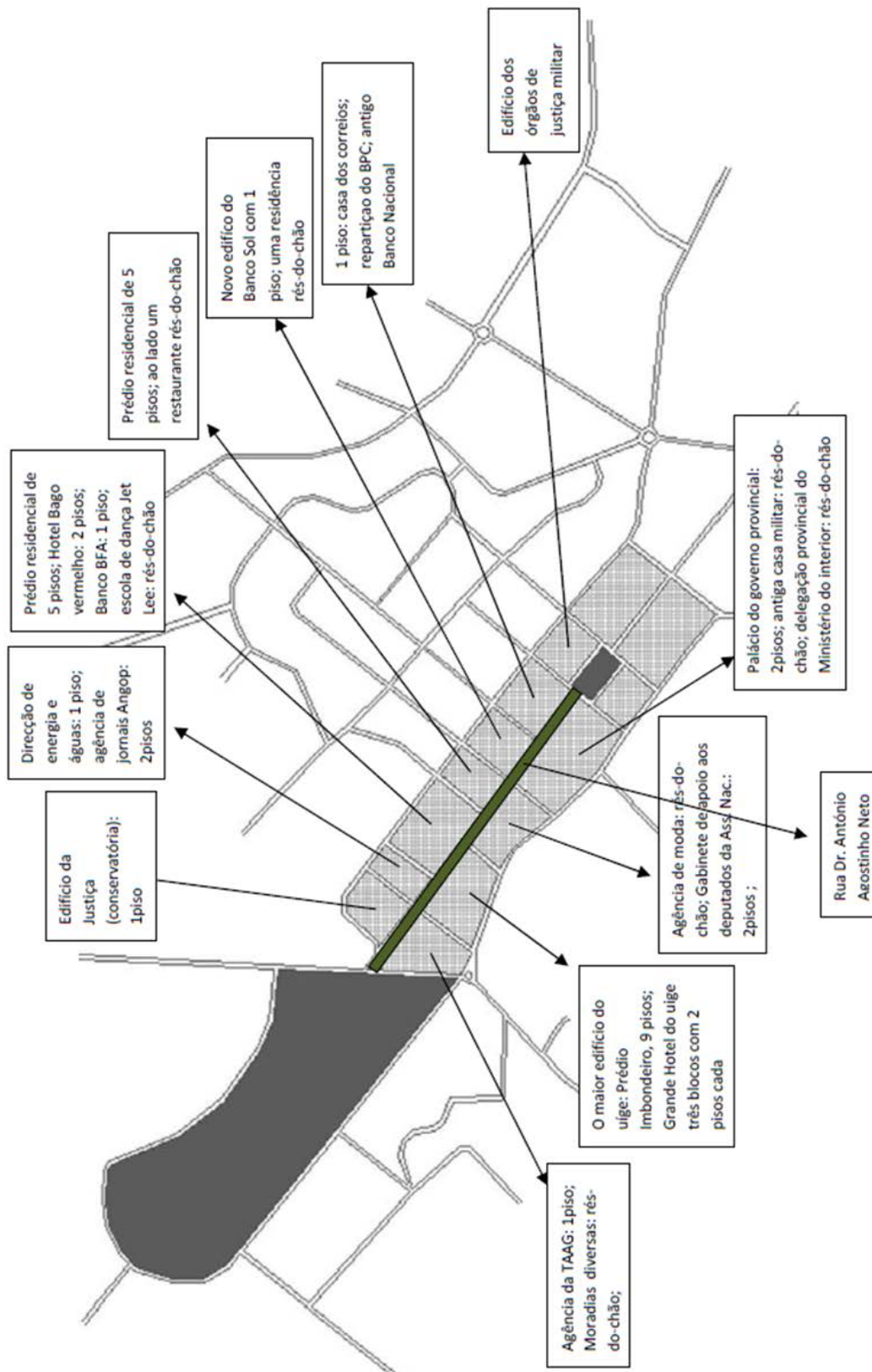


Imagem 91 - Esquema que indica os edifícios existentes no eixo de centralidade

Para melhor entender o eixo de centralidade e conhecer o aspecto dos edifícios que o compõem é feito o percorrer desta rua de modo a visualizar a sua imagem (Ver Imagem 92; 93 e 94).

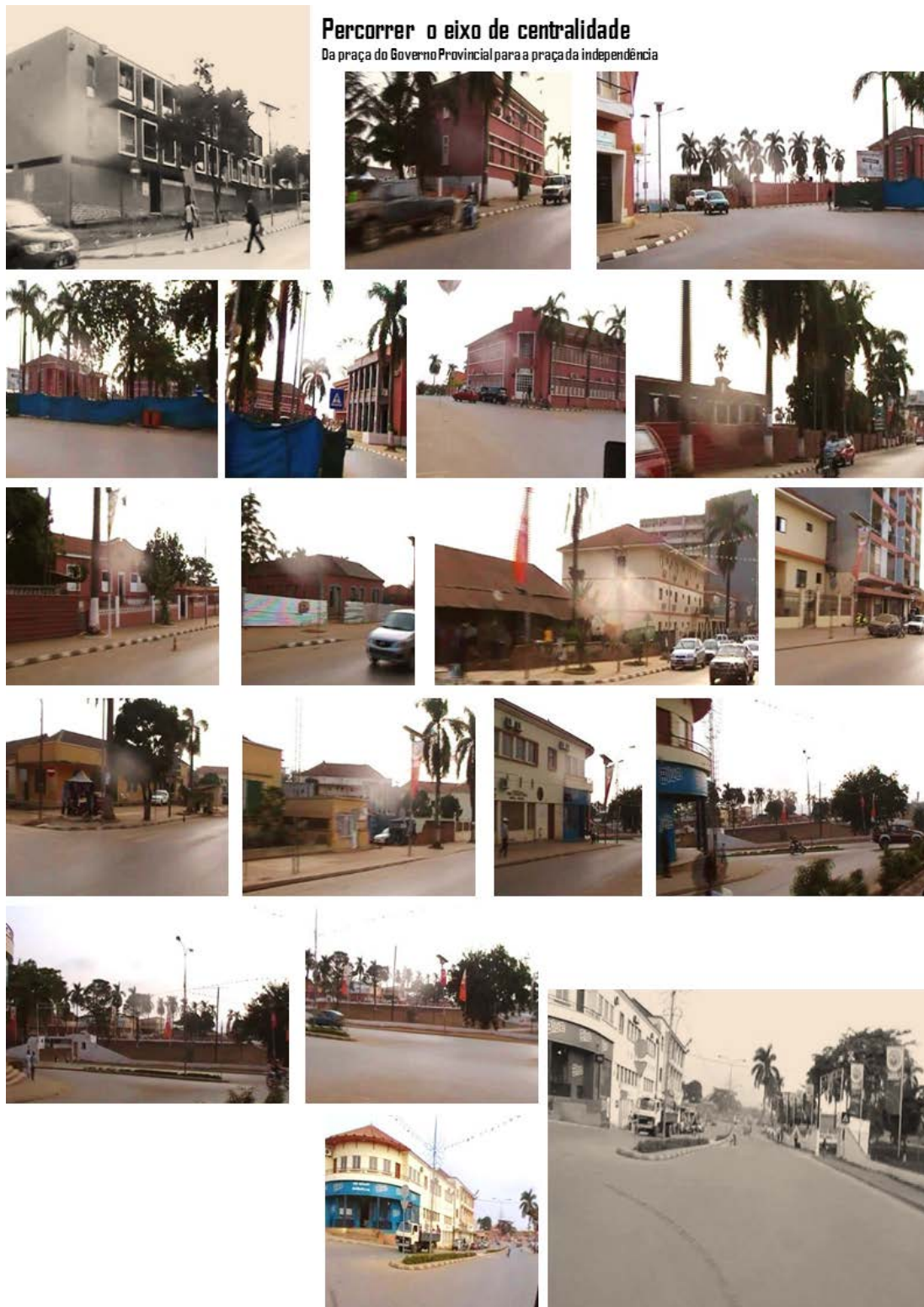


Imagem 92 - Conjunto de Fotografias que mostram um percurso pelo Eixo de Centralidade: Da Praça do Governo Provincial para a Praça da Independência



### Percorrer o eixo de centralidade

Da praça da independência para a praça do Governo Provincial



Imagem 93 - Conjunto de Fotografias que mostram um percurso pelo Eixo de Centralidade: Da Praça da Independência para a Praça do Governo Provincial

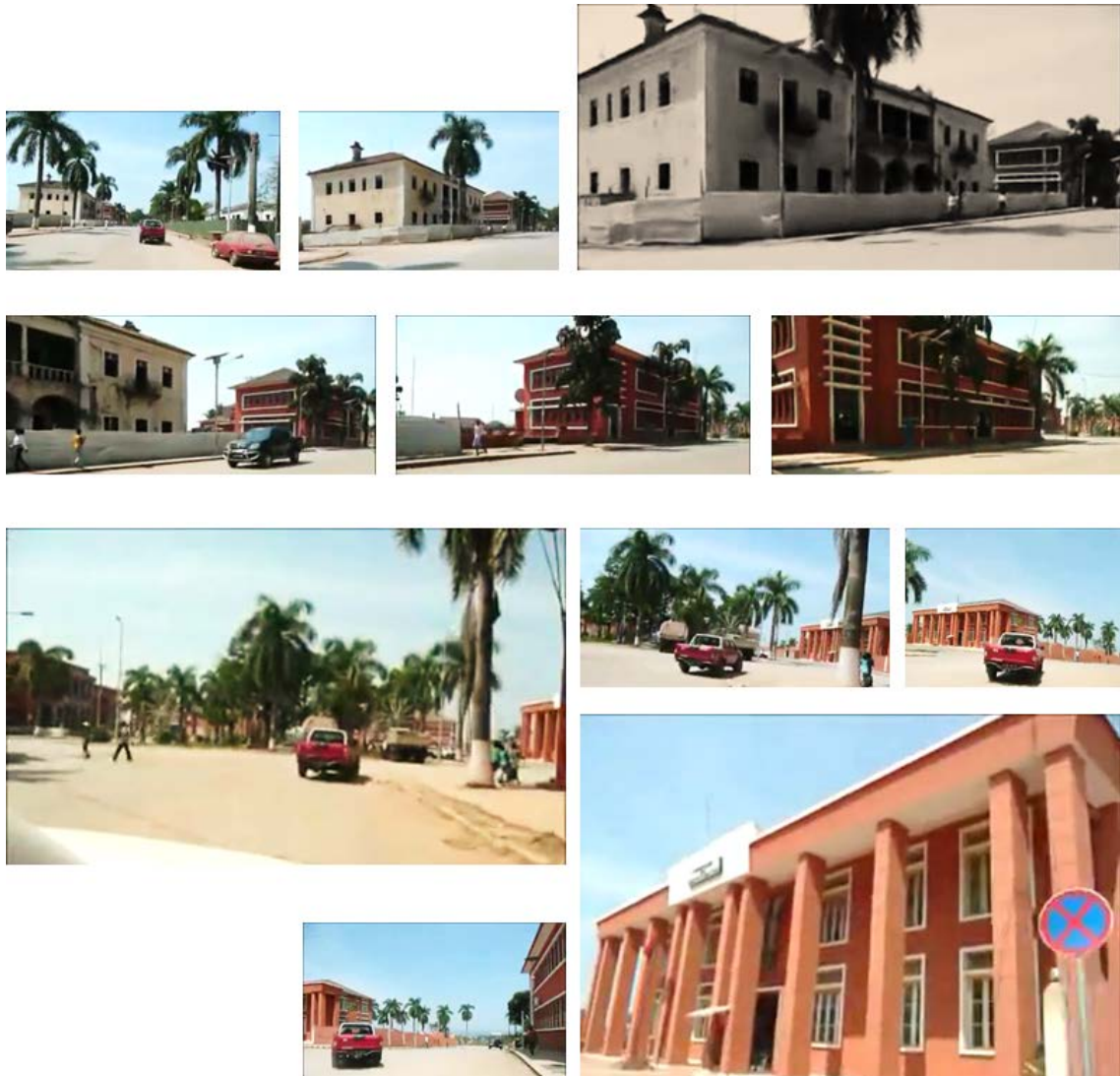


Imagem 94 - Continuação do conjunto de Fotografias que mostram um percurso pelo Eixo de Centralidade: Da Praça da Independência para a Praça do Governo Provincial

Para além do eixo de centralidade a área de estudo organiza-se em duas outras subáreas: a praça da independência e praça do governo provincial. Que seguidamente se descrevem.

#### 4.3.1 A praça da independência

A praça da Independência (Ver Imagem 96) localiza-se numa zona onde a cidade informal se começa a estender, onde se iniciam os bairros com carácter mais rural, onde não há água canalizada nem rede eléctrica. Trata-se de um local delimitado por muros, com cerca de um metro de altura. Dentro dos limites da mesma, tirando as construções de equipamentos muito pontuais, existe apenas um terreno que permanece em terra, com capim e muito lixo.

Anualmente realizam-se aqui as festas da cidade, que se prolongam por cerca de 7 dias. A praça é o local central deste acontecimento. Nessa festa são expostos os produtos agrícolas, culturais/artesanais e industriais de toda a província, logo é uma oportunidade de comércio para muitas pessoas da região. São dias em que chegam à cidade milhares de pessoas de todo o país, que esgotam todos os Hotéis; dias em que a cidade e principalmente a praça são transformadas num espaço de cultura, de negócio e festa, ostentando enfeites, luzes, música, carrosséis, tendas, *roulottes*, comida e muita bebida.

A praça funciona como uma grande rotunda, por estar envolta por ruas pavimentadas com betuminoso, com trânsito automóvel em todas elas. Ao percorrer as ruas adjacentes, nas bermas opostas à praça, estão implantados (Ver Imagem 95) vários tipos de edifícios: de um lado a cidade separada pela “Marginal” de acesso ao centro; do outro um bairro tradicional construído em adobe queimado; do outro há uma rua delimitada pelo correr de grandes palmeiras, onde existe o Hospital, a Morgue, o antigo colégio das Irmãs Amor de Deus, a casa da Diocese e alguns descampados ou pequenos jardins entre o edificado.



Imagem 95 - Esquema explicativo da envolvente imediata da Praça da Independência



Imagem 96 - Conjunto de fotografias que mostram a praça da Independência

### 4.3.2 A praça do Governo Provincial

A praça do Governo Provincial, desde a criação do primeiro povoamento, no ano 1917 como já foi referido no ponto 4.1, mantém uma posição central na cidade, estando assim rodeada pelos edifícios oficiais mais importantes, dando mais ênfase à sua posição (Ver Imagem 98). Tem uma geometria bem definida, apresentando-se rectangular, sem desníveis e funcionando também como rotunda (Ver Imagem 97). Esta, normalmente, já tem uma manutenção mais activa do jardim, tendo já algumas árvores, principalmente grandes palmeiras, também alguns bancos e flores.

O objectivo da proposta não passa por fazer uma grande intervenção neste espaço, mas antes marca-lo e interliga-lo com a rua e a outra praça de modo a integra-la no eixo de centralidade.



Imagem 97 - Fotos da Praça do Governo Provincial



Imagem 98 - Fotos da envolvente da Praça do Governo Provincial

### 4.3.3 Caracterização morfológica

Para compreender qual a situação actual do terreno, a nível topográfico, onde está inserida a área a intervir, foram executados alguns perfis dos espaços através de uma ferramenta disponível no Google Earth. Verifica-se que a elevação máxima é 854 metros e a elevação mínima é 824 metros.

Segundo estes perfis pode-se apurar que:

- O parque (Praça da Independência) tem uma forma mais irregular - longitudinalmente mede cerca de 700 metros; transversalmente mede no máximo 270 metros.
- A praça do Governo Provincial (praça de Lisboa) que tem uma forma rectangular, terá cerca de 48 metros por 92 metros.
- A distância directa (rua Dr. Agostinho Neto), que liga este dois pontos, mede proximamente 600 metros.

#### 4.3.3.1 Praça do Governo Provincial (Praça de Lisboa)

No que diz respeito à Praça do Governo Provincial pode-se observar (ver imagem 99) que esta é bastante plana.



Imagem 99 - Conjunto de Perfis longitudinais da praça do Governo Provincial

4.3.3.2 Perfis do parque - Praça da Independência

A praça da independência encontra-se entre a conta 824 e 846. (ver imagem 100 e 101)

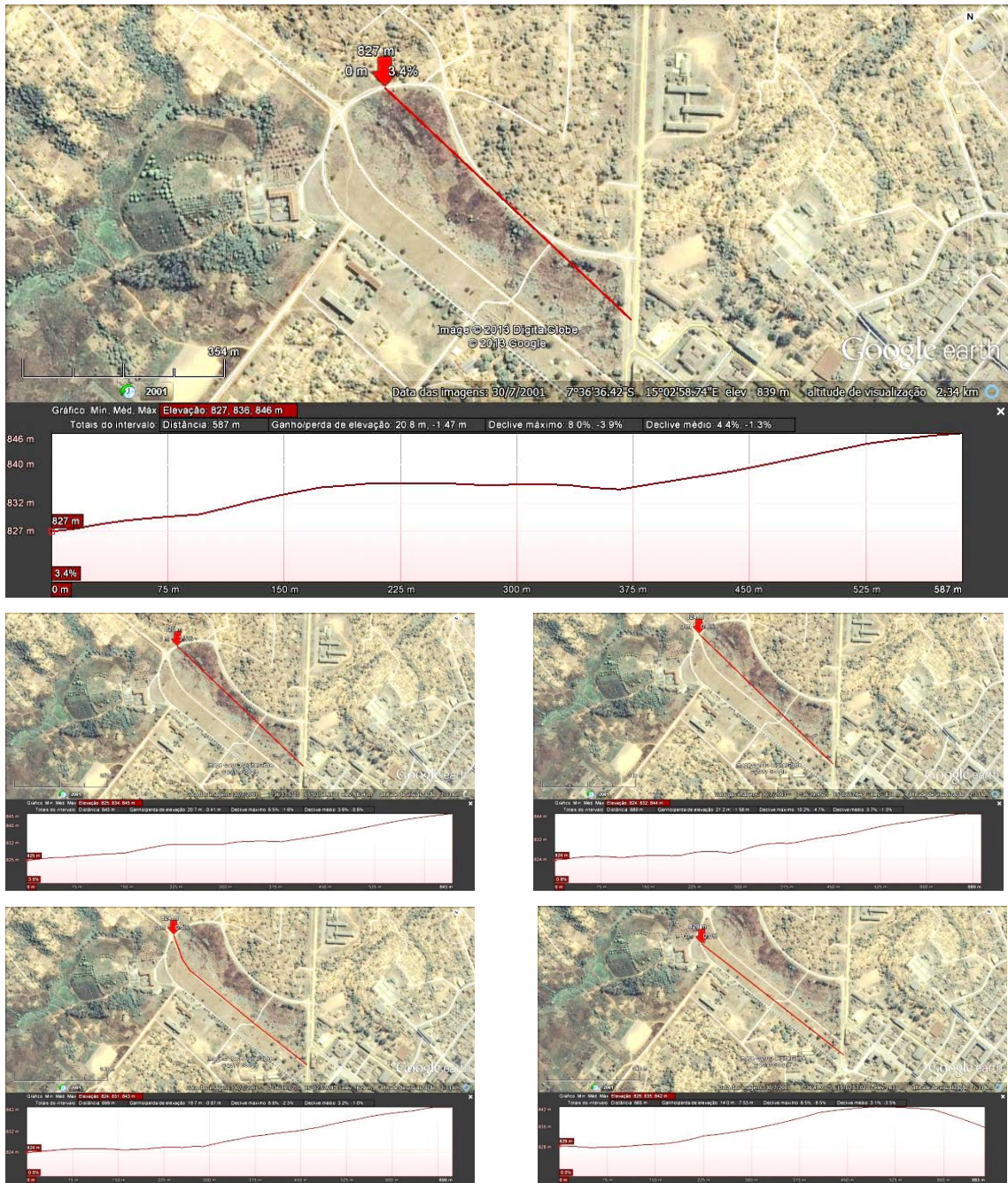


Imagem 100 - Conjunto de Perfis longitudinais da praça da Independência

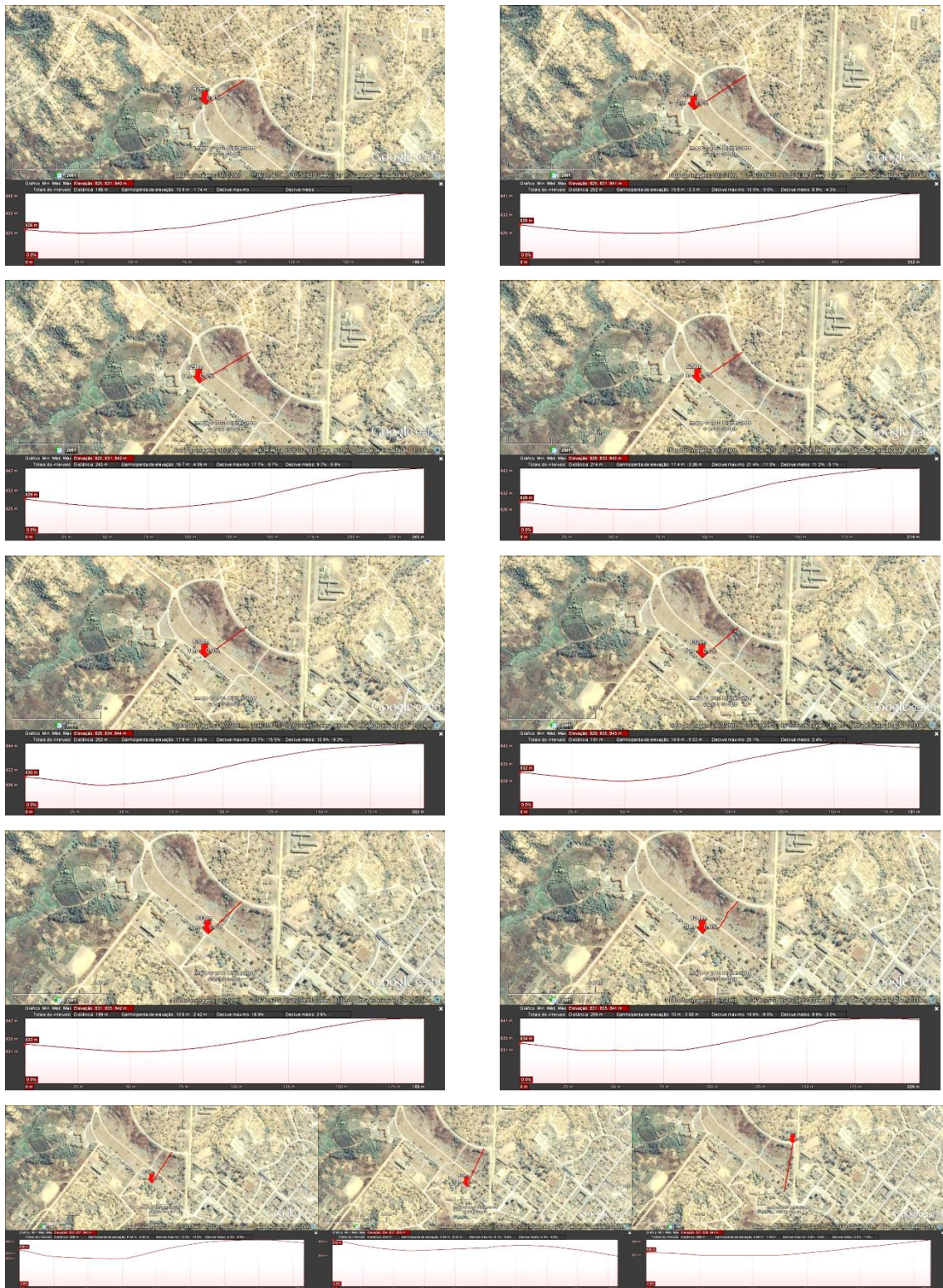


Imagem 101 - Conjunto de Perfis Transversais da praça da Independência

### 4.3.3.3 Perfis das ruas adjacentes

No que diz respeito aos perfis das ruas adjacentes pode-se observar (ver imagem 102) que estas estão entre a cota 824 e 842.



Imagem 102 - Conjunto de Perfis das ruas adjacentes

#### 4.3.4 Análise do tecido urbano do eixo de centralidade

Ao observar o espaço positivo (ver folha 10 - peças desenhadas) da área apresentada, correspondente ao tecido edificado, percebe-se que os quarteirões não ficam preenchidos pelo edificado. O que leva à ideia de que alguns edifícios são isolados. Isto deve-se à importância que lhes quiseram dar e ao facto de no período colonial, tal como foi referido nos capítulos anteriores, as construções serem isoladas para facilitar a implantação do edifício em qualquer lugar. (ver imagem 103)

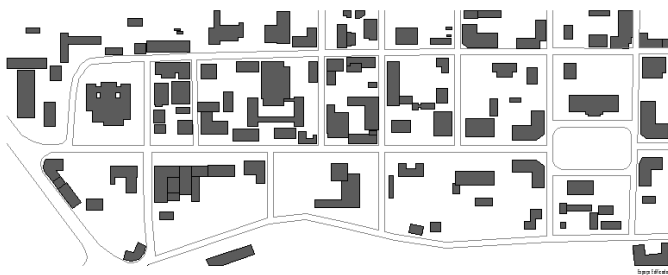


Imagem 103 - Espaço Positivo

Como se pode perceber com a apresentação do espaço negativo (ver folha 11 - peças desenhadas), correspondente à estrutura não edificada, a malha urbana da área de estudo é composta por uma quadrícula longitudinal formada a partir do eixo central, rua Dr. Agostinho Neto. A partir dele desenvolvem-se vários outros arruamentos transversais, formando assim os quarteirões, maioritariamente regulares.

O interior dos quarteirões é ocupado por pequenas barracas e/ou simplesmente vazias, o que leva à acumulação de lixo ou ocupação informal temporária. Muitos dos quarteirões, nas áreas que não existe edificado, têm chapa a cerca-los, para não serem ocupados, o que lhes confere uma imagem pouco qualificada. No espaço negativo destaca-se a praça do Governo Província. (ver imagem 104)

A partir deste fragmento/parte da cidade, é perceptível, que esta é composta por uma Estrutura Reticular, portanto, as ruas que cobrem a superfície podem expandir-se em todas as direcções e até grandes distâncias. Este tipo de estrutura apresenta uma grande flexibilidade na utilização e disposição.



Imagem 104 - Espaço Negativo

As curvas de Nível (ver folha 12 - peças desenhadas) representadas de metro em metro evidenciam que esta área se encontra entre os 840 e os 852 m de altitude. A praça do Governo Provincial tem mais um elemento que a centraliza, o facto de se encontrar no ponto mais alto da cidade. (ver imagem 105)

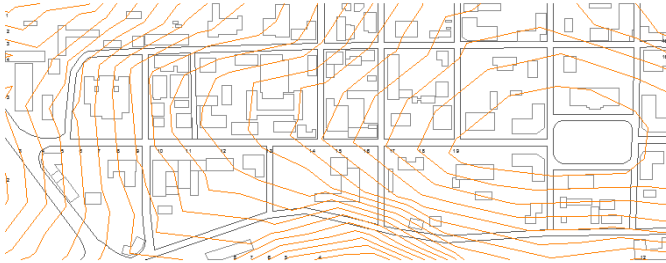


Imagem 105 - Curvas de Nível

O edificado existente (ver folha 13 - peças desenhadas) é maioritariamente de cariz público/oficial, existindo no entanto três edifícios de habitação, um restaurante e dois hotéis. Mais uma vez o existente anuncia a centralidade para a rua Dr. Agostinho Neto. (ver imagem 106)

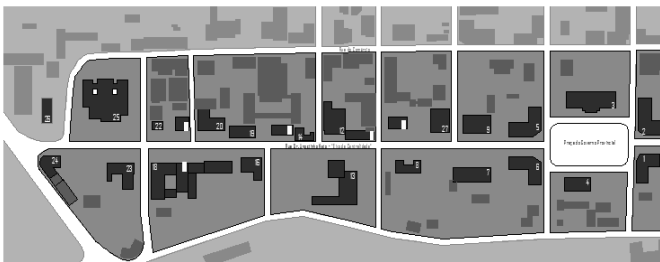


Imagem 106 - Edificado Existente

O eixo de centralidade apresenta edifícios com diversos pisos, incluindo o prédio mais alto de Uíge (ver folha 14 - peças desenhadas), no entanto os que têm apenas rés-do-chão ou vão até ao 1º piso são os predominantes. (ver imagem 107)

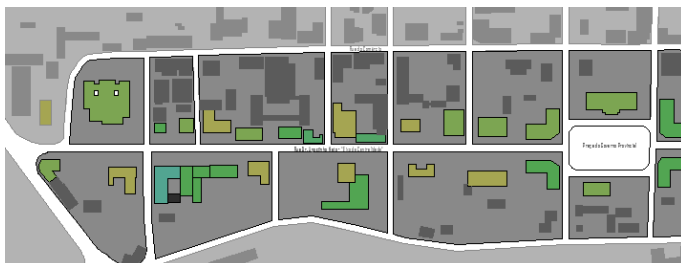


Imagem 107 - N° pisos do edificado

## CAPÍTULO V

### Proposta de reabilitação urbana





# CAPÍTULO V - Proposta de reabilitação urbana

## 5.1 Descrição dos objectivos

*“É amplamente reconhecido que a diversidade da natureza e clima influenciou directamente, ao longo dos séculos, a arte e artefactos africanos. Assim deveria acontecer também com a arquitectura e o desenvolvimento futuro das cidades africanas, que deveria ser entendido como resposta ao clima, cultura e geografia. Uma arquitectura que vai buscar inspiração ao “local” vai articular um sentido convincente de lugar e ter uma relevância social mais forte.”<sup>81</sup>*

David Adjaye

Segundo GORDON CULLEN<sup>82</sup> a arte de compor um ambiente é definida por regras, as quais traçam caminhos que levam o homem a relacionar-se com o meio envolvente. A cidade é uma unidade que no seu todo pode gerar bem-estar e felicidade aos seus habitantes. É mais interessante e atractivo vê-la agrupada, do que ver elementos isolados, visto que assim provoca emoções e sentimentos. A cidade não deve ser monótona, deve apresentar-se como uma surpresa constante, provocando impacto e curiosidade, deve ter vida e contrastes.

Para KEVIN LYNCH a “cidade é uma construção no espaço”<sup>83</sup>, que apenas se torna perceptível com passar do tempo. “A cidade é uma arte Temporal”<sup>84</sup>, onde há sempre mais do que a vista alcança e o ouvido pode ouvir. Ele defende que todos os elementos são importantes, onde cada um de nós é parte integrante e activa.

Neste sentido Uíge é uma cidade cheia de contrastes, de história, de uma cultura muito própria, de um povo repleto de vida, de uma arquitectura que fala e conta o seu passado e presente. Tem uma paisagem urbana que foi construída num espaço e ao longo do tempo, onde com o cruzar de cada esquina há uma surpresa à espera e um sentimento de que algo mais se pode fazer.

---

81 - 2 (Pág.33)

82 - 4

83 - 7 (Pág.9)

84 - Idem

Esta dissertação tem como objectivo final, após o estudo do contexto nacional e regional de Angola, a apresentação de uma proposta/projecto para uma parte da cidade de Uíge, criando o eixo de centralidade. Este projecto visa valorizar, marcar e centralizar a rua Dr. Agostinho Neto, que se considera uma das mais importantes da cidade, pelos edifícios que abarca e por levar o transeunte até ao núcleo da urbe, a praça do Governo Provincial.

Portanto, a partir da identidade própria e do património colonial que esta cidade tem, procura-se potencializa-la e melhora-la, primeiro através da reabilitação da rua acima mencionada e depois com a concepção de um projecto para a praça da Independência. Pretende-se criar, desta forma, uma ligação central entre as duas praças da cidade, a da Independência com a do Governo Provincial.

Esta proposta visa contribuir para melhorar as problemáticas do Uíge a nível urbano, dando resposta a desafios urgentes mas que bem estudados podem tornar-se muito promissores. Logo, principalmente através da praça da Independência pretende-se oferecer novos significados e espaços à cidade, que respeitem os contrastes e realidades existentes.

Em termos urbanísticos a legislação angolana, vigente, para o sector da construção e urbanismo, já prevê medidas que visam a reconversão ou recuperação das zonas urbanas degradadas ou ilegais.

Como exemplo refira-se o Diploma do Ministério do Urbanismo e Habitação, datado em 2007 que contempla que: os planos urbanísticos devem programar a reconversão ou recuperação das áreas urbanas degradadas ou de origem ilegal, em termos compatíveis com os planos financeiros adequados à sua execução.<sup>85</sup>

Por outro lado, à semelhança do que acontece em Portugal, os instrumentos ordenamento do território desenvolve-se em três âmbitos territoriais distintos, coordenados, entre si, através dos respectivos instrumentos: no âmbito nacional; no âmbito provincial; e no âmbito municipal.<sup>86</sup>

Existem ainda os planos urbanísticos que têm por objecto espaços dos centros urbanos fixados pelos respectivos perímetros com estatuto de cidade.<sup>87</sup>

Pese embora todos estes conteúdos, não se conhece para a área de estudo nenhum tipo de plano ou regra urbanística em vigor.

---

85 - 39; Artigo 18º (Reconversão ou recuperação das áreas urbanas degradadas e ilegais)

86 - Idem; Artigo 26º (Âmbito territorial da estrutura e eficácia dos planos territoriais)

87 - Idem; Artigo 28º (Classificação dos planos territoriais)

## 5.2 Memória descritiva e justificativa

A memória descritiva e justificativa da proposta de reabilitação urbana para a cidade de Uíge (Ver Imagem 108) estrutura-se em duas componentes:

- Praça da Independência;
- Eixo de Centralidade.

Na primeira vertente será feita uma descrição do projecto, desde aspectos como os pavimentos; o edificado; o uso da água; arborização; os equipamentos; as ruas adjacentes; os estacionamentos; a iluminação pública e o mobiliário urbano.

Na segunda vertente os aspectos tidos em consideração são: proposta para o edificado; proposta para a rua; pavimento da rua; pavimento dos passeios; estacionamento público; tratamento dos espaços vazios; e praça do governo provincial. (ver folha 1 e 2 - peças desenhadas)



Imagem 108 - Implantação da cidade com delimitação da área de intervenção

### 5.2.1 Praça da Independência

No projecto da Praça da Independência procura-se criar um ambiente para o qual a população olhe e perceba a sua importância, sinta orgulho e prazer em disfrutar do local. Para que assim também possa sentir que o espaço é seu e por essa razão precisa de o estimar. A configuração do terreno e a beleza natural do local farão a diferença, para assim surgir um espaço de contemplação, convívio e descanso.

A proposta tem como objectivo fazer da praça parte integrante da cidade, torna-la de todos e para todos, retirando as barreiras que nela existem, como o muro de que se falou no ponto 4.3.



Imagem 109 - Embondeiro

O conceito base para a composição geral da praça é o embondeiro (Ver Imagem 109). Trata-se de uma grande árvore com grandes ramificações e sem folhas, característica do continente africano. Para o povo angolano, este é o símbolo sagrado de respeito e vida. Por essa razão é escolhido, por se pretender que este local também se torne símbolo de vida para a cidade, um pulmão natural, uma marca, uma nova centralidade.

A criação dos percursos baseou-se na forma do embondeiro (Ver Imagem 110), onde a partir de um tronco principal se desenvolvem diversos ramos que muitas vezes se cruzam entre si, com formas orgânicas, que há partida parecem não ter sentido ou lógica. Mas tal como na própria árvore, em tudo há uma finalidade.

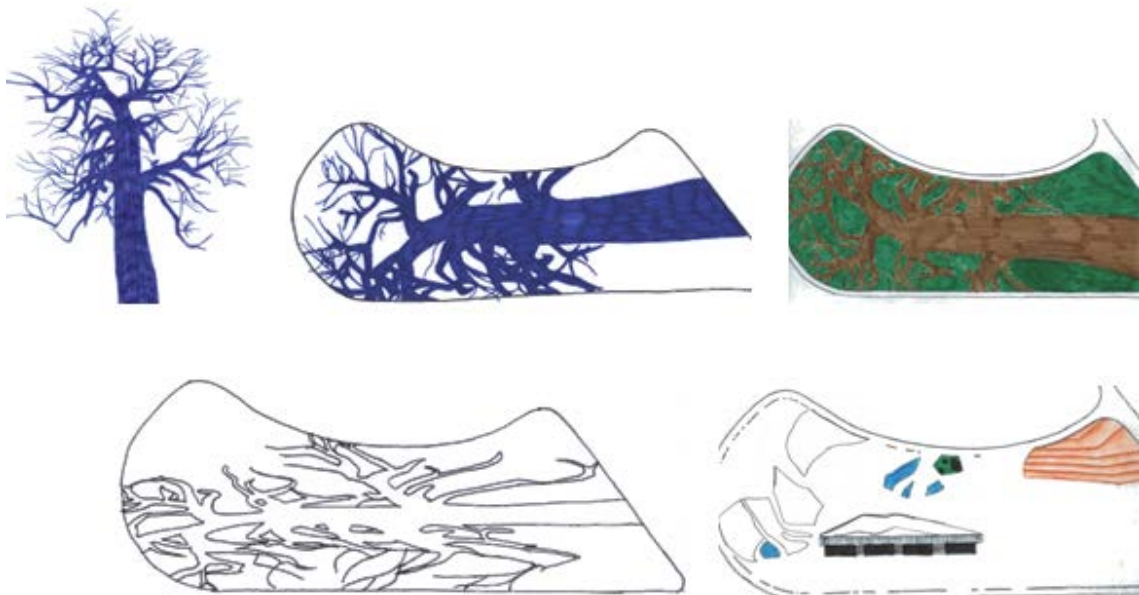


Imagem 110 - Primeiros estudos de percurso a partir do Conceito base

Os percursos distribuem-se por toda a área, criando assim vários pontos de entrada/saída, da praça para a sua envolvente, como se esta procurasse abraçar o que a rodeia, o seu povo. A entrada/saída principal, a nascente, é demarcada pela sua dimensão e pelo percurso que a partir dela se desenvolve, como se fosse a base do tronco. É esta que também dá acesso directo ao eixo de centralidade. (ver folha 4 - peças desenhadas)



Imagem 111 - Proposta para a Praça da Independência

A praça tem de desnível 19 metros, entre o ponto mais alto e o mais baixo, mas visto que estes se encontram em lados opostos, tendo em conta que a extensão longitudinal é de cerca de 700 metros, a inclinação não é assim tão visível e acentuada. Portanto espera-se explorar esta realidade para dar mais dinamismo ao espaço, respeitando e aproveitando na medida do possível essa inclinação. (ver folha 3 - peças desenhadas)

A ideia de continuidade da praça para o resto da cidade acontece através do prolongamento dos percursos para o passeio das ruas adjacentes, através do uso do mesmo material e pelo facto das entradas/saídas não terem qualquer barreira. Os locais que não são de entrada e saída e que demarcam os limites da praça são apontados com um pequeno muro de apenas oitenta centímetros de altura, composto pelo uso da mesma pedra do anfiteatro.

Perto da entrada principal há um espaço reservado para manter um monumento já existente, este é marcado por um pavimento circular mais elevado, do mesmo material do Anfiteatro, portanto uma pedra clara, típica de Angola e com características para se manter no espaço público (não havendo forma de especifica-la neste trabalho por carência de informação nessa área).

Na composição da praça da Independência, é proposto o uso de elementos naturais e materiais que sejam, de preferência, oriundos de Angola. Por essa razão nesta dissertação não é possível mencionar exactamente os seus nomes e características, porque apenas isso exigiria uma outra investigação nessa área. Por isso algumas vezes será feita uma analogia com materiais portugueses.

### 5.2.1.1 Pavimentos

Para o pavimento dos percursos propõe-se o uso de uma pedra semelhante à da calçada portuguesa (Ver Imagem 112), em quadrados, com espaço confortável entre si, que encontre equilíbrio para um bom andar do transeunte e uma maior permeabilidade da água.

A escolha deste tipo de pedra e modo como é aplicada, deve-se ao facto, desta ter uma maior durabilidade, resistência às intempéries, boa absorção da água (importante devido às grandes épocas de chuvas) e ser pouco escorregadia. A cor da pedra deve ser a acastanhada para assim ficar em harmonia com a restante envolvente e para no seu todo ser discreta, visto que os percursos são uma grande parte desta área.



Imagem 112 - Pedra para pavimento dos percursos

### 5.2.1.2 Edificado

Para a praça da Independência é proposto a existência de cinco tipos de edificado (ver folha 4 - peças desenhadas):

- Local de Recepção/posto de informação aos turistas
- Espaço de Venda/exposição
- Instalações Sanitárias Públicas
- "Cantina" - Café com esplanada
- "Casa" de manutenção



Imagem 113 - Esquícios dos vários edificados

Todas as construções seguem a mesma linha arquitectónica, tendo como principal material o betão armado, pelo facto de este ser mais perene e por já ser usado nas edificações coloniais existentes na cidade. (Ver Imagem 113)

A cor do betão ou do reboco ficará com uma leve tonalidade do adobe, com aplicação do material do espaço de venda/exposição, através de uma técnica semelhante à usada pelo arquitecto Bartolomeu Costa Cabral na habitação em Beja. No entanto, estas edificações também têm pequenos apontamentos de outros materiais, como os blocos de adobe, o bambu e o vidro com perfis metálicos, numa forma de fazer alusão às aldeias tradicionais e à cidade consolidada. O uso de perfurações no próprio betão (grelhagens) também é um elemento presente.

Um dos objectivos é evitar o uso de chapa nas coberturas, embora seja um elemento usual na zona, pensa-se que descaracterizaria o lugar. Sugere-se que a cobertura seja uma continuidade da pele da construção, logo em betão, com a aplicação de uma tela de impermeabilização. Sendo de uma única água e com uma inclinação mínima.

#### 5.2.1.2.1 Local de Recepção/posto de informação aos turistas (Ver Imagem 114)

É um espaço que se situa perto da entrada principal e está reservado para as pessoas que asseguram a segurança e organização da área. Portanto é usado para informar os visitantes e dar, por exemplo, um guia para quem visita o município. As suas paredes não têm aberturas para possibilitar pequenas exposições de trabalhos artesanais, pinturas ou esculturas, de forma a fomentar o interesse do visitante em conhecer o Uíge. (ver folha 8 - peças desenhadas)

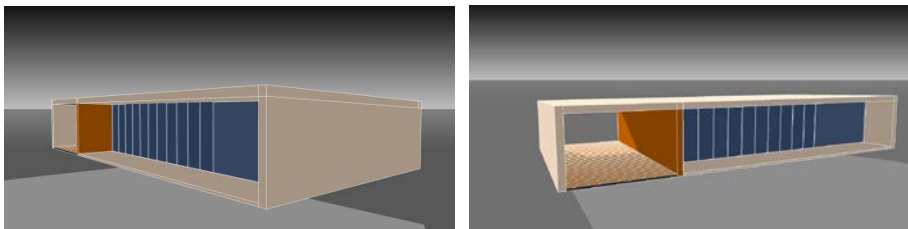


Imagem 114 - 3D do Local de Recepção/Posto de Informação aos Turistas

#### 5.2.1.2.2 Instalações Sanitárias Públicas (Ver Imagem 115)

Devido às dimensões da praça da Independência e aos eventos que esta pode suportar, achou-se que seria adequada a construção de Instalações Sanitárias Públicas nesta área, de forma a responder minimamente às necessidades dos cidadãos. (ver folha 8 - peças desenhadas)

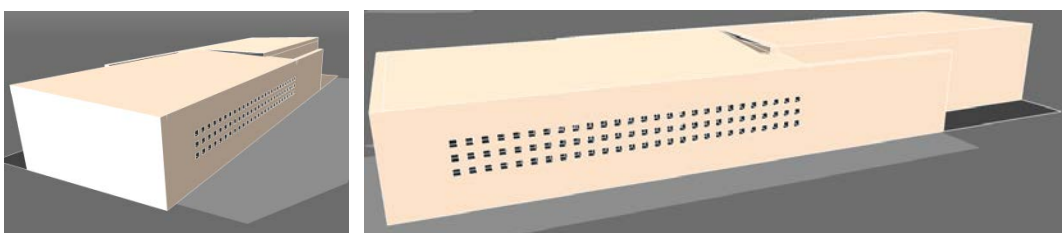


Imagem 115 - 3D das Instalações Sanitárias Públicas

5.2.1.2.3 “Cantina” – Café com esplanada (Ver Imagem 116)

Local de descontração, onde as pessoas podem socializar sentadas na esplanada, que tem uma grande pala a proteger do Sol, bebendo uma cuca e a comendo um petisco tradicional. (ver folha 7 - peças desenhadas)

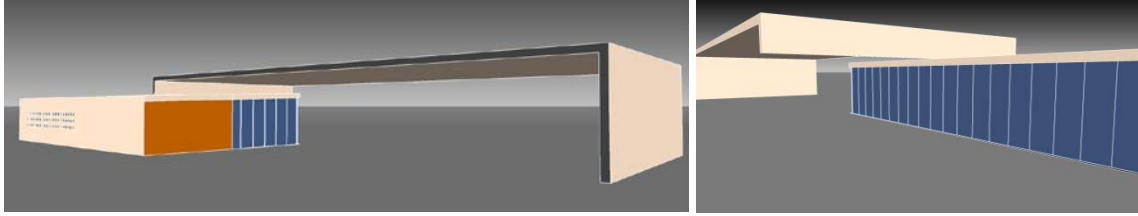


Imagem 116 - 3D da “Cantina” - Café com esplanada

5.2.1.2.4 “Casa” de manutenção (Ver Imagem 117)

Local onde são guardadas as ferramentas e materiais que são usados diariamente para manter a praça com uma boa imagem. (ver folha 8 - peças desenhadas)

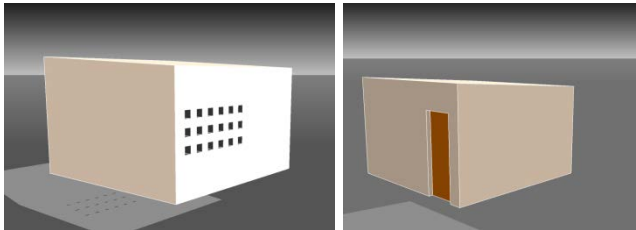


Imagem 117 - 3D da casa de Manutenção

5.2.1.2.5 Local de venda/exposição (Ver Imagem 118 e 119)

A praça da Independência é o local principal para a realização das festas da cidade, por essa razão abarca, principalmente nesses dias, uma feira que expõe e vende produtos de toda província. Desta forma, no seu planeamento, foi pensado um espaço, para que os representantes de cada município façam uma demonstração do que melhor os caracteriza.

A área de venda/exposição é composta por 4 blocos, onde cada um tem 40 metros de comprimento e 15 metros de largura, apresentando-se alinhados. Cada bloco está dividido em quatro compartimentos, visto existir 16 municípios

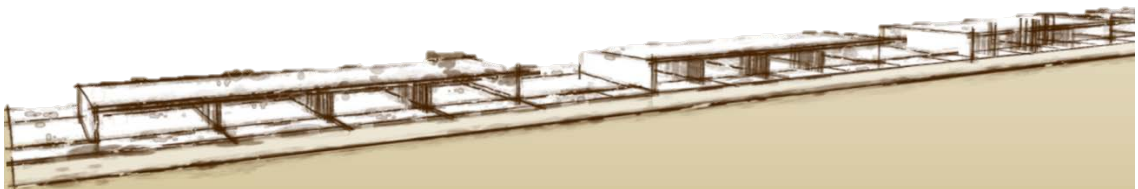


Imagem 118 - 3D do Local de venda/exposição



Imagem 119 - Esquícios do Local de venda/exposição

Seria uma construção aberta para o centro da praça, demarcada por um percurso único, que se caracteriza por ser de um material diferente do resto da envolvente, uma passerelle em bambu e elevada do chão 0,50 metros. Esta edificação foi pensada de forma a passar despercebida e camuflada, transmitindo a sensação de que é parte integrante da praça, mas que também é um ponto marcante no espaço. A construção teria como principal material o betão armado, visto que este se apresentaria como a pele do edificado, o elemento fixo.

As divisões interiores seriam compostas por um ripado em bambu, com mínimas frestas que deixavam a luz espreitar. Por essa razão, há uma maior flexibilidade do espaço, por se conseguir adaptar a outras necessidades e funções, por um lado organizado por compartimentos, ou por outro como uma única e ampla área. Na projecção destes blocos não são elaboradas mais do que as paredes divisórias, porque o objectivo, devido à função base, é que cada pessoa que se aproprie daquele espaço o transforme em algo único e diversificado.

O desenho deste edificado é caracterizado por linhas rectas, uma espécie de paralelepípedo, em que a fachada da frente é aberta, sem barreiras. (Ver Imagem 120)

A pele, como já foi referido, é em betão que misturado com uma pequena quantidade de terra fica com uma leve tonalidade que remete à identidade deste território. Usando mais uma vez a técnica do arquitecto Bartolomeu Costa Cabral na habitação em Beja.

Uma das fachadas laterais é erguida em adobe queimado, fazendo uma ligação com os bairros que existem na envolvente da praça. A fachada posterior tem a chamadas grelhagens, um conjunto de buracos no próprio betão, que lembram as construções coloniais da cidade consolidada. (Ver Imagem 121)

A cobertura é de uma única água, com a inclinação mínima, descendo do ponto mais alto para o mais baixo apenas 0,30 metros.

Neste conjunto procura-se criar uma harmonia com o uso da cor, dos materiais e com a própria forma, que simbolicamente se relaciona e liga com as características gerais de Uíge. (ver folha 6 - peças desenhadas)

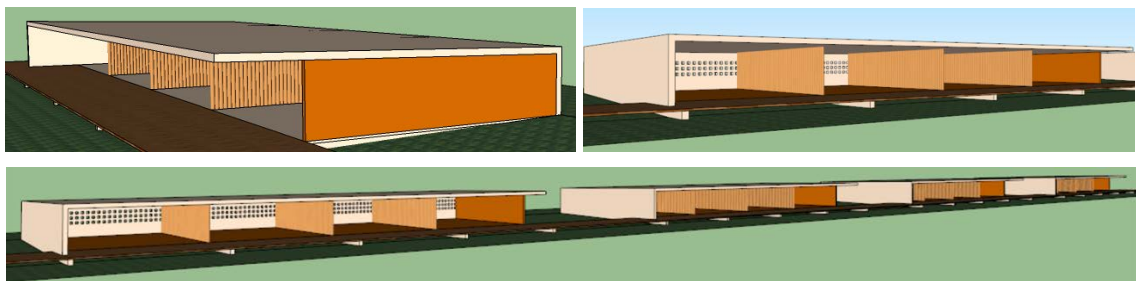


Imagem 120 - 3D do local de Venda/Exposição

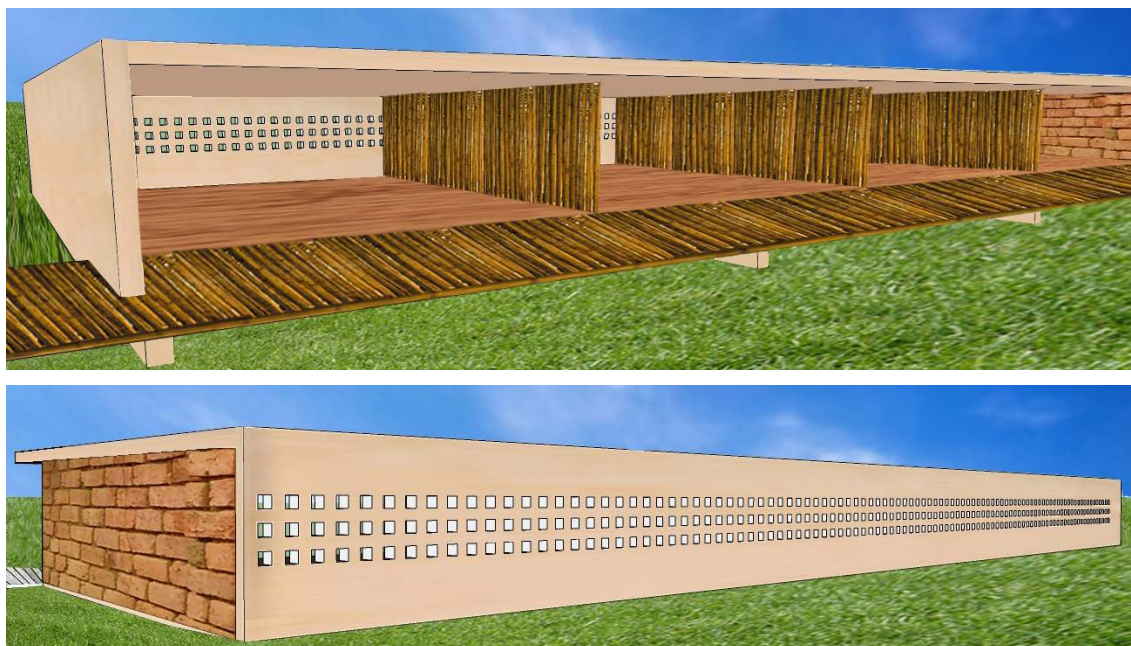


Imagem 121 - Imagem de local de Venda/exposição com aplicação de materiais

#### 5.2.1.3 O uso da água

No alinhamento do local de venda/ exposição há um espaço reservado para a implantação de espelhos de água (Ver Imagem 111), de forma a reflectir o que existe à volta. Mas mais do que isso, pelo facto do embondeiro ser um óptimo armazenador de água, elemento vital para a vida. (ver folha 5 - peças desenhadas)

#### 5.2.1.4 Arborização

Numa zona central da praça são colocados dois embondeiros, para assim salientar e marcar o espaço, procurando também o respeito por parte de quem o visita. O embondeiro é uma árvore que chega aos 30 metros de altura e tem um tronco com um diâmetro que pode atingir os 11 metros. (ver folha 5 - peças desenhadas)

O processo de arborização teve como base o diâmetro das copas das árvores mais usadas nos espaços públicos em Portugal.

O diâmetro considerado para as copas está compreendido entre os 5 e os 30 metros, sendo que a altura dessas árvores ronda dos 3 aos 30 metros. Considera-se pertinente aprofundar em trabalhos futuros o processo de escolha das espécies de árvores a colocar no local. Acredita-se que deve haver um estudo e análise aprofundado para optar pelas escolhas mais acertadas. Há no entanto, a consciência, de que se pretende a existência de diversidade, com vários tipos de árvores e vegetação rasteira.

A implantação das árvores procura criar um espaço calmo, onde se possa respirar natureza dentro da cidade, pretende-se produzir áreas de sombra e descanso.

Haverá locais mais densos, que chamam à meditação, havendo entre estes, áreas abertas, fazendo alusão às clareiras, onde o Sol espreita sorrindo, dando vida aos espaços cobertos pela sombra das árvores (Ver Imagem 122).



Imagem 122 - Esquiços de caminhos arborizados

#### 5.2.1.5 Parque Infantil

Em Uíge, tal como em todo o País, a taxa de natalidade é muito elevada, portanto foi pensado um espaço, embora não muito grande, para o entretenimento das crianças. Tem pavimento em areia e um pequeno muro, com o mesmo material do muro delimitador da praça, de 50 centímetros de altura a circunscrever essa área. Aí poderão ser inseridos equipamentos como o baloiço, o escorrega ou outro característico de Angola. Este espaço localiza-se na parte mais plana e baixa da praça. (ver folha 5 - peças desenhadas)

#### 5.2.1.6 Anfiteatro

No conjunto que forma a Praça da Independência, inclui-se a proposta para um Anfiteatro ao ar livre (Ver Imagem 123), isto porque a cidade de Uíge, tal como acontece em todo o País Angolano, vive muito da festa, da dança, do espectáculo. Portanto este seria um espaço para a demonstração de alguns talentos, para a animação da urbe. Um local que por um lado se apresenta como informal mas por outro formal, porque apesar de fazer parte do espaço público encerra em si uma função muito própria, a ocorrência de eventos.

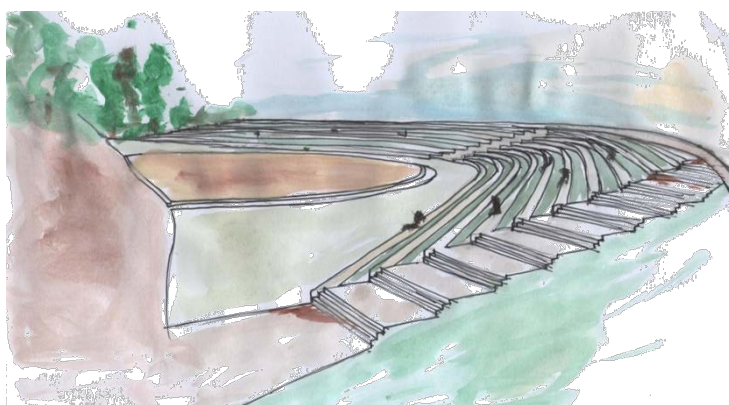


Imagem 123 - Esquiço da ideia para o Anfiteatro

Para a formação desta área é aproveitada a inclinação natural do terreno, por essa razão situa-se na zona mais alta da praça. As “bancadas” são criadas através do aproveitamento da inclinação natural do terreno, seguindo a forma da linha que delimita a

praça, sendo que cada degrau tem uma linha de pedra para as pessoas se poderem sentar. O restante espaço do degrau é ajardinado com algo semelhante à relva. (ver folha 9 - peças desenhadas)

A zona de apresentação do espectáculo é marcada apenas por estar um pouco elevada do chão, com o pavimento da mesma pedra dos degraus que compõem a bancada.

Em síntese, cria-se um local que chama para o convívio e para a relação entre a população mesmo quando aí não existe qualquer espectáculo. É para ser usado pelos cidadãos em qualquer momento, para incentivar a animação espontânea (Ver Imagem 124).

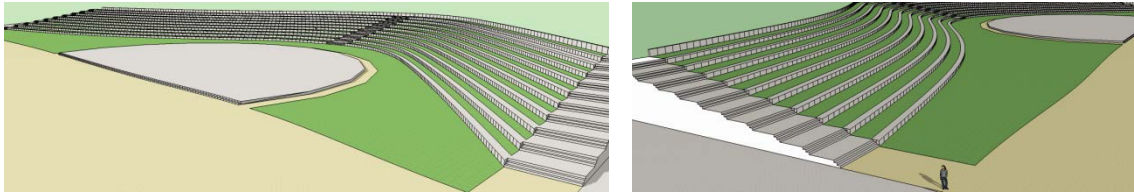


Imagem 124 - 3D do espaço do Anfiteatro

#### 5.2.1.7 Ruas adjacentes

Tendo em consideração os padrões apresentados por Neufert<sup>88</sup> (Ver Imagem 125) o perfil fundamental dos arruamentos é o seguinte:

- Largura faixa de Estacionamento: 2,5 metros a 3 metros
- Largura faixa de Rodagem: 3,00 metros a 3,50 metros

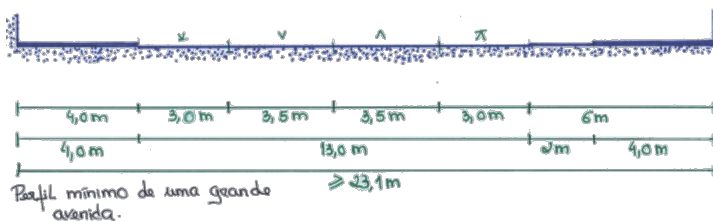


Imagem 125 - Perfil mínimo de uma grande avenida

Assim, a proposta de perfil para as ruas adjacentes (ver folha 5 e 9 - peças desenhadas) é composta por:

Passeio - 4 metros de largura

Faixa verde - 2 metros de largura

Via de circulação rodoviária - 7 metros de largura (duas faixas de rodagem de sentido único)

Repetindo o passeio e a faixa verde para o lado oposto da via. No total a via pública terá 19 metros de largura. (Ver Imagem 126)

Para a realização desta proposta, que sugere o alargamento da via pública, foi necessário recorrer à apropriação de terreno que até então não tinha nenhuma função.).



Imagem 126 - Esquiço de Rua Adjacente à praça da Independência

Pretende-se que os passeios sejam amplos, de 4 metros de largura, para desta forma, como já foi referido, serem uma continuidade da praça e para se tornarem num corredor onde o transeunte não só circula como também convive, pára e conversa. (Ver Imagem 127)

Neste projecto não se achou necessária a criação de uma ciclovia devido aos hábitos locais.

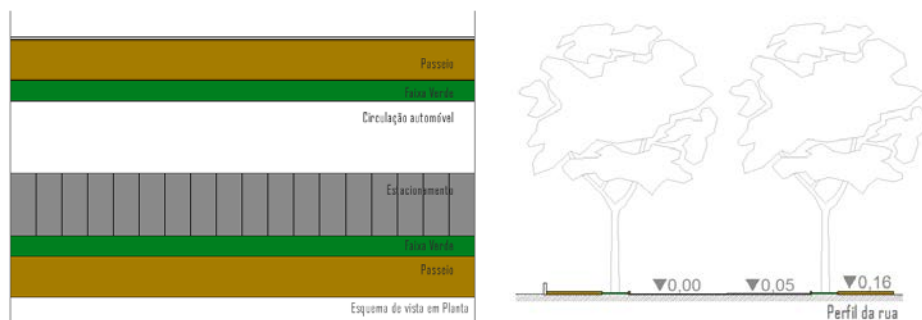


Imagem 127 - Rua em planta e perfil

De forma a criar fluidez no trânsito, pretende-se que a praça da independência, a nível de circulação rodoviária, seja uma espécie de rotunda gigante. Portanto as ruas adjacentes teriam duas faixas de rodagem, mas seriam de sentido único, excepto na avenida principal de acesso à cidade e ao eixo de centralidade (Ver Imagem 128).

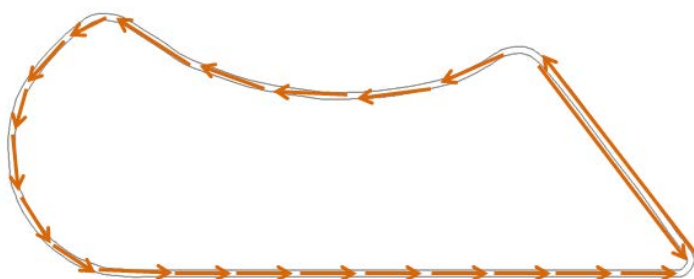


Imagem 128- Esquema explicativo do sentido das faixas de Rodagem

A passagem para peões (“passadeiras”) não é um elemento muito usual em Uíge, logo também não é visto, à partida, como algo a respeitar. Mas mesmo assim colocaram-se alguns pontos onde se propõe essas passagens. (Ver Imagem 111 ou ver folha 5 - peças desenhadas)

Como alusão às cidades jardim e à demarcação das vias, todo o correr da praça será envolvido por uma faixa verde que separa a circulação dos peões da circulação automóvel. Esta apenas é quebrada nos pontos de acesso à faixa de rodagem, permitindo a passagem do indivíduo para o lado oposto.

A faixa verde é composta por vegetação, que em alguns momentos pode ser densa, e por árvores, neste caso, palmeiras, elemento muito usado nas ruas da cidade de Uíge.

Na implantação das árvores deve ter-se em conta que:

- A distância entre o centro da árvore e a faixa de rodagem deve ser no mínimo de 1,15 metros.
- A distância entre o centro da árvore e as fachadas de edifícios deve ser no mínimo de 5,50 metros.

Quanto aos pavimentos propõe-se o seguinte:

- Ruas (vias): Asfaltadas, por serem ruas com algum movimento que dão acesso a ruas de entrada/saída da cidade, logo também recebem veículos mais pesados.
- Passeios: Com a mesma pedra e técnica dos percursos da Praça da Independência, para assim dar a ideia de continuidade.

#### 5.2.1.8 Estacionamentos

No que se refere aos estacionamentos nas ruas deve ter-se em conta o seguinte:

- Os carros estacionados não devem dificultar a visibilidade nas esquinas, devendo ficar por isso a uma distância mínima de seis metros.
- Deve-se ter como base um lugar para cinco ou oito carros matriculados na cidade.
- Entre a faixa de estacionamento e a de circulação deve criar-se um ressalto de protecção com pavimento diferente e com cinquenta centímetros de largura.

No caso de um estacionamento transversal a faixa tem as seguintes características:

- Faz um ângulo de 90° com o eixo da rua
- A largura é no mínimo 5,50 metros
- A área por lugar é 13 metros quadrados
- Em cada 100 metros podem ser estacionados 43 carros.

Os estacionamentos (ver Imagem 111 ou folha 5 - peças desenhadas) estarão localizados na rua mais a norte, a que faz fronteira com os bairros tradicionais, por haver maior possibilidade de alargar o espaço público e existir maior facilidade na sua implantação sem impedir o bom funcionamento do trânsito.

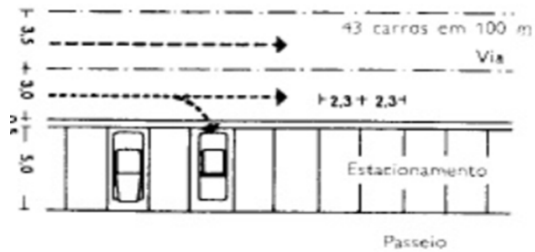


Imagem 129 - Estacionamento Transversal

Optou-se por um estacionamento do tipo transversal para desta forma se conseguir um maior número de lugares no espaço que se limitou (Ver Imagem 129).



Imagem 130 - Pavimento Permeável

Pretende-se que o pavimento dos lugares de estacionamento seja permeável, visto que Uíge é uma cidade que tem um nível considerável de precipitação, para assim facilitar o escoamento da água (Ver Imagem 130).

#### 5.2.1.9 Iluminação Pública

A iluminação pública, dentro da praça, também é um elemento presente, através do poste e dos focos no chão. Neste projecto, na planta de implantação, já se sugere a localização de alguma da iluminação através do "poste", principalmente no percurso central e perto dos edificadoss, embora seja apenas um esboço. Visto que este é um elemento que obrigaria a um projecto próprio, para haver um resultado rigoroso e adequado, por ser uma área grande e irregular. (ver folha 5 - peças desenhadas)

O mesmo se poderá referir para a iluminação pública nas ruas adjacentes, embora nestas, já se reconheça algumas regras como:

- A implantação dos postes segue o alinhamento da via pública
- A distância entre os postes da luz e a faixa de rodagem deve ser 0,70 metros.
- A altura dos postes deve ser entre 7,5 E 9 metros, por serem ruas com tráfego automóvel.
- A distância entre cada poste não deve ultrapassar os 40 metros. Neste caso optou-se por uma implantação de 25 em 25 metros.

Na procura de um exemplo concreto para a iluminação pública encontrou-se a seguinte luminária, que pelas suas características e *design* parece ajustar-se ao contexto. (Ver Imagem 131)



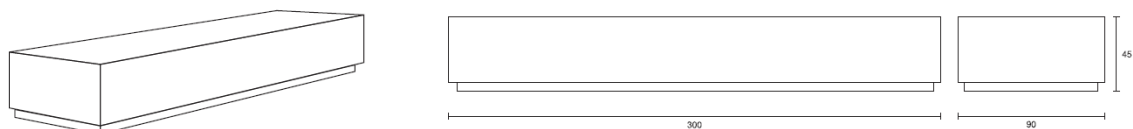
Imagem 131 - Luminária PIANO - Iluminação Pública

A rede de iluminação pública em Uíge ainda está limitada à cidade, mesmo assim, tal como acontece em todo o País, tem grandes falhas. Portanto não parece necessário subcarregar esta área com um grande número de luminárias quando toda a envolvente, durante a noite, se encontra no escuro. Visto esse facto o melhor será haver um equilíbrio que não deixe esta zonas às escuras mas que também não crie um desequilíbrio, um grande contraste.

#### 5.2.1.10 Mobiliário urbano

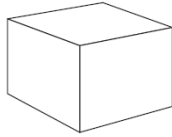
Os bancos públicos (Ver Imagem 132 e 133), espalhados por toda a área da praça serão em betão armado para assim terem uma maior durabilidade, devido à natureza climática do local, tendo a mesma tonalidade usada na construção do local de venda/exposição. O mesmo acontece para os caixotes de lixo (Ver Imagem 134) e fontes (local para beber água) (Ver Imagem 135).

Na colecção do "SIT URBAN"<sup>89</sup> foram encontrados os modelos que vão ao encontro do que a proposta pretendia, havendo apenas a necessidade de adaptar a cor para a acima referida. (ver folha 5 - peças desenhadas)



ref. 111 - BOX  
BANCO . BENCH . 960Kg.  
(betão  
concrete)

Imagem 132 - Banco para espaço urbano



ref. **109 - CUBO**  
BANCO INDIVIDUAL . INDIVIDUAL *BENCH* . 190Kg.  
(betão  
*concrete*)

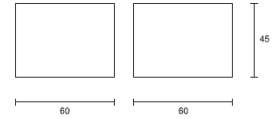
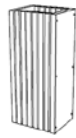


Imagem 133 - Banco individual para espaço urbano



ref. **504**  
PAPELEIRA . 120Kg.  
(hormigón reforzado con fibra de vidrio)

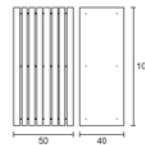
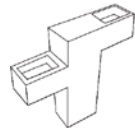


Imagem 134 - Caixa do lixo para espaço urbano



ref. **546**  
FUENTE . 300Kg.  
(hormigón)



Imagem 135 - Fonte para espaço urbano

Este tipo de equipamento foi implantado, um pouco por toda a praça, em locais estratégicos para um maior convívio e conforto dos utentes. Colocou-se, por exemplo, bancos e fontes perto de espaços que exigiriam maior actividade ou espera, para assim oferecer ao indivíduo um momento de descanso, sentado numa sombra.

Dada a dimensão da praça, o número de bancos e caixotes do lixo inseridos na proposta serão reduzidos para as necessidades. Mas não se quis entrar no exagero, visto que se fala de uma população pouco habituada a este tipo de mobiliário. Em que o contacto com a terra e com a natureza é muito valorizado.

No planeamento do espaço público, à partida pensa-se sempre no todo, mas a colocação destes elementos pertence a uma fase posterior. Portanto, defende-se que o melhor seria, numa fase avançada do projecto, percorrer o local e vivê-lo para descobrir as suas reais necessidades.

Nos passeios das ruas adjacentes foram inseridos alguns bancos no seu decorrer, no lado oposto à praça, por serem ruas bastante longas, para assim criar momentos de descanso para o transeunte, que lhe permitem Olhar a praça e toda a sua dinâmica de “fora”.

Como já foi referida nesta dissertação, o lixo no espaço público é um problema, por essa razão foram inseridos vários caixotes do lixo no percorrer das ruas que envolvem a praça.

Foi feita uma maquete do terreno do Parque da Independência e da sua envolvente mais próxima, para inserir a proposta para essa área. Foi feita à escala 1:1000, onde a altura entre cada curva de nível é um metro (Ver Imagem 136).

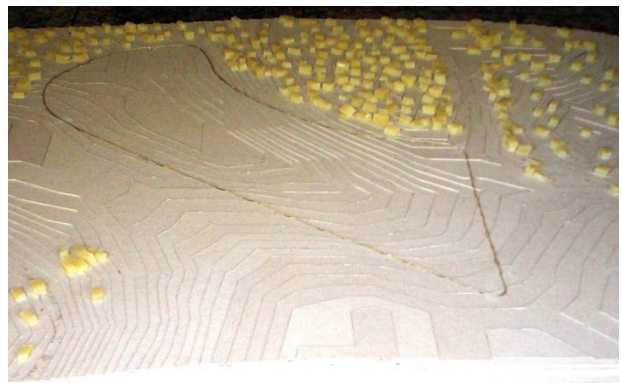
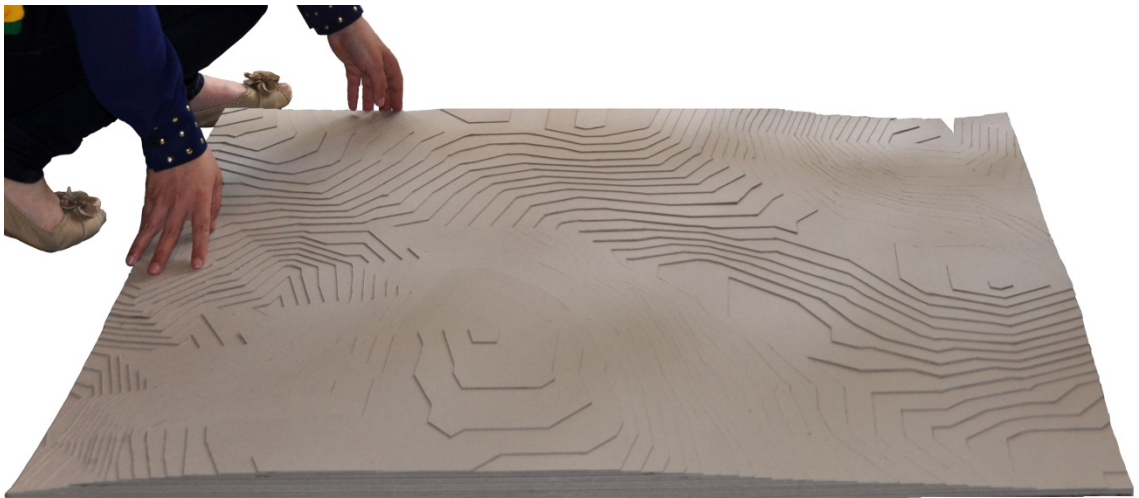
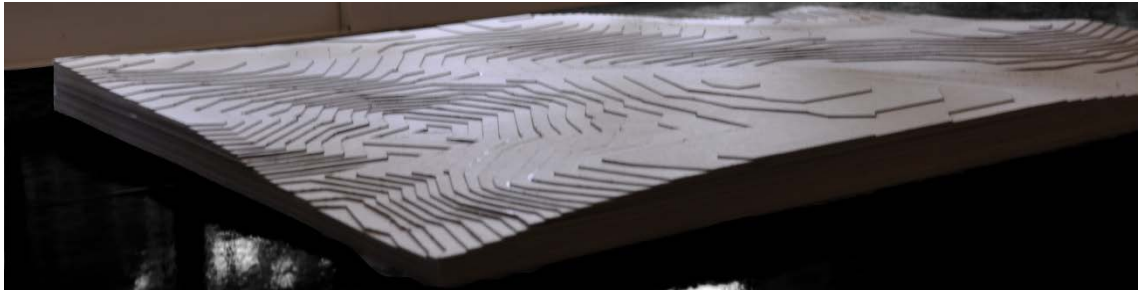


Imagem 136 - Fotos da construção da Maquete: Projecto para a praça da Independência

### 5.2.2 Eixo de Centralidade

A cidade de Uíge tem vários elementos que fazem a diferença, que estimulam e não deixam que esta seja monótona. As suas escalas, cores, texturas e formas tornam-na única.

A rua, a que se chama eixo de centralidade, é um exemplo desses contrastes, da diversidade de elementos. É um eixo que dá acesso directo ao núcleo, à origem da urbe, à Praça do Governo Provincial. (Ver Imagem 137)

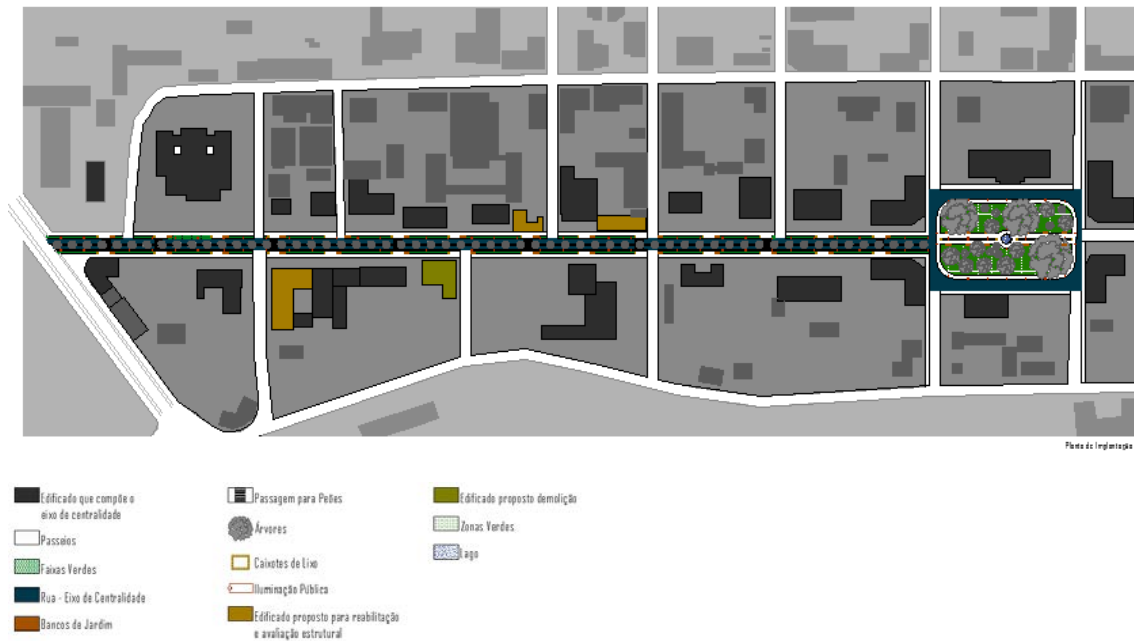


Imagem 137 - Proposta para o Eixo de Centralidade e Praça do Governo Provincial

#### 5.2.2.1 Propostas para Edificado

Como se verificou anteriormente, praticamente todo o edificado, do eixo de centralidade, já teve recentemente algum tipo de intervenção por parte das entidades públicas. Mas o espaço que por sinal é em edifícios de habitação colectiva em altura, não foi alvo de qualquer obra. Verificando o estado de conservação dos edifícios: “Congo Agrícola”, FELIMA e o Imbondeiro (maior prédio de Uíge), (Ver Imagem 138) conclui-se que a proposta não pode passar apenas pela reabilitação da pele, da aparência. É necessário uma proposta de avaliação estrutural dos edifícios, visto que estes sofreram grandes impactos com a guerra e se encontram até em risco de derrocada, logo, os seus habitantes vivem num perigo constante.



Imagem 138 - Edifício de Habitação do Eixo de Centralidade: Respectivamente “Congo Agrícola”; FELIMA; Imbondeiro

No que respeita à aparência, nota-se que numa tentativa de melhorar o que existe, os habitantes, recorrem muitas vezes à pintura das fachadas, mas isso apenas camufla os problemas e cria grandes contrastes e variedades de cores no mesmo edifício, o que o descaracteriza, dando-lhe uma imagem que fica muita aquém da sua origem. Dessa forma, propõe-se que o mesmo edificado tenha uniformidade e harmonia na sua cor. Esta é uma intervenção para a fase final de um projecto de reabilitação do edificado, que está para além dos objectivos desta dissertação. Antes disso existem questões muito mais significativas que precisam de solução, como seja, a segurança dos edifícios como já foi referido. Estes edifícios apresentam-se estruturalmente debilitados e facilmente são afectados pelas obras que são desenvolvidas nas suas proximidades. Por isso é necessária uma intervenção atempada e objectiva, de forma a evitar problemas catastróficos para o ser Humano. Portanto, propõe-se um projecto de reabilitação para os edifícios, que envolva a concepção, verificação e pormenorização de um conjunto de alterações a serem introduzidas nas construções, para corrigir as insuficiências que estas apresentam. Um projecto desta envergadura envolve uma elevada especificidade, multidisciplinaridade e adequada consciencialização dos diversos profissionais envolvidos, por ser algo bastante complexo. Um trabalho deste tipo exige várias fases, visto que é necessário registar as origens, os sintomas e a natureza dos problemas. Deve-se recorrer à análise da construção, examinando: as paredes resistentes, os pavimentos, a cobertura, as escadas, as fundações e todos os outros elementos construtivos. Aí é feito um levantamento das anomalias da construção, onde se deve ter em conta: a fissuração, os assentamentos diferenciais, as manchas de humidade, a degradação e destacamento dos materiais de revestimento, a presença de fungos, as deformações excessivas dos vários elementos de construção, as empenas dos elementos estruturais, as zonas com delaminação do betão devido à corrosão das armaduras, entre muitas outras coisas. Para então criar um diagnóstico. Em seguida procurar-se-á estratégias de intervenção, seguidas da elaboração de um projecto de execução, para assim obter os melhores resultados possíveis. Em síntese, exige-se a reparação e o reforço dos edifícios, para que logo os seus moradores possam viver em melhores condições de habitabilidade e segurança.

#### 5.2.2.2 Proposta para a Rua



Imagem 139 - Rua Dr. Agostinho Neto

A intervenção sugerida para o Eixo de Centralidade, foca-se principalmente na reestruturação da rua (Ver Imagem 139). Para definir a largura da rua usou-se como referência os limites dos edifícios que se encontram mais avançados em ambos os lados. Assim obtêm-se um espaço público com 17,37 metros de largura, que inclui as faixas de rodagem para automóveis, os passeios e as faixas verdes.

Portanto a composição da rua (ver folha 15 e 16 - peças desenhadas) é a seguinte:

- Passeio: 3 metros de largura
- Faixa verde: 2 metros de largura
- Faixa de circulação automóvel: 3 metros de largura
- Faixa verde central: 1,37 metros de largura
- Faixa de circulação automóvel: 3 metros de largura
- Faixa verde: 2 metros de largura
- Passeio: 3 metros de largura

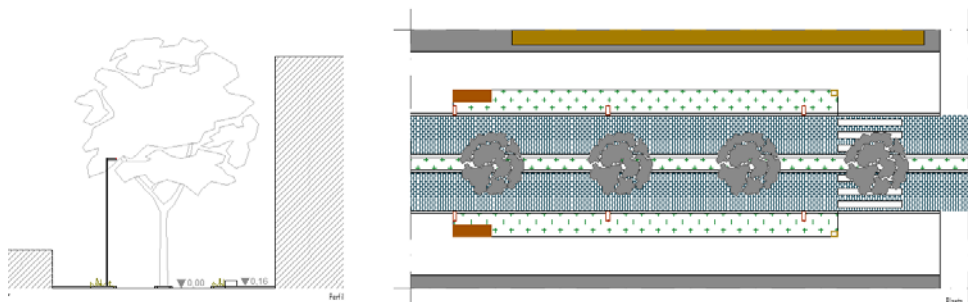


Imagem 140 - Perfil e parte da planta do eixo de centralidade

Pretende-se diminuir a circulação rodoviária neste eixo, fazendo com que este seja mais fluido, onde o automóvel seja um elemento secundário, para assim valorizar a circulação pedonal e dar uma imagem diferente à rua. Para tal, foi criada uma faixa verde central, que divide as duas faixas de rodagem de sentidos opostos. Esta é contínua no percorrer de todo o eixo, para assim evitar a passagem confusa entre as ruas que lhe são perpendiculares. Esta faixa central tem um corredor de palmeiras, as já usadas em alguns pontos deste projecto.

As faixas verdes que separam o trânsito automóvel da circulação pedonal terão vegetação, em alguns pontos mais densa.

Para além da organização da rua, também foram implantados alguns elementos: a iluminação pública, os bancos e os caixotes de lixo, para que este espaço não seja apenas de circulação mas também de paragem e encontro. Este mobiliário seria igual ao usado para a praça da independência, com o objectivo de criar unidade.

Também foram produzidos alguns pontos de passagem para peões (as chamadas “passadeiras”), para assim estimular a criação de hábitos no que respeita à relação entre condutor e peão. (Ver Imagem 140)

### 5.2.2.3 Pavimento da Rua

No momento, o pavimento da rua é asfalto, mas neste projecto sugere-se que a nova via seja revestida com os chamados “Paralelos”, ou material semelhante, para desta forma se distinguir de todas as outras ruas.

#### 5.2.2.4 Pavimento dos Passeios

Neste trabalho propõe-se que o material usado para o pavimento dos passeios do eixo de centralidade seja o mesmo dos percursos e passeios da Praça da Independência. Pretende-se desta forma dar continuidade, harmonia e centralidade a esta área, para dar a ideia de um todo.

#### 5.2.2.5 Estacionamento Público

Há como objectivo criar um eixo de centralidade, um corredor, com uma qualidade e imagem diferente do resto da urbe. Por essa razão e porque a largura da via também não o permite na totalidade, decidiu-se que esta rua não terá lugares de estacionamento público. Será apenas uma via de passagem para os automóveis, para desta forma valorizar os percursos pedonais (passeios). É verdade que é uma rua extensa, com cerca de 600 metros de comprimento, que tem edifícios com as mais variadas funções, mas o volume automóvel da cidade é perfeitamente suportado pelas suas perpendiculares e envolvente mais próxima.

#### 5.2.2.6 Tratamento dos espaços vazios

É perceptível na planta de implantação que o eixo de centralidade não é composto por um alinhamento contínuo de edifícios. O local de implantação de uns está mais avançado que outros em relação ao eixo da rua, havendo entre eles muitos espaços vazios. Trata-se de terrenos sem construção e sem qualquer função. Espaços que normalmente pertencem aos edifícios mais próximos. Alguns destes vazios, localizados no interior dos quarteirões, nem são de todo visíveis, visto que muitas vezes há muros a delimitá-los, nem que sejam apenas de chapa. Aí propõe-se a retirada desses elementos divisórios e a limpeza do terreno, desde um jardim à simples colocação de um pavimento (evitando a terra batida que incita ao depósito de lixo).

#### 5.2.2.7 Praça do Governo Provincial

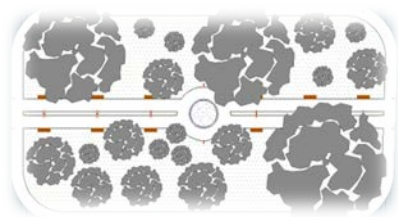


Imagem 141 - Planta Praça do Governo Provincial

Nesta proposta, a intervenção na praça do Governo Provincial será muito reduzida, porque as suas condições actuais são muito razoáveis. O conceito de um percurso central mantém-se, com um lago no meio, assim como o correr de bancos de jardim para o descanso e convívio das pessoas que por lá passam. É para preservar e manter a vegetação existente, principalmente as árvores. A alteração mais evidente está na mudança dos pavimentos dos percursos e passeio que circundam a praça, estes serão do mesmo material usado para a praça da independência. Assim haverá uma linha condutora que liga e conduz o transeunte de um espaço para o outro. A praça do Governo Provincial funciona, mesmo na actualidade, como uma rotunda, portanto existirá apenas uma faixa de rodagem e num único sentido. O pavimento, nesta área ainda é o mesmo do eixo de centralidade. (Ver Imagem 141 ou folha 15 - peças desenhadas)

## CAPÍTULO VI

### Conclusões

---

*“Existe uma arte da paisagem  
construída.”*

*Gordon Cullen  
2009 p.195*

---





## CAPÍTULO VI - Conclusões

No Capítulo II, ao estudar e compilar a história, cultura e realidade do povo de Angola, compreendeu-se que há uma grande riqueza neste povo, não só no seu território mas também naquilo que são como Seres Humanos, com particularidades únicas.

Com a elaboração do Capítulo III percebeu-se que a arquitectura e urbanismo colonial, em particular o de Angola, apresentam uma identidade única, que apesar de ter vivido o mesmo regime do Território Lusitano conseguiu inserir mais facilmente o movimento moderno na criação das suas cidades. Apesar de todas as limitações, foram planeadas e desenvolvidas de raiz grandes urbes, tendo em conta o “sítio”, levando à adaptação aos trópicos e à cultura de cada local.

É verdade que o grande período de guerra, em Angola, levou à destruição de uma grande parte do edificado, à expansão das cidades de forma desorganizada e precária e à degradação do espaço público devido à falta de obras de manutenção e limpeza. Mas também é um facto que a estrutura, a base dos planos de urbanização e algum património edificado, ainda se mantém, tornando o estudo destas cidades uma matéria muito interessante, que leva à descoberta não só das problemáticas mas também das grandes potencialidades de cada espaço. Desta forma, no Capítulo IV, ao analisar a cidade de Uíge, encontrou-se uma realidade muito diversificada e interessante, que desafia o profissional de arquitectura e urbanismo a intervir nesta cidade. Na procura de melhorar a sua imagem, valorizar o legado histórico que lá existe e em simultâneo dar respostas às necessidades da população actual.

No Capítulo V, objectivou-se a elaboração de uma proposta de reabilitação urbana criando um eixo de centralidade e um projecto de arquitectura para a praça da Independência, criando espaços para o convívio e lazer dos cidadãos que vivem naquele território.

O estudo e análise arquitectónica e urbana das cidades de Angola, em geral, e de Uíge em particular, contribuiu para aprofundar aprendizagens, abrir horizontes e adquirir uma maior sensibilidade no que respeita à arquitectura e à morfologia urbana e como estas são tão importantes na vivência do ser Humano.

Procurou-se produzir um trabalho que possa vir a ser útil e que de alguma forma possa dar algum contributo para o desenvolvimento e requalificação da cidade de Uíge, em particular do espaço compreendido entre a praça da Independência e a praça do Governo Provincial. A proposta urbanística visou também contribuir para colmatar o aspecto inacabado da cidade.

Espera-se que no futuro haja a possibilidade de estudar e analisar com maior rigor a cidade de Uíge, a sua arquitectura, o seu urbanismo, as suas potencialidades e problemáticas. Há o desejo de se conseguir uma oportunidade para poder aprofundar e melhorar o projecto/proposta aqui desenvolvido, para quem sabe, dar uma nova imagem mais qualificada a Uíge.



**BIBLIOGRAFIA**

**ANEXOS**





## Bibliografia

### Bibliografia Documental:

1. ALMEIDA, Fabiana: *Diário de Bordo - Missão Voluntariado Passionista - Angola 2012*. Não publicado, de âmbito privado; Uíge; 2012.
2. BAPTISTA, Luís Santiago: *Contrastes Africanos*. In "arqa103" arquitectura e arte; Lisboa; Setembro | Outubro 2012.
3. BETTENCOURT, Sandro: *As mais belas cidades de Angola*. Zebra Publicações; Lisboa; Novembro 2011
4. CULLEN, Gordon: *Paisagem Urbana (1971)*. Edições 70, LDA; Lisboa; Abril de 2009.
5. FERNANDES, José Manuel: *Arquitectura e Urbanismo na Africa Portuguesa*. Caleidoscópio; Casal de Cambra; 2005.
6. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia: *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade (3ª edição)*. Fundação Calouste Gulbenkian; Porto; Junho 2004.
7. LYNCH, Kevin: *A Imagem da Cidade (1960)*. Edições 70, LDA.; Lisboa; Janeiro de 2011.
8. NEUFERT, Ernst: *Arte de Projectar em Arquitectura(1936) (13ª edição)*. Editorial Gustavo Gili, S.A.; 1998.
9. PINHEIRA, Jean Charles; PINHEIRA, Marie Christine; BETTENCOURT, Sandro: *Em Paz por Terras de Angola*. Zebra Publicações; Lisboa; Novembro 2010.
10. PRINZ, Dieter: *Urbanismo I - Configuração Urbana (1980)*: Editorial Presença; Lisboa; 1984.
11. PRINZ, Dieter: *Urbanismo II - Configuração Urbana (1980)*: Editorial Presença; Lisboa; 1984.
12. PRODEC, Projectos e decorações: *Memória Descritiva e desenhos técnicos do Projecto de imóvel do Colégio Externo e Interno das Irmãs do Instituto Missionário Amor de Deus*. Não publicado, de âmbito Privado; Carmona; 1970.

13. RAEYMAEKER, De Joost: *À descoberta de Angola*. Oficina do Livro; Alfragide; Novembro 2012
14. RODRIGUES, Jacinto: *Sociedade e território, desenvolvimento ecologicamente sustentado*. Profedições, Lda./Jornal a Página; Porto; Março 2006.
15. ROSSI, Aldo: *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos; Lisboa; Fevereiro de 2001.
16. UÍGE, Governo do Distrito: *O distrito do Uíge - Elementos de Informação*. Composto e Impresso na Actualidade Editora Lda.; Luanda; 1972.
17. ULTRAMAR, Ministério: *Carta de Angola - levantamento Aerofotogramétrico, Carmona nº 59 (ano 1967)*. Instituto Geográfico do Exército; Lisboa.

#### Bibliografia com recurso à Internet

18. *Antiga cidade de Carmona-Angola*

In: <http://anthony10.no.comunidades.net/index.php?pagina=1115915869> (consultado em 22-08-2013)

19. *Archiproducts - Mobiliário Urbano*

In: <http://www.archiproducts.com/pt/a117481/mobiliario-urbano-e-espacos-publicos-mobiliario-urbano-sit-urban-design-c722-p2.html>

20. *Arquitectura de Terra*

In: [http://www.arq.ufsc.br/arq5661/trabalhos\\_2004-1/arq\\_terra/adobe.htm](http://www.arq.ufsc.br/arq5661/trabalhos_2004-1/arq_terra/adobe.htm) (consultado em 20-02-2013)

21. *Árvores de Portugal*

In: <http://www.arvoresdeportugal.net/2009/10/a-arvore-certa-para-o-local-adequado/> (consultado em 10-09-2013)

22. *BLOG, Angola Bela*

In: <http://www.angolabelazebelo.com/> (consultado em 09-08-2013)

23. *Como funcionam as construções com terra e adobe*

In: <http://ambiente.hsw.uol.com.br/adobe5.htm> (consultado em 30-07-2013)

24. DONATO, Lila: *Dissertação de Mestrado, A cidade Portuguesa nas Províncias Ultramarinas - Uma Análise Iconográfica Comparativa*. Brasília; Junho de 2009.

In: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4181> (consultado em 03-07-2013)

25. DOSSIER Novas Centralidade de Angola. Vidalmobiliária; 2ª edição.

In: <http://pt.scribd.com/doc/141131866/Centralidade-Via02-Dossier> (consultado em 14-06-2013)

26. Embassy of the Republic of Angola

In: [http://www.angola.or.jp/index.php/about\\_angola](http://www.angola.or.jp/index.php/about_angola) (consultado em 05-03-2013)

27. FONTE, Maria Manuela Afonso: *Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, "Urbanismo e Arquitectura Em Angola - de Norton de Matos à Revolução*. Universidade Técnica de Lisboa; 2007.

In: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2027> (consultado em 12-02-2013)

28. GOOGLE EARTH (30-07-2001); *Cidade de Uíge - Angola; consultado a 29-10-2012*

29. GULBENKIAN, Fundação Calouste: Património de Influência Portuguesa - *Angola (texto de José Manuel Fernandes)*

In: <http://www.hpip.org/Default/pt/Conteudos/Contextos/AfricaSubsaariana/Angola> (consultado em 20-08-2013)

30. HENRIQUES, Isabel Castro: *Território e Identidade - O Desmantelamento da Terra Africana e a Construção da Angola Colonial (c. 1872-c. 1926)*. Lisboa; 2003.

In: [http://www.africafederation.net/DESMANTELAMENTO\\_AFRICANO.pdf](http://www.africafederation.net/DESMANTELAMENTO_AFRICANO.pdf) (consultado em 02-08-2013)

31. Index Mundi - *Angola*

In: <http://www.indexmundi.com/pt/angola/> (consultado em 27-07-2013)

32. *Instituto Nacional de Estatística*

In: <http://www.ine-ao.com/> (consultado em 22-08-2013)

33. LOPES Carlos M.; RODRIGUES Cristina U.; SIMAS Gabriela: *A Caminho da Cidade: Migração interna, urbanização e saúde em Angola*. Observatório ACP das Migrações; 2013.

In: <http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Comunicacoes/acp1.pdf> (consultado em 12-04-2013)

34. *Mapas das Províncias Ultramarinas Portuguesas*

In: [http://www.ultramar.terraweb.biz/index\\_mapas\\_ultramar\\_angola.htm](http://www.ultramar.terraweb.biz/index_mapas_ultramar_angola.htm) (consultado em 18-02-2013)

35. MATOS, Madalena C; RAMOS, Tânia L. B.: *Amenizar os trópicos: Desenhando cidades-jardim nas ex-colónias portuguesas*. 2008.  
 In: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1222/1197>  
 (consultado em 09-05-2013)
36. MENDES, Rui Paes: *XII Colóquio Ibérico de Geografia, A cidade Colonial do Estado Novo e a Estruturação do Território Ultramarino - Primeiras Abordagens*  
 In: <http://web.letras.up.pt/xiicig/comunicacoes/140.pdf> (consultado em 18-02-2013)
37. MILHEIRO, Ana Vaz; DIAS, Eduardo Costa: *Arquitetura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974)*. 2009  
 In: [http://www.usjt.br/arq.urb/numero\\_02/artigo\\_ana.pdf](http://www.usjt.br/arq.urb/numero_02/artigo_ana.pdf) (consultado em 04-02-2013)
38. Notícia do Expresso XL - *Angola: novas tecnologias aplicadas na construção casas de terra melhoram habitação- Especialistas*  
 In: <http://expresso.sapo.pt/angola-novas-tecnologias-aplicadas-na-construcao-casas-de-terra-melhoram-habitacao-especialistas=f323967#ixzz2aoUuusX5> (Consultado em 02-08-2013)
39. O Portal da construção, decoração e ambiente: *Internacional - Angola*. Principais diplomas legislativos de Angola relacionados com o sector da construção, urbanismos e imobiliário:  
 Concelho de Ministros  
 Ministério das obras Públicas  
 Ministério do urbanismo e do Ambiente  
 Ministério do urbanismo e Habitação  
 In: [http://www.oportaldaconstrucao.com/internacional\\_angola.php](http://www.oportaldaconstrucao.com/internacional_angola.php) (consultado em 02-08-2013)
40. PARDAL, Sidónio: *Parque da Cidade do Porto — Ideia e Paisagem*. Editado pela Câmara Municipal do Porto e pelo GAPTEC; 2006.  
 In: <http://www.sidonipardal.com/publicacoes.html> (Consultado em 04-09-2013)
41. PORTUGAL GLOBAL, aicep: *Mercados, informação global - Angola, Ficha de Mercado*. Julho de 2012  
 In: <http://www.gfn-acdd.com/angola/docs-angola/ficha-de-mercado-angola-pt> (consultado em 05-07-2013)
42. *República de Angola - Portal Oficial do Governo de Angola*

In: <http://www.governo.gov.ao/> (consultado em 22-04-2013)

43. REPÚBLICA DE ANGOLA: *Relatório de Progresso da Declaração Política sobre VIH/SIDA - UNGASS 2012*; Março de 2012.

In: [http://www.unaids.org/en/dataanalysis/knowyourresponse/countryprogressreports/2012countries/ce\\_AO\\_Narrative\\_Report%5B1%5D.pdf](http://www.unaids.org/en/dataanalysis/knowyourresponse/countryprogressreports/2012countries/ce_AO_Narrative_Report%5B1%5D.pdf) (consultado em 16-06-2013)

44. RODRIGUES, Jacinto: *O paradigma em transição, o mercado e o ensino da arquitectura e do urbanismo*. Nº 100; Ano 10; Março 2001; página 10.

In: <http://www.apagina.pt/> (consultado em 06-11-2012)

45. RODRIGUES, Jacinto: *Joseph Beuys - Um filósofo na arte e na cidade*. Nº 101; Ano 10; Abril 2001; página 12;

In: <http://www.apagina.pt/> (consultado em 06-11-2012)

46. RODRIGUES, Jacinto: *Repensar o território para intervir na mudança da cidade*. Nº 110; Ano 11; Março 2002; página 4;

In: <http://www.apagina.pt/> (consultado em 06-11-2012)

47. RODRIGUES, Jacinto: *Estrutura social e ecológica no parque da cidade*. Nº 112; Ano 11; Maio 2002; página 34;

In: <http://www.apagina.pt/> (consultado em 06-11-2012)

48. RODRIGUES, Jacinto: *Pensamento político e território*. Nº 120; Ano 12; Fevereiro 2003; página 8;

In: <http://www.apagina.pt/> (consultado em 06-11-2012)

49. RODRIGUES, Jacinto: *Um parque para uma cidade mais educativa e mais ecológica*. Nº 127; Ano 12; Outubro 2003; página 28;

In: <http://www.apagina.pt/> (consultado em 06-11-2012)

50. RODRIGUES, Jacinto: *Uma experiência pedagógica na cadeira da ecologia urbana*. Nº 138; Ano 13; Outubro 2004; página 28;

In: <http://www.apagina.pt/> (consultado em 06-11-2012)

51. RODRIGUES, Jacinto: *Pensar a ecologia em África não é utopia*. Nº 165; Ano 16; Março 2007; página 14;

In: <http://www.apagina.pt/> (consultado em 06-11-2012)



## Fontes das imagens

**Imagens 1;26; 57; 58; 65; 79; 83, 84; 85; 86; 87; 88; 92; 96** - Fotos Missão Grupo Voluntariado Passionista - Angola 2012

**Imagem 2** - Google Earth [acedido a 16-03-2013]

**Imagem 3** - <http://kantoximpi.blogspot.pt/2008/09/angola-neste-momento-de-clarificao.html> [acedido a 14-07-2013]

**Imagem 4 e 5** - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia\\_de\\_Angola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_de_Angola) [acedido a 14-07-2013]

**Imagem 6** - Atlas Geográfico, Edição 2009.

**Imagem 7** - <http://lobito-benguela.blogspot.pt/2012/11/municipio-do-chongoroi-terra-dos.html> [acedido a 10-06-2013]

**Imagem 8** - <http://www.menosfios.com/2013/02/angola-as-melhores-opcoes-nacionais-para-hospedar-o-seu-site/> [acedido a 10-06-2013]

**Imagem 9** - <http://www.ponto.altervista.org/Lugares/Bandiere/angolapt.html> [acedido a 12-08-2013]

**Imagem 10** - <http://www.prcasacivil.com/pt/insignia/index.html> [acedido a 12-08-2013]

**Imagem 11 e 12** - REPÚBLICA DE ANGOLA: *Relatório de Progresso da Declaração Política sobre VIH/SIDA - UNGASS 2012*; Março de 2012.

In:[http://www.unaids.org/en/dataanalysis/knowyourresponse/countryprogressreports/2012countries/ce\\_AO\\_Narrative\\_Report%5B1%5D.pdf](http://www.unaids.org/en/dataanalysis/knowyourresponse/countryprogressreports/2012countries/ce_AO_Narrative_Report%5B1%5D.pdf) [acedido a 16-06-2013]

**Imagem 13** - RAEYMAEKER, De Joost: *À descoberta de Angola*. Oficina do Livro; Alfragide; Novembro 2012

**Imagem 14** - <http://informacaolusonda.blogspot.pt/2013/03/presidente-angolano-acusado-de-sete.html> [acedido a 12-08-2013]

**Imagem 15 e 16** - <http://reviverestorias.blogspot.pt/2008/11/independncia-foi-h-33-anos-parte-i.html> [acedido a 12-08-2013]

Imagem 17 - <http://worldbyandre.blogspot.pt/2007/05/candongueiro.html> [acedido a 01-08-2013]

Imagem 18 - <http://www.jaimagens.com/index.php?action=detail&id=61676> [acedido a 01-08-2013]

Imagens 19; 20 e 23 - [http://www.welcometoangola.co.ao/\\_cultura](http://www.welcometoangola.co.ao/_cultura) [acedido a 01-08-2013]

Imagem 21 e 22 - <http://poesiangolana.blogspot.pt/2010/02/arte-angolana-tchokwe.html> [acedido a 01-08-2013]

Imagem 24 - <http://fotos.sapo.pt/viajarangola/fotos/?uid=GztUgSDYYzVnBprT3POk> [acedido a 04-08-2013]

Imagem 25 - <http://cookeearth.files.wordpress.com/2011/03/fungee.png> [acedido a 01-08-2013]

Imagem 27 - <http://www.behance.net/gallery/Portfolio-Fotografias-para-Cerveja-CUCA/4548561> [acedido a 04-08-2013]

Imagem 28 - <http://historiageografiadeportugal.blogspot.pt/> [acedido a 12-09-2013]

Imagem 29 e 30 - DONATO, Lila: *Dissertação de Mestrado, A cidade Portuguesa nas Províncias Ultramarinas - Uma Análise Iconográfica Comparativa*. Brasília; Junho de 2009.  
In: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4181> [acedido a 03-07-2013]

Imagem 31 e 32 - MATOS, Madalena C; RAMOS, Tânia L. B.: *Amenizar os trópicos: Desenhando cidades-jardim nas ex-colónias portuguesas*. 2008;  
In: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1222/1197> [acedido a 09-05-2013]

Imagem 33; 34; 35; 36; 37; 38; 39; 40; 41; 66; 67 - FONTE, Maria Manuela Afonso: *Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, "Urbanismo e Arquitectura Em Angola - de Norton de Matos à Revolução*. Universidade Técnica de Lisboa; 2007;  
In <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2027> [acedido a 12-02-2013]

Imagem 42 - <http://olhares.uol.com.br/kuito-bie-depois-da-guerra-foto3193685.html> [acedido a 24-08-2013]

Imagens 43; 45; 47; 49; 51; 53; 55 e 63; 74 - Vistas aéreas do Google Earth [acedido a 18-04-2013]

Imagens 44; 46; 48; 50; 52; 54; 56 - FONTE, Maria Manuela Afonso: *Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, "Urbanismo e Arquitectura Em Angola - de Norton de Matos à Revolução*. Universidade Técnica de Lisboa; 2007;

In <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2027> [acedido a 12-02-2013];

<http://www.skyscrapercity.com/forumdisplay.php?f=1491> [acedido a 23-08-2013].

Imagem 59 - <http://letrasdeafrica.blogspot.pt/2012/12/defesa-do-patrimonio-angolano-provincia.html> [acedido a 24-08-2013]

Imagem 60 - [http://s494.photobucket.com/user/rubellus\\_photos/media/musseque3.jpg.html](http://s494.photobucket.com/user/rubellus_photos/media/musseque3.jpg.html) [acedido a 20-08-2013];

Fotos Missão Grupo Voluntariado Passionista - Angola 2012 (Inclusive Fabiana Almeida)

Imagem 61 - <http://wikimapia.org/19079632/Zango> [acedido a 20-08-2013];

Imagem 62 - <http://belem400.blogspot.pt/2012/07/uma-cidade-fantasma-construida-pela.html>

<http://www.ao.vidaimobiliaria.com/content/sonip-retoma-entrega-de-casas-nas-centralidades-de-luanda> [acedidos a 26-08-2013]

Imagem 68 - ULTRAMAR, Ministério: *Carta de Angola - levantamento Aerofotogramétrico, Carmona nº 59 (ano 1967)*. Instituto Geográfico do Exército; Lisboa.

Imagens 69;70; 80; 97 - <https://www.facebook.com/pages/U%C3%ADgeCarmona/173070856054809> [acedido a 03-09-2013]

Imagem 71; 72 e 73 - UÍGE, Governo do Distrito: *O distrito do Uíge - Elementos de Informação*. Composto e Impresso na Actualidade Editora Lda.; Luanda; 1972.

Imagem 76 e 77 -[http://www.angola.gov.ao/bimagens/frmVer\\_Img.aspx?Codigo=327&Page=0](http://www.angola.gov.ao/bimagens/frmVer_Img.aspx?Codigo=327&Page=0) [acedido a 09-08-2013]

Imagem 78 - <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=103459583> [acedido a 18-04-2013]

Imagem 81 e 98 - *Angola Bela in:* <http://www.angolabelazebelo.com/category/fotos-do-uige/> [acedido a 24-07-2013];

<https://www.facebook.com/pages/U%C3%ADgeCarmona/173070856054809?fref=ts> [acedido a 27-07-2013]

Imagem 82 - [http://uigecentrico.blogspot.pt/2007\\_04\\_01\\_archive.html#8268315900071862848](http://uigecentrico.blogspot.pt/2007_04_01_archive.html#8268315900071862848) [acedido a 29-08-2013]

Imagem 89 e 90 - *Angola Bela in*: <http://www.angolabelazebelo.com/category/fotos-do-uige/> [acedido a 24-07-2013];  
<https://www.facebook.com/pages/U%C3%ADgeCarmona/173070856054809?fref=ts> [acedido a 27-07-2013];  
<https://www.facebook.com/pages/U%C3%ADgeCarmona/173070856054809> [acedido a 03-09-2013].

Imagem 91 - Informação cedida pelo cidadão de Uíge António Muinga

Imagem 93 e 94 - Vídeo Antiga Carmona, Cidade de Uíge - transformado em imagens por Fabiana Almeida [http://www.youtube.com/watch?v=ze\\_5cV4ZcWs&feature=relmfu](http://www.youtube.com/watch?v=ze_5cV4ZcWs&feature=relmfu) [acedido a 01-11-2012]

Imagens 99; 100; 101 e 102 - Google Earth Pro [acedido a 23-06-2013]

Imagem 109 - [http://www.odebrechtonline.com.br/blog/wpcontent/uploads/2010/12/005\\_abd.1010.embondeiro.jpg](http://www.odebrechtonline.com.br/blog/wpcontent/uploads/2010/12/005_abd.1010.embondeiro.jpg) [acedido a 23-08-2013]

Imagem 129 - Fabiana Almeida, baseando-se em: NEUFERT, Ernst: *Arte de Projectar em Arquitectura (13ª edição)*. Editorial Gustavo Gili, S.A.; 1998.

Imagem 130 - <http://ecodhome.wordpress.com/category/ecodhome/> [acedido a 20-09-2013]

Imagem 131 - <http://www.schreder.com/brs-pt/Produtos/Pages/Piano.aspx> [acedido a 23-09-2013]

Imagens 132;133;134 e 135 - Catálogo "SITURBAN": <http://www.archiproducts.com/pt/a117481/mobiliario-urbano-e-espacos-publicos-mobiliario-urbano-sit-urban-design-c722-p2.html> [acedido a 23-09-2013]

Imagem 138 e 139 - Afonso Cientista: <https://www.facebook.com/AfonsoCientista?fref=ts> [acedido a 23-09-2013]

Imagem 142 - PORTUGAL GLOBAL, aicep: *Mercados, informação global - Angola, Ficha de Mercado*. Julho de 2012  
 In: <http://www.gfn-acdd.com/angola/docs-angola/ficha-de-mercado-angola-pt> [acedido a 05-07-2013]

**Imagem 143** - <http://coisasdaarquitectura.files.wordpress.com/2010/06/tijolos-de-adobe0001.jpg> [acedido a 02-08-2013]

**Imagem 144** - [http://3.bp.blogspot.com/\\_QTQFItWsBmY/TP0zMxsl6GI/AAAAAAAAAB30/hEqh8o-CpYw/s1600/22-pau%2Ba%2Bpique.JPG](http://3.bp.blogspot.com/_QTQFItWsBmY/TP0zMxsl6GI/AAAAAAAAAB30/hEqh8o-CpYw/s1600/22-pau%2Ba%2Bpique.JPG) [acedido a 08-08-2013]

## INDICE DOS ANEXOS

Anexo I: Informação suplementar do Capítulo II .....	B
Anexo II: Informação suplementar do Capítulo III.....	D
Anexo III: Informação suplementar do Capítulo IV.....	G
Anexo IV: Portefólio com as Peças Desenhadas.....	I

## Anexos

### Anexo I: Informação suplementar do Capítulo II

#### Economia e Política

Segundo o aicep Portugal Global, no início da década de 70, Angola era um dos países mais bem-sucedidos e ricos dos Mundo, com grandes investimentos no petróleo, nos diamantes, nas inúmeras plantações de café, no algodão, no sisal, no ferro, no mármore e mais numas quantas outras pequenas culturas e industrias.

Possuía uma eficiente rede de transportes e as suas cidades ostentavam elevados índices de desenvolvimento mas ao submergir-se na imensa guerra a sua situação regrediu, ainda que com a paz instalada começa a caminhar novamente para a prosperidade.

Ao fazer uma reflexão entre o passado próspero, o tempo de estagnação e o presente em claro desenvolvimento verifica-se:

- No final da década de 1960 era considerado um dos maiores produtores mundiais de café. As plantações ficaram muito danificadas e abandonadas com a independência.
- O petróleo neste país só foi descoberto em 1955 e mesmo assim em 1975 era o terceiro maior produto. Hoje, é o segundo maior.
- Descobriram os diamantes em 1912. Na década de 70 já era o quarto maior produtor mundial e actualmente é um dos produtos mais importantes do país.
- Angola, nas décadas anteriores à guerra Civil, foi auto-suficiente nas principais culturas alimentares, excepto no trigo.
- A segunda maior floresta do mundo e com uma variedade incalculável de madeira fica situada em Cabinda.

Ao reflectir sobre os pontos acima mencionados, existe uma questão muito pertinente. Qual seria a situação actual de Angola se não tivesse sido o tempo em que tudo parou com a guerra?

Os dados seguintes servem para ter uma perspectiva das condições económicas actuais de Angola (ver imagem 142), tendo sido retirados da publicação: AICEP Portugal Global - Angola - ficha de Mercados (Julho de 2012)

Unidade monetária:	Kwanza de Angola (AOA) ou (KZ) 1 EUR = 119,04 AOA (média Junho 2012) 1 USD = 95,35 AOA (média Junho 2012)
Risco País:	Risco geral - B (AAA = risco menor; D = risco maior) Risco político - B Risco de estrutura económica - B
“Ranking” em negócios:	Índice 4,14 (10 = máximo) “Ranking” geral: 81 (entre 82 países) (EIU - Maio 2012)
Risco de crédito:	6 (1 = risco menor; 7 = riscomaior) (COSEC - Junho 2012)
Grau da abertura e dimensão Relativa do mercado (2010):	Exp. + Imp. / PIB = 81,6% Imp. / PIB = 20,2% Imp. / Imp. Mundial = 0,14%

	Unidade	2009 <sup>a</sup>	2010 <sup>b</sup>	2011 <sup>b</sup>	2012 <sup>c</sup>	2013 <sup>c</sup>	2014 <sup>c</sup>
População	Milhões	18,6	19,1	19,6	20,2	20,7	21,3
PIB a preços de mercado	10 <sup>6</sup> USD	75.493	82.470 <sup>a</sup>	104.576	123.433	145.007	170.058
PIB a preços de mercado	10 <sup>9</sup> AOA	5.989	7.580 <sup>a</sup>	9.803	11.801	13.841	16.042
PIB <i>per capita</i>	USD	4.070	4.320	5.330	6.120	7.000	7.990
Crescimento real do PIB	%	0,8	3,4 <sup>a</sup>	3,4	8,0	7,0	6,2
Consumo privado	Var. %	7,4 <sup>b</sup>	5,5	7,8	5,5	5,5	6,3
Consumo público	Var. %	12,0 <sup>b</sup>	7,5	12,2	7,5	6,0	7,0
Formação bruta de capital fixo	Var. %	7,0 <sup>b</sup>	0,5	13,0	8,0	7,0	7,0
Taxa de inflação	%	13,9	14,5 <sup>a</sup>	13,5 <sup>a</sup>	11,3	9,6	8,5
Saldo do sector público	% do PIB	-4,9 <sup>b</sup>	6,8	7,1	8,4	5,3	5,4
Dívida externa	10 <sup>6</sup> USD	16.616	18.562 <sup>a</sup>	18.779	19.865	19.886	20.013
Dívida externa	% do PIB	22,0	22,5 <sup>a</sup>	18,0	16,1	13,7	11,8
Dívida pública	% do PIB	24,1 <sup>b</sup>	22,8	18,1	16,9	15,7	13,5
Saldo da balança corrente	10 <sup>6</sup> USD	-7.572	7.421 <sup>a</sup>	16.017	20.199	17.292	19.168
Saldo da balança corrente	% do PIB	-10,0	9,0 <sup>a</sup>	15,3	16,4	11,9	11,3
Taxa de câmbio (média)	1USD=xAOA	79,33	91,91 <sup>a</sup>	93,74 <sup>a</sup>	95,61	95,45	94,33
Taxa de câmbio (média)	1EUR=xAOA	110,52	122,01 <sup>a</sup>	130,49 <sup>a</sup>	124,80	123,13	119,33

Fonte: The Economist Intelligence Unit (EIU) / ViewsWire May 22<sup>nd</sup> 2012

Notas:  
(a) Valores efectivos;  
(b) Estimativas;  
(c) Previsões  
AOA – Kwanza de Angola

Imagem 142 - Principais Indicadores Macroeconómicos de Angola

## Anexo II: Informação suplementar do Capítulo III

### Aldeias tradicionais angolanas

#### Técnicas de construção tradicionais<sup>90</sup>

Como tal, estas construções, que são o abrigo de milhares de pessoas, têm uma técnica de construção tradicional, com o uso dos materiais locais.

O uso de adobe é uma técnica de construção usada em várias partes do mundo, que usa o barro com uma pequena quantidade de areia.

- O barro é batido e modelado em formas de madeira (Ver Imagem 143)
- Sofre um processo de secagem à sombra e não recebe queima

A terra empregada no adobe é conseguida através da escavação do local de um lote, mas sem usar a primeira camada, por ser rica em matéria vegetal (se cheirar a mofo significa que ainda há vestígios dessa matéria). Normalmente antes de começar a real construção do adobe é retirado uma pequena amostra da escavação para testes.

A terra que pode ser usada nesta técnica é a de cor castanha e vermelha, mas a ideal é amarelo-claro.

Nesta experiência as proporções usadas são:

- Areia: 4 a 8 partes
- Argila: 4 partes
- Água: 4 partes

Para o adobe ficar mais resistente à humidade e ao desgaste do tempo é recomendado o uso de emulsão de alcatrão ou óleo queimado, havendo também a opção, e talvez a melhor, do uso de esterco, da adição de palha, capim ou folhas de pinho.

As fases para a elaboração do adobe são as seguintes:

- Preparação da terra - A terra deve ser amontoada e coberta com palha, assim ficar durante alguns dias até "azedar". Atirar-se para uma pá de areia duas de pó de esterco. Após a terra descansar, vai-se tirando determinadas quantidades, acrescentando água e misturando bem com os pés.
- Moldagem - Os blocos de adobe têm vários tamanhos, os mais usuais são 5x10x20, 8x10x40 e 10x15x30, sendo possível fazer moldes para várias figuras geométricas. Os moldes podem ser feitos de madeira ou metal e os extremos têm uma vareta para poder manusear-se. A madeira dos moldes deve estar limpa e lisa e para a sua impermeabilização aplica-se por exemplo uma camada de óleo queimado.

- Passos - Molhar o molde com água;  
 Jogar uma pá da mistura e bater bem nos cantos;  
 Jogar mais uma pá e nivelar a parte de cima;  
 Molhar as mãos e alisar a superfície;  
 Desenformar com cuidado;  
 Deixar secar por 20 dias antes de utilizá-los;

Para evitar deformações devem ser secos à sombra ou cobertos com folhagem e molhados regularmente, quando estiverem enrijecidos devem ser colocados em linha aberta para arejar e assim ficar 15 dias. Para fazer blocos mais leves são colocados materiais descartáveis como latas e garrafas.

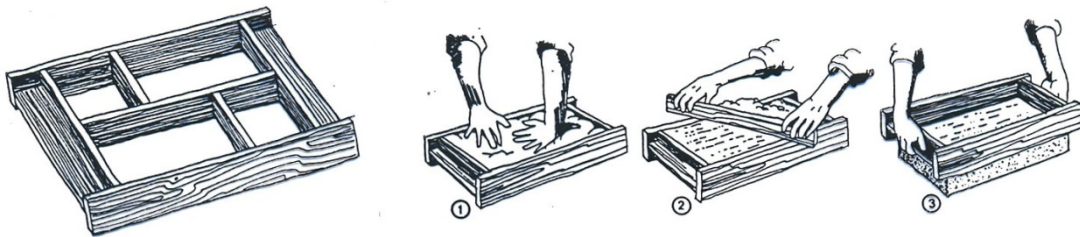


Imagem 143 - Esquema que explica a técnica de fazer adobe

Algumas vantagens do uso do adobe:

- É um material reutilizável - quando é cru pode ser triturado e humedecido para voltar ao seu estado inicial, não criando assim resíduos que contaminam o ambiente.
- É um material económico - normalmente encontra-se perto do local da obra e não exige gastos energéticos.
- Excelente regulador de humidade - tem propriedade que expulsam a água, pelas suas moléculas terem uma alta capilaridade. É pouco poroso.
- Bom isolador térmico
- Os materiais orgânicos misturados ficam preservados, evitando a propagação dos insectos.

As suas desvantagens são:

- Têm de ser protegidas da humidade - não é impermeável e desagrega-se se estiver em contacto directo com a chuva.
- Não é adequado para construções com mais do que o piso térreo.
- A quantidade e tipo de agregados (como a areia) dependem da argila e do lugar de onde é extraída.
- Ao secar corre o risco de ficar com fissuras - precisa de ser vigiado e humedecido.

Actualmente verificam-se algumas investigações para inovar a técnica do adobe, concluindo-se que a mudança deve estar na estabilização do solo, para melhorar a durabilidade, resistência, sustentabilidade e estética.

Para que tal aconteça é proposta a mistura da terra com pequenas quantidades de alguns materiais como o cimento, a cal entre outros.

Este avanço permite que o material não precise de tanto tempo para a sua produção o que possibilita responder às necessidades actuais, que se assentam na falta de grandes quantidades.

O pau-a-pique é uma técnica que usa o barro sobre uma armação de bambu (Ver Imagem 144).

- o Armação em bambu: Com o Bambu é feita uma estrutura onde são colocadas peças na orientação vertical nos vértices e na orientação horizontal no meio, de forma a criar quadrados que se seguram devido às ripas estarem entrelaçadas entre si. É recomendado a construção de uma fundação de pedra e que esta suba pelo menos 30cm para evitar a humidade. Depois é só escolher onde serão as aberturas, serrar e colocar uma estrutura “caixão” para sustentar os vãos.
- o Barro: O barro é seleccionado e misturado com água, com os pés, em seguida são feitas bolas com a mistura e as que não racharem podem ser usadas para a construção. O barro, para ser bom, deve ser areado com 60% de areia. Após algumas semanas da primeira aplicação devem ser colocadas mais duas camadas, na procura de melhor aperfeiçoamento e alisamento, que pode ser acompanhadas por cimento de cal para dar maior resistência.

Para a cobertura aplica-se uma estrutura em madeira, deixando um beiral de cerca de 50cm para proteger as paredes da chuva e o revestimento da cobertura pode ser em palha, folhagem de coqueiro, palha de buriti e barnaúba.



Imagem 144 - Construção de Pau-a-pique

## Anexo III: Informação suplementar do Capítulo IV

ULTRAMAR, Ministério: *Carta de Angola - levantamento Aerofotogramétrico, Carmona n° 59 (ano 1967)*. Instituto Geográfico do Exército; Lisboa.



## Anexo IV: Portefólio com as Peças Desenhadas

A Proposta/projecto final encontra-se definida e apresentada através das peças desenhadas, que estão no Portefólio anexo a esta dissertação.

Todas as peças desenhadas, tanto de análise como de projecto tiveram a mesma base, o Google Earth. No entanto houve um esforço para se conseguir o maior rigor possível, tendo em conta a escassez de material disponível.

### No total existem **16** folhas de desenho técnico:

- **Folha 1:** Cidade de Uíge (escala 1:2000; tamanho A0)
- **Folha 2:** Esquema da Estrutura Geral da Cidade de Uíge (escala 1:2000; tamanho A0)
- **Folha 3:** Praça da independência - Implantação do Existente (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 4:** Praça da independência - Proposta (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 5:** Praça da independência - Proposta Completa (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 6:** Praça da independência - Espaço venda/exposição (escala 1:100; tamanho A1)
- **Folha 7:** Praça da independência - "Cantina"- café (escala 1:100; tamanho A1)
- **Folha 8:** Praça da independência - Edificados (escala 1:100; tamanho A1)
- **Folha 9:** Praça da independência - Anfiteatro e ruas adjacentes (escala 1:200; tamanho A0)
- **Folha 10:** Eixo de Centralidade - Espaço Positivo (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 11:** Eixo de Centralidade - Espaço Negativo e Axialidades (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 12:** Eixo de Centralidade - Curvas de Nível (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 13:** Eixo de Centralidade - Edificado Existente (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 14:** Eixo de Centralidade - Nº de Pisos e Estado do Edificado (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 15:** Eixo de Centralidade - Proposta (escala 1:1000; tamanho A1)
- **Folha 16:** Eixo de Centralidade - Rua (Escala 1:100; tamanho A1)